



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: uma proposta pedagógica nas
três dimensões do conteúdo**

LAERCIO CLARO PEREIRA FRANCO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Sub-área Pedagogia da Motricidade Humana).

Setembro- 2008



LAERCIO CLARO PEREIRA FRANCO

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo.

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana).

Orientador: Profa. Dra. SURAYA CRISTINA DARIDO

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Setembro de 2008

LAERCIO CLARO PEREIRA FRANCO

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana)

Comissão examinadora

Prof^a Dr^a Suraya Cristina Darido (UNESP)

Prof^a Dr^a Silvana Venâncio (UNICAMP)

Prof^a Dr^a Gisele Maria Schwartz (UNESP)

Rio Claro, setembro de 2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, principalmente aos meus filhos e à minha esposa, que souberam me compreender, e a me suportar, no decorrer dos meses de elaboração deste.

AGRADECIMENTOS

Teria uma lista infindável de pessoas para agradecer, pois percebi que o desejo de divulgar minha experiência e estudos e de publicá-los, não era só meu. Fui muito incentivado por todos meus colegas de trabalho e que comigo conviveram no dia-a-dia de desafios e experiências. Com certeza vou esquecer de citar alguém importante, por isso, peço de antemão o perdão e quando me lembrar agradeço pessoalmente ou insiro o nome em edições futuras. Mas, que fique claro: não é falta de consideração e sim, puro esquecimento nesse momento, nesse agora.

Colegas como a professora Claudia M. Bertolini, professor João T. Rodrigues e diretora Ivanise T. Rodrigues, foram fundamentais na aplicação das Atividades Físicas de Aventura na escola e de outros tantos conteúdos diferentes dos tradicionais por mim, junto com eles, inseridos no meio escolar. Agradeço pelo apoio e incentivo.

Agradeço ao meu compadre Claudio Kovacsics, com quem montei cursos de sobrevivência, montanhismo, espeleologia e outros, na década de 80, bem antes de saber que seria possível inseri-los na minha profissão e que se transformariam numa área linda da Educação Física. Com ele descobri a maioria das aventuras que pratico.

Meu eterno professor e mentor João Batista Freire da Silva, com certeza, tem uma parcela deste trabalho, pois desde que pensei em entrar para o programa do mestrado, me deu muita força e me fez sentir poderoso, inclusive mais do que deveria e poderia.

Aos professores das disciplinas pertencentes ao programa do mestrado da UNESP, Rio Claro, às quais acumulei créditos, os meus sinceros agradecimentos. Com certeza vocês influenciaram neste trabalho e em minha prática docente atual. Taty, Gisele e Afonso: VALEU!

Mas, existem algumas mulheres que realmente foram as “mulheres de minha vida” para que o sonho dessa publicação acadêmica acontecesse. Se não fosse minha querida professora, e amiga-confidente, Silvana Venâncio, com certeza meu trabalho continuaria sendo observado apenas pelos meus alunos e colegas. Estaria recluso no mundinho delicioso e afetuoso das escolas que lecionava. Silvana, praticamente, me obrigou a voltar ao meio acadêmico e me colocou frente à frente com vários dos grandes nomes da Educação Física de hoje. Sou eternamente grato por toda ajuda que me deu e continua me dando, em todos os caminhos da vida.

Poucas vezes havia sentido uma sintonia de idéias, desejos e convicções como a que senti, e sinto com minha orientadora e professora Suraya Cristina Darido. Bastou um dia de aula e um almoço, para eu descobrir que ela era a mulher acadêmica de minha vida. Foi um presente divino conhecer e estar próximo de uma profissional digna, ética, competente e, se não bastasse, simpática e carinhosa. Dona de uma incrível sensibilidade, com pouquíssimo tempo de convivência já me inseriu no Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF) que coordena na UNESP de Rio Claro. Confiou-me tarefas importantes e me deu todo amparo e subsídios para que nascesse essa publicação. Suraya, muito obrigado de coração! Se você não existisse...

Não posso deixar de agradecer minha mãe, pois ajudou a formar meu caráter e me ensinou a sempre tentar fazer o melhor. Ela me ofereceu estrutura e as oportunidades para que me tornasse o que sou hoje. Mãe, muito obrigado.

Mas os maiores agradecimentos vão para a maior mulher dessa minha vida e, talvez de outras: minha esposa Ana Paula Saciloto Marques Franco, a Plim. Nos piores momentos de angústia e ansiedade, de dúvidas e fraquezas, ela esteve presente de corpo e alma, me suportando, me empurrando, me corrigindo, me amando...! Esse namoro de duas décadas supera as dimensões conhecidas, criando um mundo à parte: o nosso. Se houver mais de um Deus, sou devoto da deusa Plim. Te amo muito.

RESUMO

As Atividades Físicas de Aventura são uma realidade, fruto de um grande desenvolvimento ocorrido principalmente nas duas últimas décadas. São eventos relacionados ao *Surf*, *Skate*, *Ralis*, Corridas de Aventura, entre muitos outros, vivenciados em várias faixas etárias. Além disso, As Atividades Físicas de Aventura estão sendo largamente difundidas em documentários sobre expedições e reportagens ecoturísticas que envolvem várias de suas modalidades, tais como: *Rapel*, Tirolesa, Corrida de Aventura, *Trekking* ou, ainda, outras atividades chamadas esportes radicais. Essas práticas têm atraído a prática e o consumo de grande parte dos jovens e adultos brasileiros, chegando a competir, em preferência, com alguns esportes tradicionais do país. É preciso incentivar a prática das Atividades Físicas de Aventura (A.F.A.) também na escola é, o que significa estreitar relações com as discussões sobre preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Assim, o objetivo desse estudo foi arrolar uma série de atividades relacionadas às Atividades Físicas de Aventura possíveis de serem realizadas na escola, apontando as três dimensões do conteúdo. Explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do currículo comum da Educação Física como valor de conhecimento, tanto quanto qualquer dos conteúdos tradicionais da área. Foram apresentadas, enquanto possibilidades pedagógicas de atividades de aventura nas três dimensões dos conteúdos (Procedimental, Conceitual e Atitudinal), os seguintes temas; - Corridas de Orientação, *Trekking* ou Enduro à pé; - Montanhismo; - Atividades sobre Rodas; - Atividades Físicas de Aventura Aquáticas. Os resultados do estudo indicam que é possível inserir A.F.A. na escola; que essas atividades são significativas pedagogicamente e são bem aceitas pela comunidade escolar.

PALAVRAS CHAVES: Atividades Físicas de aventura, Educação Física escolar, Esporte de aventura na escola.

ABSTRACT

Adventure Physical Activities are a reality today, as a result of a great development occurred mainly in the last two decades. They consist of events related to Surf, Skate, Ralis, Adventure Races, among others, experienced in several different age groups. Moreover, Adventure Physical Activities have been largely broadcast in documentaries about expeditions and eco-touristic reports involving several modalities, such as Rapel, Tirolesa, Adventure Race, Trekking and other activities called extreme sports. These activities have attracted the attention and participation of a great number of Brazilian teenagers and young adults, and they have been even competing in preference with some traditional sports in the country. It's necessary to encourage the practice of the Adventure Physical Activities also in the schools, what would mean to make closer relations with the discussions on environment conservation and sustainable development. So, the objective of this research was to list_a range of activities related to the Adventure Physical Activities which can be practiced at school, pointing out the three dimensions of the content. To explore and describe these activities as a real pedagogical possibility at school, capable of being part of the common curriculum of Physical Education as a knowledge value, as much as any of the traditional contents of the area. The following themes were presented as pedagogical possibilities of adventure activities in the three dimensions of content (Procedural, Conceptive, and Behavioral): Orienteering, Trekking, or Enduro a pé, Mountain Climbing, Activities on Wheels, Adventure Physical Activities in Water. The results of the research indicate that it is possible to introduce Adventure Physical Activities in schools, that these activities are meaningful from a pedagogical standpoint, and well accepted by the school community.

KEY WORDS: Adventure Physical Activities, Physical Education (PE), Adventure Sports at School.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
1. INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVO.....	17
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	18
2.1. AS DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA.....	18
2.2. POR QUE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA?.....	30
2.3. QUAIS SÃO E COMO SÃO DIVIDIDOS AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA	39
2.4. O QUE E COMO ENSINAR AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA.....	42
2.5. PROCESSO DAS AULAS	52
3. MÉTODO.....	57
4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS, NAS TRÊS DIMENSÕES DO CONTEÚDO	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	114
ANEXO 1	115
ANEXO 2.....	120

Difícil, para um aventureiro, deixar de
colocar a frase:

“Da natureza nada se tira, a não ser fotos;

Nada se deixa, a não ser pegadas;

Nada se leva, a não ser lembranças;

Nada se transforma, a não ser sua alma.”

(autor desconhecido)

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Pessoa)

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de um sonho desde antes da formatura na graduação em Educação Física, na FEF UNICAMP, em 1989. Tendo deixado a medicina de lado por me apaixonar por uma Educação Física diferente proposta por esta instituição, em Campinas, conheci, logo no primeiro ano, professores importantes, de renome, que infiltraram suas influências em cada molécula de meu ser. Em especial, o professor João B. Freire, Roberto Paes, Jocimar Daolio e a professora Silvana Venâncio me atraíram para suas idéias intrigantes e de vanguarda para a época.

Com uma bolsa de iniciação científica no segundo ano e orientado pelo professor João, descobri o mundo da pesquisa científica e, principalmente, a enxergar o corpo como algo realmente humano, no seu sentido mais complexo, imprevisível, impossível de ser copiado, plenamente belo e contemplativo. O corpo com movimento intencional, o gesto carregado de significado! Ter o poder de conseguir olhar para a atividade física de uma pessoa e enxergar além das capacidades e habilidades físicas, vislumbrando emoções, empenho, uma história de vida que transcende o “agora”, uma história carregada de simbolismo e perfeitamente possível de ser melhorada.

Com o passar dos anos, fui ficando exigente com meus desejos em relação ao quê e como agir dentro da Educação Física e, no último ano da graduação, decidi que deveria estudar cientificamente algo que mudasse os paradigmas vigentes da área. Sem nenhum pudor e com uma sensação de onipotência típica de formandos, encaminhei um projeto ao CNPq intitulado “Educação Física Holística: uma proposta de equilíbrio” que objetivava unir teorias e práticas das várias referências e correntes da área, tendo como

alicerce e pano de fundo, teorias orientais de meditação, yoga, autoconhecimento, **maior contato com a natureza**, entre outras teorias acadêmicas e esotéricas. Sim, uma utopia, mas encorajada pelo João Freire e aceita pelo CNPq.

Dois meses após me formar e iniciando a pesquisa, descobri que iria ser pai. Três meses depois, casado e empregado, fui deixando de lado o sonho de “revolucionar” a Educação Física, ao mesmo tempo em que arquivava meu lado cientista. Descobri amargamente que pesquisa não sustentaria minha família e que, mesmo se quisesse, dificilmente revolucionaria a área. Então posterguei o sonho de publicações, porém não aquilo que aprendi na faculdade: inovar. Por todos os empregos que passei busquei disseminar novidades e idéias originais, fruto da influência de meus mestres.

Poderia apresentar como proposta de estudos inúmeras possibilidades oriundas dessas experiências, mas escolhi uma que abraço com carinho e que, se não tivesse esperado meus filhos crescerem para me dedicar ao sonho antigo de “revolucionar o Mundo da Educação Física”, certamente seria bem mais vanguarda do que é hoje.

Escolhi para apresentar ao programa do mestrado desta instituição um conteúdo que inseri no Ensino Médio de uma escola privada em 1994, após perceber, ao ser contratado, que os alunos estavam desinteressados pelos conteúdos tradicionais e por aquilo que vinha sendo desenvolvido anteriormente. Propus aos alunos, numa decisão reflexiva e participativa, conteúdos como: defesa pessoal, massagem, yoga, consciência corporal, entre outros. Mas o conteúdo eleito pela grande maioria foi Atividades Físicas de Aventura e, no decorrer desses anos, foi incorporado ao currículo da Educação Física daquela escola, com muito sucesso, estando no mesmo grau de aceitação dos outros esportes tradicionais.

Lógico que não recebi este conteúdo em minha graduação (década de 80). Conteúdos diferentes, normalmente, são peculiaridades pessoais, *hobbies* ou atividades praticadas nas horas de lazer ou no ócio ativo.

No meu caso específico, já era experiente nessas atividades. Tive uma vivência no exército em cima de técnicas de superação de obstáculos naturais, sobrevivência na selva e organização de empreitadas em equipe no campo. Depois desta fase me juntei a alguns amigos, em meados da década de 80, e começamos, como *hobby*, a realizar pequenas expedições, principalmente à Mata Atlântica. Com o tempo, fomos nos

especializando e tornamo-nos espeleólogos (estudioso e aventureiro em cavernas) e montamos um curso de “Sobrevivência”, formando várias turmas de aventureiros.

Com essa bagagem de conhecimentos, percebi a possibilidade que se apresentou naquela escola, inseri as Atividades Físicas de Aventura, com o nome de Montanhismo Selvagem e coloquei meus poucos equipamentos à disposição das aulas. Com o desenrolar das atividades, e o sucesso do conteúdo, a escola adquiriu parte dos equipamentos e, no decorrer dos anos, o acervo de materiais foi sendo engrandecido pela APM (associação de pais e mestres) e pelo Grêmio Estudantil, com doações de equipamentos específicos de montanhismo.

Inseri outras modalidades na escola, como algumas atividades sobre rodas, por exemplo, e pude sentir que o conteúdo Atividade Físicas de Aventura (A.F.A.) é muito bem recebido pelos alunos adolescentes e permite uma ampla gama de possibilidades interdisciplinares, tendo muita chance de sucesso em outras escolas. Entendo que a Educação Física está demorando a apropriar-se desse conteúdo tão bem explorado pelos laços do ecoturismo.

O sucesso desse conteúdo da Educação Física atraiu outras disciplinas, chegando a compor um “estudo de campo”, integrando-se com biologia, geografia, química, física e história, com vivências e coletas de dados na natureza.

Achamos que incentivar a prática das Atividades Físicas de Aventura (A.F.A.) na escola é, também, estreitar relações com as discussões sobre preservação ambiental, desenvolvimento sustentável e outros conceitos levantados na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro e que vêm se desdobrando até hoje. Compactuamos com as idéias de Constantino (1997) onde afirma que “(...) *O aumento das práticas do desporto que supõe a presença de elementos naturais, como espaço indispensável à sua realização, faz de imediato surgir à óbvia necessidade de defesa da natureza o que supõe um código de conduta desportiva na sua utilização.*” (CONSTANTINO, 1997, p. 121). Acreditamos que deveríamos trabalhar mais a possibilidade de o aluno estar próximo à natureza, contextualizando sua preservação e sua valorização, por meio dos prazeres inerentes à prática esportiva ou físico-lúdica.

Ao capacitar os alunos a incursões à natureza presumimos que estamos viabilizando um maior contato com fatores que envolvam o meio ambiente, a ecologia e a manutenção da biodiversidade, caracterizando as intenções interdisciplinares supracitadas.

Sabemos que já existem, em algumas escolas particulares, paredes de escalada artificiais e que algumas turmas já realizaram viagens ecoturísticas com vivências em Atividades Físicas de Aventura. Em minha proposta não pretendo abordar a simples vivência das A.F.A., mas sim, como parte do currículo de conteúdos do ano da Educação Física da escola, abordando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais (DARIDO; RANGEL, 2005), inclusive em caráter interdisciplinar com outros componentes curriculares, seguindo a linha pedagógica proposta no Projeto Político Pedagógico.

Colocamos, então, como objetivo desse estudo analisar algumas possibilidades pedagógicas de incluir as Atividades Físicas de Aventura nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente para as turmas de jovens e adolescentes, como um dos conteúdos curriculares, efetivando-as como propostas pedagógicas no currículo comum das escolas.

A mudança de paradigma do “*fazer*” pedagógico dos docentes, sabemos, é lenta, porém possível; e trabalhos como este podem servir como uma brisa que visa fazer chegar odores de transformação à *praxis* docente. Apenas estou contribuindo com uma pequena parcela, como uma missão, talvez como uma AVENTURA.

"Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros foram."
(Graham Bell)

1. INTRODUÇÃO

Se fôssemos trabalhar temas relacionados ao meio ambiente na área de Educação Física, qual conteúdo específico da área estaria mais próximo? E se estivéssemos na escola, quais atividades poderiam ser escolhidas para trabalhar meio ambiente com os alunos? Os conteúdos da Educação Física tradicionalmente lecionados na escola não têm dado conta da abordagem desta temática: meio ambiente e natureza. No máximo, com a boa vontade do professor da área, poder-se-ia fazer relações de atividades de resistência e outras capacidades físicas, em caminhadas, remadas, pedaladas e algumas outras atividades.

Em muitas escolas a área de Educação Física atua como coadjuvante quando alguma turma de alunos vai estudar fora da escola, os chamados “estudos do meio” ou “estudos de campo”. Em geral o professor da área é chamado para auxiliar esses estudos por conseguir controlar melhor os alunos em ambientes abertos e não por manter conexões com esses conhecimentos, ficando à margem dos objetivos das outras disciplinas e dos Temas Transversais propostos pelos PCNs (BRASIL, 1998).

Na perspectiva de área de conhecimento, a Educação Física escolar pode atuar também como progenitora desses “estudos do meio”, pois possui conteúdos significativos para isso. São pouquíssimos utilizados na escola e conseguem dar conta

especificamente da abordagem dos temas relacionados ao meio ambiente e à natureza. Estamos falando das Atividades de Aventura ou da Natureza ou Radicais¹.

As Atividades Físicas de Aventura já são uma realidade, fruto de um grande desenvolvimento ocorrido principalmente nas duas últimas décadas. São eventos relacionados ao *Surf*, *Skate*, *Ralis*, Corridas de Aventura, entre muitos outros, vivenciados em várias faixas etárias. Além disso, As Atividades Físicas de Aventura estão sendo largamente difundidas em documentários sobre expedições e reportagens ecoturísticas que envolvem várias de suas técnicas e modalidades, tais como: *Rapel*, Tirolesa, Corrida de Aventura, *Trekking* ou, ainda, outras atividades chamadas esportes radicais. Esses esportes têm atraído a prática e o consumo de grande parte dos jovens e adultos brasileiros, chegando a competir, em preferência, com alguns esportes tradicionais do país. Já existem revistas e outros periódicos² especializados nestes temas, selecionando muitos adeptos e curiosos de diversas modalidades relacionadas.

No meio acadêmico também tem aumentado as publicações a respeito dessa temática, como, por exemplo, em TAHARA (2004), UVINHA (2003) e GERMIGNANI (2004), entre outras.

Cantorani; Pilatti (2005) afirmam que muitos dos esportes modernos tomaram forma a partir de atividades ancestrais sendo, então, institucionalizados com regras específicas e por entidades gestoras. Possivelmente, no decorrer desta evolução, descobriu-se um nicho com o uso do termo "aventura", ou seja, um segmento do mercado esportivo que oferece novas oportunidades de prática e de negócio.

A superação de obstáculos naturais forçou o homem a criar técnicas e equipamentos no caminhar destes séculos, que serviram de base para as aventuras de hoje, sejam para conquistadores de verdade, competidores esportivos ou aventureiros de final de semana, todos em busca de “algo mais” em suas vidas.

“As expectativas presentes no ser humano em busca de alternativas com maiores qualidades frente à exacerbação centrada na cultura do trabalho e do consumo,

¹ Essa terminologia será discutida mais a frente.

² Alguns dos títulos atuais: Camera Surf, Cemporcento Skate, Invicto, Mundo Aqua, O2, RunningBR, Trip e Webventure.

podem recair sobre a crescente procura por vivências mais significativas, tornando as atividades de aventura junto à ambientes naturais uma nova perspectiva, no sentido da tentativa de preenchimento desta inquietação humana em busca da melhoria da qualidade existencial.” (TAHARA, 2004, p.05)

Entendemos ser esta busca uma necessidade inerente aos cidadãos nos vários segmentos da sociedade e que o fluir do que vemos hoje não passa de uma constatação de um sentimento de retorno à essência humana e de aproximação às suas origens ancestrais. Atualmente, essa necessidade é vivenciada principalmente no tempo livre, no uso do ócio ativo, ou como profissão, sendo estendido ainda para a escola, que, como agente de formação do futuro adulto e de sua cidadania, deve se alicerçar com propostas de contextualização desta tendência.

Da Costa (1997) afirmou que a vertente axiológica originária das relações natureza-desporto tem se concentrado na busca, no desenvolvimento e legitimação da prática desportiva desde o século XIX. O autor cita, ainda, temas ligando o esporte e a natureza no Congresso Mundial Científico “Desporto na Sociedade Moderna” e no Conselho da Europa, na “Carta Européia do Desporto para Todos”, ambos na década de 70. Essas afirmações mostram que o interesse pela temática natureza-esporte vem crescendo desde há muito tempo, porém vagarosamente.

Todo esse processo teve impulso determinante em 1992 com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92 e as mesas redondas e temas discutidos sobre Homem, Cidade e Natureza, além da Assembléia do Comitê Olímpico Internacional, no mesmo ano, que discutiu compromissos com relação ao respeito ao meio ambiente. O autor anteriormente citado resume:

“... a reconciliação factual do desporto com a natureza submetida a ameaças é, todavia reflexo do que ocorre com a sociedade como um todo. Neste particular a evolução do desporto nos anos 90 mostrava expansão das soluções contratualistas, destacando-se casos localizados de normatização da proteção ambiental apoiados por recomendações gerais, ao estilo dos documentos emitidos pelo Conselho da Europa...”. (DA COSTA, 1997, p.66)

Da Costa (1997) ainda cita o Comitê Organizador dos jogos Olímpicos de Inverno em Lillehammer, 1994, que decidiu transformar o evento numa demonstração de como compatibilizar, em alto nível de exigência, arquitetura, cultura e meio ambiente. Cita, ainda, que diversas federações alemãs definiram normas para praticantes e para construção e readaptação de instalações esportivas, voltadas para a proteção ou conservação da natureza. Modalidades como ciclismo, orientação, vela e motor, montanhismo e corridas, entre outras, constavam nesta normatização.

Toda essa preocupação já demonstrada há mais de dez anos na Europa demorou a chegar ao Brasil e, principalmente à Educação Física, sendo absorvida por outros setores de vários segmentos sociais, que estão se movimentando e ganhando espaço. Esse movimento da sociedade foi aproveitado, por exemplo, pela mídia, que percebeu a possibilidade de transformação dessa ligação esporte-natureza, em esporte espetáculo e em fins mercadológicos, cedendo um bom espaço para os esportes radicais, de aventura e de natureza em seus vários setores, sobretudo nos canais de TV (aberta e fechada), jornais, revistas e em programas de turismo.

Diante dessas características nos questionamos: por que essas atividades corporais não entram na escola? Será que os alunos, como futuros cidadãos, estão tendo acesso a um leque de informações que lhes permitirão escolher atividades físicas fora daquelas tradicionais esportivas? A falta de materiais pedagógicos, nas escolas, é fato, mas isso pode ser impedimento para implantarmos conteúdos diferentes dos tradicionais? O que os alunos poderiam aprender tendo contato com algumas dessas práticas? Como desenvolver estas atividades de aventura na escola?

Pensamos que, uma das funções principais da Educação Básica, é formar adequadamente o aluno e fazer com que a passagem da adolescência para a vida adulta seja equilibrada. Torcemos para que, ao se formar, a vida desse jovem esteja repleta de opções e que tenha amadurecimento e autonomia para escolhas certas e, com uma boa educação, isso parece ficar mais fácil. Acreditamos que, no caso da Educação Física, quanto maior o leque de conhecimentos de qualidade adquiridos no decorrer da Educação Básica, juntamente

com uma condição sócio-econômica adequada, maior será a autonomia desse jovem na escolha apropriada das atividades físicas, para o resto de sua vida.

1.1 Objetivo da Pesquisa

O principal objetivo desse estudo é arrolar uma série de atividades relacionadas às Atividades Físicas de Aventura possíveis de serem realizadas na escola, apontando as três dimensões do conteúdo. Explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do currículo comum da Educação Física como valor de conhecimento, tanto quanto qualquer dos conteúdos tradicionais da área.

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.”

(Merleau-Ponty)

2. REVISÃO DA LITERATURA.

Em nossa peregrinação em busca de dados que subsidiassem o tema, aqui, por nós proposto, encontramos autores, textuais e virtuais, que circundavam indiretamente nossos objetivos. Apesar de não serem específicos, foram de grande mérito na validação de nossas afirmações e suposições, criando o alicerce para nossas justificativas e propósitos.

2.1- AS DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

Antes de adentrarmos aos conceitos e definições das A.F.A. devemos ter uma noção da origem dessas atividades, mesmo que apenas para nos situarmos numa inebriada linha do tempo ou, até, para compararmos com conteúdos absorvidos pela Educação Física há mais tempo. Para isso, podemos utilizar os trabalhos de Cantorani; Pilatti (2005), pois afirmam que:

(...) ao longo da evolução humana, sempre existiram práticas que envolvessem desafios e aventuras em que fortes emoções se faziam presentes. Contudo, tais práticas não podem ser chamadas de "esportes de aventura", pelo fato, é claro, de que não eram atividades esportivas, pelo menos não no sentido que é atribuído

hoje à expressão. E, por fim, estas não eram dotadas da função que o esporte assumiu mais recentemente em nossa sociedade. (CANTORANI; PILATTI, s/p., 2005)

Esses autores defendem o surfe como precursor das A.F.A. como os entendemos hoje, sendo sua origem secular (por volta do século XVIII, ou antes, se considerarmos as lendas), porém difundido a partir da primeira década do século passado, pelo havaiano Duke Kahanamoku. No Brasil, o surfe chegou na década de 50, no Rio de Janeiro e, em 1965, foi fundada a Federação Carioca. Os autores acreditam que, partindo, então, desse esporte, outros foram sendo incorporados a esta terminologia, uns criados a partir do próprio surfe como: *skysurf*, *snowboard*, *windsurf*, *wakeboard* etc., e outros esportes não derivados dele.

Outras modalidades poderiam reivindicar esse pioneirismo e não estariam equivocadas, como o montanhismo, por exemplo. As primeiras técnicas de montanhismo foram desenvolvidas em Chamonix, na França, no século XVIII e, de lá pra cá, essa atividade não parou mais de crescer (RADICAL, 2007). Esses exemplos são apenas ilustrações, pois não intencionamos defender nenhum pioneirismo ou origem, apenas estamos situando a essência do que hoje chamamos Esportes de Aventura ou Atividade de Aventura. Mesmo por que, se formos considerar a presença do ser humano nas cavernas, em travessias de montanhas e em outras explorações e conquistas, estaríamos situando estas atividades em termos de milênios.

Independente dos precursores, vários dos autores pesquisados (COSTA, 2000; MARINHO; BRUHNS, 2003; entre outros) concordam que a partir dos anos 70, houve um grande desenvolvimento das Atividades de Aventura, tanto em diversificação, quanto na organização dessas modalidades. Em consequência, vem ocorrendo uma diminuição do nível de riscos envolvidos, pois nos últimos anos passaram a contar, devido à demanda, com empresas especializadas em equipamentos de segurança, que, por sua vez, se tornam cada vez mais sofisticados. No Brasil, o salto das A.F.A., confirmado por esses autores citados, aconteceu a partir dos anos 80 e hoje se equipara aos outros países.

Os diversos autores citados neste trabalho já discutiram as A.F.A. com certa profundidade, porém, em sua maioria, dentro do universo do lazer ou na área do treinamento, em modalidades específicas. Vamos nos concentrar nos conceitos, mas não deixaremos de discutir as terminologias, inclusive para afirmarmos a escolhida por nós.

Vários foram – e são - os termos utilizados nessas práticas e, por serem um fenômeno social razoavelmente recente, parece-nos ainda distante uma definição que uma corporativistas que tomaram para si o pioneirismo ou conceito sobre suas atividades. Assim como Betrán (2003) podemos resumir algumas dessas várias terminologias.

Essas atividades já foram chamadas esportes californianos, em razão da origem de várias das modalidades nessa região; *novos esportes* considerando-os diferentes dos tradicionais e inovadores; esportes técnicoecológicos, fazendo referência à associação dos equipamentos utilizados para a prática de diversas modalidades com seu uso na natureza; esportes em liberdade, negando regulamentações típicas de outros esportes vinculados às federações e ambientes delimitados por linhas, quadras, ginásios, estádios, etc.; esportes selvagens, pelo caráter natural e numa comparação oposta aos locais típicos urbanos e estruturados dos outros esportes; esportes radicais, típica gíria de surfistas e skatistas da década de 80 e pelo cunho fundamental das sensações e exposições a perigos relacionados à altura, vertigens, deslizamentos, entre outros; esportes extremos, em razão do grau de exposição à situações em que ocorrem descargas de adrenalina - grau máximo de medo, susto e superação de limites; esportes de ação, numa provável referência à manifestação de força e de energia do corpo agindo sobre implementos, numa tentativa de controle sobre os efeitos da natureza; esportes alternativos, aludindo-se à conveniência de escolher atividades físicas que não sejam as tradicionais e em locais fora do comum. Vão se ampliando, assim, as terminologias empregadas, de acordo com o público e os locais de prática.

Esportes de Aventura, Rádicaes, de Ação... Qual seria, então, a melhor terminologia a ser usada para estas práticas na escola? Talvez exista a necessidade de melhor definir esses termos, haja vista a complexidade destas nomenclaturas.

Cantorani; Pilatti (2005) utilizam os termos “Esportes Rádicaes” e “Esportes de Aventura” como sendo a mesma coisa. Tahara (2004), utilizando terminologia sugerida

por Betrán (2003), denomina Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN – como toda e qualquer atividade feita em meio natural, portadora de características peculiares, envolvendo os aspectos do risco controlado e permeado pelo limite das vivências lúdicas, numa busca pelas sensações e emoções junto ao meio natural. Uvinha (2001) generaliza, unificando os termos para esportes radicais, porém escreve seu trabalho em torno apenas do skate.

Terezani (2004), em sua dissertação de mestrado, não se preocupa com terminologias, mas conceitua essas práticas como sendo “atividades que exprimem radicalidade”, já que essas práticas são muito conhecidas como Esportes Radicais. A palavra radical vem do latim, *radicalis*, um adjetivo que significa “que possui raiz” e, segundo o Novo Dicionário Aurélio (AURÉLIO, 1995, p. 548) complementa, radical é relativo à fundamental, inflexível, sugerindo um “sim ou não” na prática dessas atividades. Ou se consegue fazer ou não; ou se tem coragem ou não. Para a escola esse tipo de conceito reduz as possibilidades de integração de todos os alunos, e suas diferenças, nas vivências da aula. Portanto, a nosso ver, não podemos “exprimir radicalidade” nas aulas de Educação Física Escolar.

Javier O. Betrán, espanhol, doutor em Filosofia e Ciências da Educação, influenciou muitos pesquisadores brasileiros, ao discutir as Atividades de Aventura no âmbito do Lazer e Turismo e sua prática no ócio ativo, tornando-se hoje citação obrigatória na maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados ao tema aqui proposto. Esse filósofo defende a terminologia Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e as define assim:

“As AFAN são práticas individuais que se fundamentam geralmente no deslizamento sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio dinâmico para evitar quedas e a velocidade de deslocamento, aproveitando as energias da natureza (eólica, das ondas, das marés, dos cursos fluviais ou a força da gravidade), constituem os diversos níveis de risco controlado nos quais a aventura se baseia. (BETRÁN 2003, p. 165).

Betrán (2003) consegue uma boa definição, porém extrapola a generalização do termo AFAN quando as classifica e quando as apresenta em um gráfico que ocupa duas páginas expostas no capítulo de sua autoria no livro “Turismo Lazer e Natureza” (in MARINHO; BRUHNS, 2003, p.175, 180 e 181), incluindo como sendo Atividades Físicas de Aventura na Natureza a modalidade Skate, notadamente uma prática urbana, além de motos e veículos 4X4, cujas práticas na natureza são discutíveis do ponto de vista da preservação do meio ambiente. Com certeza, o termo AFAN foi exaustivamente discutido como opção de terminologia na Espanha e em alguns grupos acadêmicos brasileiros, mas a nosso ver, não se encaixa como termo a ser usado pelos adolescentes escolares e como prática esportiva, no sentido analisado a partir dos fundamentos da teoria que envolve o jogo.

Marinho (1999) prefere o termo Atividades de Aventura, definindo como sendo:

“(...) as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente, nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas - terra, água ou ar. (...) requisitam a natureza para seu desenvolvimento e representam, de alguma forma, práticas alternativas e criativas de expressão humana (MARINHO, 1999, p. 62)

A autora, em seus textos, é mais abrangente, unindo, quase sempre, os conceitos citados acima, afirmando, por exemplo, que são atividades cercadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios (como no caso dos esportes tradicionais e de práticas corporais como a ginástica e a musculação). Bruhns (2003) ainda lembra que a experimentação acontece de maneira mais

direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados com fortes emoções relacionadas ao Inlix³ esportivo.

Realmente, o termo Atividades de Aventura é muito bom, agradável de ouvir e de se utilizar. A palavra “atividade” contém a força da ação em sua raiz e minimiza as práticas de caráter competitivo, tão inerente à palavra “esporte”, o que não precisa ser obrigatoriamente utilizado na escola. Porém, o termo Atividades de Aventura não deixa implícita a ação corporal do praticante. O indivíduo pode estar completamente passivo corporalmente, como assistindo a um filme de aventura ou a uma prova competitiva de alguma das diversas modalidades da área, confortavelmente sentado numa arquibancada e afirmar estar participando de Atividades de Aventura.

Na tentativa de buscar uma terminologia única para esses tipos de atividades podemos cometer erros graves ou nos antecipar a uma futura definição assumida culturalmente pelo meio social dos adeptos, já que existe, como já visto, o uso indiscriminado, por seus praticantes, dos mais diversos termos, nas mais diversas regiões há décadas. Montanhismo se confunde com alpinismo, que se confunde com escalada ou trabalho em altura, que são chamados esportes de natureza, de aventura ou radicais. Porém, radicais também são esportes típicos urbanos, como skate e patinação, mas que, hoje em dia, são conhecidos como *ex-games*⁴, onde também estão presentes técnicas e esportes de aventura como *Rapel*, escalada, etc., típicos da natureza e, assim, está feita a confusão. Em suma, não temos a pretensão de unificar os termos ou especificar esta ou aquela definição como sendo a definitiva.

³ Bruhns (2003) nos explica que este é um termo coletado por CAILLOIS (1990) para caracterizar o conjunto de jogos que trata do risco calculado, imprevisível, onde nos entregamos a um nível psicológico incontrolável. O autor, em seus estudos sobre o jogo, ainda se refere à competitividade (*agon*), sorte e azar (*Alea*) e jogos de interpretação (*mimicry's*) (BRUHNS, 2003, P.31).

⁴ Abreviação de *extreme games* – jogos extremos – em referência aos jogos e apresentações de modalidades de Esportes de Aventura por parte de profissionais que conseguem atingir situações de desequilíbrio, inversões e deslizamentos em grande velocidade e com grande habilidade.

O Ministério do Turismo, entendendo que essas atividades estão associadas ao Ecoturismo, adotou o termo Turismo de Aventura⁵ e percebeu que, atualmente, esse segmento possui características estruturais e consistência mercadológica próprias e de grande vulto financeiro. Conseqüentemente, seu crescimento vem adquirindo um novo leque de ofertas, possibilidades e questionamentos, que precisam ser compreendidos para a viabilização e qualificação do segmento (BRASIL, 2006). Esse Ministério tomou a iniciativa de criar o Projeto de Normalização e Certificação em Turismo de Aventura, que tem como entidade executora o Instituto de Hospitalidade (IH). O foco do projeto é a identificação de aspectos críticos da operação responsável e segura do turismo de aventura, que levem ao desenvolvimento de um conjunto de normas técnicas para as diversas atividades que compõem o setor.

Enquanto os setores da Educação Física adormeciam nas modalidades tradicionais da área, o Turismo se adiantou e assimilou para si a maior parte das iniciativas referentes a esse novo setor. As capacitações de pessoas que trabalham com Atividades de Aventura estão sendo dirigidas, principalmente pela ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura – ligada ao Ministério do Turismo. Foram criadas comissões de estudo sobre os diversos temas ligados ao Turismo de Aventura e aberta uma consulta nacional para cada um deles.

O termo adotado pelo Ministério do Turismo para designar essas práticas foi Atividades de Aventura e é definido da seguinte forma:

“A palavra aventura – do latim *adventura* – o que há por vir, remete a algo diferente. Neste conceito, consideram-se atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas como

⁵ “O conceito de Turismo de Aventura fundamenta-se em aspectos que se referem à atividade turística e ao território em relação à motivação do turista, pressupondo o respeito nas relações institucionais, de mercado, entre os praticantes e com o ambiente. Nesse contexto, define-se que ***Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo***” (BRASIL, 2006, p.9)

liberdade, prazer; superação, a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada atividade”. (BRASIL, 2006, p.9).

Portanto, essa conceituação deixa de fora o termo Esportes de Aventura e o próprio documento do Ministério justifica, afirmando que *“as atividades denominadas esportivas, sejam ou não de aventura, quando entendidas como competições, denominam-se modalidades esportivas e são tratadas no âmbito do segmento Turismo de Esportes.”* (BRASIL, 2006, p.10). A Educação Física Escolar pode, e deve, deixar espaço para as manifestações competitivas, mesmo em se tratando de Atividades de Aventura, desde que, no nosso entendimento, não seja exacerbando o rendimento e o desempenho atlético. Assim, a Educação Física Escolar tem condições de ir além dessa conceituação, inserindo em seu conteúdo as modalidades de aventura competitivas.

O Ministério do Turismo ainda afirma que o Turismo de Aventura pode ocorrer em quaisquer espaços: natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não. Além disso, pode ser abordado sob diferentes enfoques, dependendo dos prestadores de serviço. Fica clara, em todo o documento, a amplitude dos tentáculos do Turismo nas ações referentes à área em questão, apropriando para si, inclusive, as práticas corporais efetivas das modalidades, chamando-as de *atividades tradicionalmente ditas turísticas (hospedagem, alimentação, transporte, recreação e entretenimento, recepção e condução de turistas, operação e agenciamento)* (BRASIL, 2006, p.11). As práticas corporais que deveriam ficar a cargo da área da Educação Física foram assumidas pelo turismo, inclusive com frases do tipo: *“Entende-se, portanto, que as atividades de aventura, neste caso, também são consideradas turísticas”* (BRASIL, 2006, p.11).

Talvez, neste momento, essas modalidades estejam sendo exploradas com mais competência sob a tutela do Turismo, não só por ter enxergado todo esse movimento antes da Educação Física, mas, também, pela incompetência e vagarosidade com que esta última demorou a se aperceber do imenso potencial e beleza dessas práticas. Sem contar a escassez de profissionais preparados para atuar nas diversas modalidades exploradas.

Mas, voltando à discussão da terminologia, utilizaremos o termo que entendemos ser o mais interessante para o uso da Educação Física Escolar e que possa ser

amplo o suficiente para ser possível a abordagem dos mais variados tipos de modalidades e intenções de suas práticas. Utilizaremos o termo Atividades Físicas de Aventura (A.F.A.), diferenciando do Ministério do Turismo, que entende estas práticas somente como entretenimento, e de outros autores, como Marinho e Bruhns. Achamos que essas atividades mostram diversas possibilidades educativas, ampliando experiências e vivências dentro da escola, a começar pelas esportivas. Concordamos com Paes (2001) ser o Esporte “um fenômeno sócio-cultural de múltiplas possibilidades” e que o esporte pertence ao universo do Jogo, no sentido estudado e defendido por Freire (2002) e Scaglia (SCAGLIA in VENANCIO; FREIRE, 2005).

As A.F.A. podem ser cooperativas, podem ser não cooperativas, podem ser inclusivas, coletivas, introspectivas; e podem ser, também, tudo isso ao mesmo tempo. As A.F.A. são uma fragmentação das teorias que envolvem o desporto e o jogo. Apesar de ser um assunto polêmico, nos afinamos com Scaglia (2005) quando ressalta que os esportes são englobados pela teoria do jogo e que, como afirma o autor,

“(...) o jogador joga o jogo e é jogado por ele numa relação interdependente e complexa. O jogador traz para o jogo seus desejos e vontades advindas e construídas ao longo de sua história de vida concomitante ao ambiente com o qual se relaciona. Já o jogo reúne os desejos e as vontades de outros que jogaram e lá os deixaram ao serem absorvidos, para que outros sejam jogados pelos desejos da humanidade⁶ ao mesmo tempo em que a transformam. Portanto, ao compreender-se o jogo enquanto um sistema complexo, torna-se possível superar a discussão relativa a sua fragmentação, tanto em partes quanto em tipos. (...)”. (SCAGLIA, in VENANCIO; FREIRE, 2005, p.65).

Ao adentrar ao mundo das Atividades Físicas de Aventura, o adolescente se deixa envolver por esse mundo do jogo, seus desejos e vontades relacionadas simbolicamente às aventuras advindas daquilo com que já teve contato em sua história de vida: filmes, reportagens, livros, fotos, etc.

⁶Segundo Scaglia (2005) humanidade: termo cunhado por Jacquard para representar a contribuição de todos os homens, de outrora ou de hoje, para cada homem (SCAGLIA in VENANCIO; FREIRE, 2005).

Em vários dicionários, encontramos a definição da palavra Aventura de forma bem semelhante. De modo geral, Aventura é definida como “*empresa ou experiência arriscada, perigosa incomum, cujo fim ou decorrência são incertas. Acontecimento imprevisto, surpreendente; peripécia*” (AURÉLIO, 1995, p. 75). Como afirmam Paes, Scaglia e outros autores a imprevisibilidade é característica marcante do jogo, assim também são as A.F.A. uma atividade de risco calculado e que, se seguidos os protocolos específicos de segurança para cada modalidade, podem ser praticados pelos jovens escolares, com níveis baixíssimos de perigo e poucas chances de acidentes.

Gostaríamos de aprofundar um pouco mais o porquê de inserir competições esportivas no âmbito das A.F.A, considerando o esporte, como já afirmado anteriormente, componente do jogo. São inúmeros os trabalhos sobre “o jogo” e suas conceituações, sendo Huizinga (1980) uma das maiores referências em se tratando do estudo do lúdico e definição do jogo. O autor afirma que:

“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente concedidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido, de tensão e de alegria, e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’” (HUIZINGA, 1980, p. 33)

Se considerarmos que as “*regras livremente concedidas, mas absolutamente obrigatórias*”, quando usadas na aventura, são, principalmente, as regras de segurança, essa definição se encaixa seguramente na prática das modalidades de aventura. Além disso, qual Atividade Física de Aventura não acompanha “*um sentido, de tensão e de alegria, e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’*”?

Achamos também que não é tão simples quando encaramos a complexidade do jogo a partir daquilo que se encontra por detrás de sua simples prática. É algo que está velado e que ao mesmo tempo encanta. É esse mistério que muitos autores tentam revelar, porém, assim como o amor, somente experimentando pode-se comprovar. Scaglia (2005) demonstra essa intrincada missão em seus estudos sobre o assunto quando afirma que “*(...) o jogo se caracteriza como uma unidade complexa, envolto pela organização sistêmica de*

suas estruturas padrões, definida pelo seu ambiente (contexto)” (SCAGLIA in VENÂNCIO; FREIRE, 2005, p. 49). A aventura é mais um desses sistemas, porém ainda em fase de assimilação pela sociedade e, demoradamente, pela Educação Física na escola.

Se pensarmos como João B. Freire, cuja leitura sobre o jogo não descarta a história de vida do praticante, teríamos uma idéia melhor do porquê das Atividades Físicas de Aventura atrair tanto o público jovem, quanto o adulto, pois certamente esse é um dos motivos para se praticar um novo jogo. Freire (2002) afirma que “*O jogo é uma coisa nova feita de coisas velhas. Quem vai ao jogo leva para jogar as coisas que já possui, que pertencem ao seu campo de conhecimento (...)*”(FREIRE, 2002, p. 119).

Invariavelmente, os adeptos das A.F.A. já tiveram alguma história em algum outro jogo, seja na escola, clube ou coisa parecida. Ao descobrirem e praticarem essas novas modalidades, carregam consigo experiências vivenciadas na imprevisibilidade e simbolismo, típicas do jogo, para a descoberta de novas emoções e de experiências incomuns ou renovadoras.

Fizemos uma busca na *internet* utilizando as palavras chaves ‘Esportes’ e ‘Aventura’ e encontramos dezenas de *sites* abordando essa temática, principalmente oriundos de periódicos, ONGs e empresas de turismo de aventura (ver alguns destes *sites* selecionados nas referências bibliográficas). O termo Esportes de Aventura é, disparado, o mais utilizado por toda a comunidade que lida com Atividades Físicas de Aventura, inclusive a maior feira anual da América Latina que trata do tema, utiliza o nome *Adventure Sports Fair*, (Feira de Esportes de Aventura), com representantes das mais diversas áreas relacionadas.

A mídia televisiva também utiliza o termo Esportes de Aventura mais que qualquer outro. Talvez, expressar Esportes de Aventura seja o senso comum e o termo mais atraente para os jovens escolares, porém, inadequado como terminologia usada no ensino formal.

Os PCNs consideram esporte como “*(...) práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional.*” (BRASIL, 1998, p. 70) e as Atividades Físicas de Aventura, como já visto, vão além do conceito esportivo,

adentrando aos setores do lazer e recreação, podendo ter uma maior flexibilidade nas regulamentações e na adaptação dos espaços e materiais disponíveis.

Bruhns (2003) afirma que a demanda por essas novas práticas está mais centrada na busca por emoções e sensações em detrimento da procura por uma *performance* e um treinamento ascético, estes últimos, requisitos para os esportes tradicionais como para o denominado *body building*, onde o músculo representa um rótulo de vigor e saúde ou de força moral. Neste sentido, a autora acredita ser indevido o termo esporte para qualificá-las.

Depois de levantados todos esses conceitos e fundamentações e utilizando-os em aula, acreditamos que, para leigos, as terminologias “Atividades de Aventura” ou “Esportes de Aventura” se encaixariam bem na escola como termos de conteúdo das aulas de Educação Física, mas ao nosso entender, como sistematizadores do conteúdo e do conhecimento, os educadores têm a função e o poder de ultrapassar o senso comum e adentrar aos campos da seleção e erudição da cultura e do conhecimento. Diante das conceituações já exercidas em toda a nomenclatura levantada o termo **Atividades Físicas de Aventura** atinge os alunos de uma forma mais abrangente, deixando abertas as possibilidades de um conteúdo que tratará de práticas corporais de caráter competitivo ou não, mas que exprimem imprevisibilidade e um determinado e controlado risco⁷ a ser superado no meio urbano (como o skatismo, por exemplo), ou na natureza, ou em simulações desta em meio urbano.

⁷ “Entende-se por risco a combinação entre a probabilidade da ocorrência de um determinado fato e as possíveis conseqüências. Promover o controle de tais riscos significa adotar e implementar, de forma sistemática, um conjunto de normas e técnicas específicas na busca da qualidade da experiência turística e da gestão de segurança.” (BRASIL, 2006, p 11).

“O estudo em geral, a busca da verdade e da beleza são domínios em que nos é consentido ficar crianças toda a vida.”

(Albert Einstein)

2.2- POR QUE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA?

Se pensarmos que, na escola, estamos ajudando a formar cidadãos autônomos e críticos, inseridos na sociedade, cabe a nossa área também proporcionar, ao futuro adulto, informações suficientes para a escolha de atividades que possam ocupar o tempo livre desse cidadão (DARIDO; RANGEL, 2005). Os esportes tradicionais, amplamente tratados na grande maioria dos currículos de Educação Física escolar, podem dar conta de atender ao gosto de uma boa parcela dos formandos da Educação Básica, aqueles que virão a ser adultos, para o futuro uso do ócio ativo, nas suas horas de lazer, mas temos a convicção que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas.

A importância do lazer em nossa sociedade, e principalmente dentro das diversas áreas da Educação Física, é indiscutível, como destaca Bruhns (1994) afirmando que o fenômeno do lazer vem se apresentando como justificativa para muitas práticas e opções de vida; a sociedade vem se urbanizando cada vez mais, em consequência do avanço industrial; mudam-se as concepções, os conceitos e os comportamentos.

Não é objetivo deste estudo colocar em discussão o lazer e todo seu universo de pesquisa e relevância, apesar do tema ser tão pouco abordado e considerado nos meios acadêmicos é atualmente um dos elementos que tem aparecido com mais destaque na vida

cotidiana, especialmente quando o assunto é qualidade de vida (UVINHA, 2001). Sabemos, também, que ao fornecer aos adolescentes informações sobre atividades na natureza e esportes alternativos aos tradicionais, estaremos aumentando suas opções de uso do tempo disponível já na idade em que se encontram, mas, principalmente, na fase adulta, em que sua liberdade de escolha e independência aumentam significativamente.

Dentro dessas discussões do uso do tempo livre deve estar inserido o papel da escola na amplitude das informações transmitidas aos alunos. Dentro da área de Educação Física, a presença do desporto nas escolas é marcante. Será que é tão difícil assim mudarmos o paradigma esportivo já tão discutido por um grande número de autores? As escolas de formação estão se atualizando, a passos lentos, mas já existem referenciais suficientes para ampliar a visão dos futuros docentes, pois não há dúvidas que a área de Educação Física, principalmente no setor escolar, teve grande desenvolvimento nos últimos vinte anos.

(...) Os cursos de graduação (...) passaram a ter suporte teórico de referenciais originais e criativos provindos de várias áreas do conhecimento e de diferentes autores. (...) Outro dado importante dos últimos anos foi a formação de mestres e doutores na área, que possibilitou que os cursos de Educação Física ganhassem densidade acadêmica e os profissionais egressos dessas instituições pudessem basear-se em abordagens ou teorias para atuarem nas escolas(...)” (DARIDO; RANGEL, prefácio, 2005)

Apesar de, hoje em dia, haver várias concepções e de muito mais publicações na área de Educação Física, parece que professores com práticas tradicionais têm um grande poder de influência sobre a prática de professores mais novos, que acabam reproduzindo os mesmos conteúdos que tiveram quando eram alunos da Educação Básica, com concepções ultrapassadas. Por que não acontecer o contrário, o professor novo influenciar os mais antigos?

Franco et al. (2006 ‘a’) realizaram um estudo no qual levantaram questões sobre o fazer pedagógico dos professores de Educação Física permanecer em descompasso com a evolução das discussões da área. As principais dificuldades enfrentadas para que as

mudanças sejam efetivadas são: *investimento estrutural nas escolas, formação continuada dos professores, valorização do profissional da área, coordenação pedagógica interessada, fiscalização sobre a prática, crenças pessoais e formação acadêmica de qualidade* (FRANCO et al. p. 18, 2006 'a'). Os autores ainda afirmam que, juntamente a estes pontos, a importância do surgimento e utilização de referenciais teóricos que efetivamente atendam aos professores em suas necessidades, poderiam ser os responsáveis por contribuir, de uma forma positiva, para modificar o cotidiano das aulas e dos profissionais de Educação Física no Ensino Médio.

Para se incluir novos conteúdos na escola é preciso superar barreiras e, talvez, a tradição das práticas esportivas seja a mais difícil delas. Mas, há muitas outras, pois não podemos nos esquecer que vivemos num país de terceiro mundo, com grande parte da população passando por carências de diversos tipos.

Sabemos da restrição de oportunidades, da capacidade financeira e até mesmo da dificuldade de acesso às informações culturais das classes sociais mais baixas. Não é finalidade deste estudo analisar as causas, soluções e situações da população carente e miserável brasileira. Apenas julgamos, como já foi afirmado, ser importante, aos alunos das escolas de qualquer nível social, terem acesso aos conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento.

A Educação Física brasileira possui várias tendências, desde a tecnicista, passando pela psicomotricidade e saúde renovada, até chegar às tendências desenvolvimentista, às críticas, à construtivista e aos PCNs (DARIDO; RANGEL, 2005), entre outras possíveis, cada qual com suas vantagens e desvantagens e com um conjunto de conhecimentos possíveis de serem discutidos no ambiente escolar. No interior dessas tendências não é possível observar restrições quanto à inclusão de A.F.A., sendo possível mais em uma, menos em outra, mas praticável em todas. Aliás, na Espanha, as A.F.A., de acordo com Sanches (2001) já são tratados como uma tendência da Educação Física na escola há vários anos.

Defendemos as A.F.A. na escola, pois acreditamos que esse conhecimento e suas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às

estruturas pobres das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do “Saber” com o “Saber Fazer”, sensações que estimulem as emoções dos adolescentes e os estimulem com desafios e superações de seus limites.

Essas emoções baseadas no risco fictício, provocado, calculado e imaginário são características típicas das A.F.A. e mexem com o simbolismo da maioria das pessoas, envolvendo-as.

O símbolo se apresenta com um valor existencial. Ele sempre visa à realidade ou a situação que determina a existência humana. Revela uma particularidade do real que não é evidente na experiência imediata, captada pelos sentidos físicos. Sua principal característica é a multivalência, articulando as realidades heterogêneas num conjunto, integrando-se num sistema que gira ao redor de um centro: a integridade do homem. (COSTA, 2000, p. 4)

Se o que queremos é formar um cidadão íntegro, devemos novamente questionar: por que privar jovens adolescentes das Atividades Físicas de Aventura? Essas atividades multivalentes por natureza, claramente simbólicas, que se alinham com o gosto dos adolescentes, principalmente para os das séries finais da Educação Básica, já deveriam fazer parte do currículo comum nas escolas de formação superior há muito tempo e presentes no ensino regular. Diversos setores da sociedade já aderiram às A.F.A. ou se deixaram influenciar por essa realidade, que ocupa, por exemplo, a vestimenta e a moda dessa faixa etária adolescente e adulta-jovem. A área escolar da Educação Física tem sido de uma morosidade exemplar quando se trata de incorporar novidades e descobertas da Cultura Corporal de Movimento.

Ao contrário, os turismólogos, como já foi visto, perceberam há muitos anos ser as Atividades Físicas de Aventura uma área emergente e passaram a explorá-la, com todos os seus tentáculos. Podemos ter uma idéia dessa organização conhecendo uma das associações vinculadas aos órgãos que dirigem o turismo no país, a Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura, a A.B.E.T.A. (ABETA, 2007).

Uma opção para grande parcela da população são viagens de finais de semana ou de férias, enfim o turismo. Essa indústria movimenta bilhões anualmente no

Brasil e no mundo e, segundo dados do Ministério do Turismo, pode estar influenciando a área de Educação Física.

A oferta de negócios desse segmento contabiliza, aproximadamente, 2.039 empresas e instituições atuantes no mercado brasileiro, no qual as atividades de caminhada, arvorismo, cachoeirismo e canionismo aparecem com destaque como as mais oferecidas pelas empresas. Nesse panorama, esse tipo de turismo apresenta possibilidades de criação e ampliação de negócios de modo contínuo e rápido para, de forma ordenada, sistêmica e sustentável, atender ao mercado doméstico e internacional. (BRASIL, 2006, p. 35)

Esse dado passa a ser mais significativo quando pensamos em quais são os responsáveis pelas práticas corporais dessas atividades de aventura. Será que são os profissionais da área de Educação Física? Essa é uma discussão cabível nas aulas de Ensino Médio, pensando no aluno, como futuro cidadão, quando for escolher uma empresa de turismo de aventura para a prática de alguma modalidade. É discussão de extrema importância para a área de Educação Física, pois entraria no âmbito do objeto de estudo da área, em contrapartida com o uso dessas práticas corporais pelos turismólogos, porém não aprofundaremos esta questão, devido aos objetivos deste estudo.

E não é somente empresas turísticas que estão ganhando com as Atividades Físicas de Aventura, cidades como Brotas, Socorro, Salesópolis, e outras (só citando o Estado de São Paulo), antes com economia baseada na agricultura, hoje com empresas bem estruturadas em diversas modalidades do ramo de aventuras, atraem milhares de adeptos, iniciantes ou experientes nessas práticas, gerando receitas significativas e mão de obra para seus municípios.

Nosso país é privilegiado quando nos referimos à natureza. O Brasil possui geografia e clima propícios para a maioria das atividades relacionadas à aventura. A imensidão do litoral, as montanhas, rios, cavernas e, inclusive, facilidades urbanas favorecem imensamente a prática dos Esportes de Aventura. A população escolar desses locais deveria ter acesso a informações sobre essas práticas e o contexto delas na região em que vivem.

Podemos justificar a inclusão das A.F.A. na escola por meio de várias de suas modalidades. Possuímos, por exemplo, milhões de praticantes de esportes com prancha. Somente na modalidade *skate*, segundo pesquisa realizada em setembro de 2006 pela Datafolha, e presente no *site* da Confederação Brasileira de *Skate*, há quase 3.200.000 domicílios brasileiros que possuem pelo menos um morador que tem um *skate*, aproximadamente 6% dos domicílios brasileiros conforme o IBGE, portanto, são mais de três milhões de praticantes e milhares de competidores, sendo alguns deles campeões mundiais recentemente (CBSK, 2007). Além disso, esses equipamentos se popularizam a cada dia, facilitando seu acesso pelas diversas camadas sociais.

O *skate* é praticado eminentemente no meio urbano, mostrando a simbiose de ambientes onde as A.F.A. podem estar presentes, podendo ser praticado tanto por profissionais super equipados, como por amadores leigos e iniciantes. Portanto, um conteúdo possível de ser incluído na escola e pela Educação Física.

Outra modalidade de prancha é o surfe que, no Brasil, possui um número de praticantes parecido com o dos skatistas, mais de dois milhões (MBA, 2007), e com o privilégio nacional dos mais de oito mil quilômetros de um propício litoral para a prática desse esporte e de muitos outros em ambientes aquáticos e prazerosos.

Falamos de uso das A.F.A. no tempo livre, na recreação e no contexto do lazer, e também como prática esportiva, então temos que fazer referências dessas práticas com o prazer, com bem estar, pois é isso que procuram seus praticantes. É esperado que alguém escolha para fazer recreativamente em seu tempo livre uma atividade de deleite, que encante, com a qual possa gozar de distração e fuga do cotidiano, mesmo tendo situações de medo como atrativos e desafios. Nesse sentido, foram feitos estudos para saber sobre o porquê da procura das A.F.A como lazer, recreação e uso do tempo livre.

Tahara e Schwartz (2003), numa pesquisa de campo, estudaram quais as principais atividades de aventura na natureza, usufruídas no âmbito do lazer, bem como, procuraram identificar os motivos de aderência, interesses da população e frequência semanal de prática, em relação a tais manifestações. Eles concluíram que:

“A busca pelo prazer, pela emoção e pela aventura podem representar importantes elementos potenciais na perspectiva de alterações de atitudes e valores, características fundamentais ligadas ao hábito destas práticas, capazes de interferir na perspectiva de mudanças de estilos almejada no mundo contemporâneo.” (TAHARA; SCHWARTZ, 2003, s/p.)

Os dados do estudo anterior foram obtidos por intermédio de um questionário, o qual foi aplicado a uma amostra constituída por 25 adeptos dos diversos tipos de atividades em integração com o meio natural, com idades variando entre 25 e 55 anos, de ambos os sexos. Escolhemos uma das questões para análise:

- Quais seus principais interesses na prática das atividades de aventura na natureza?

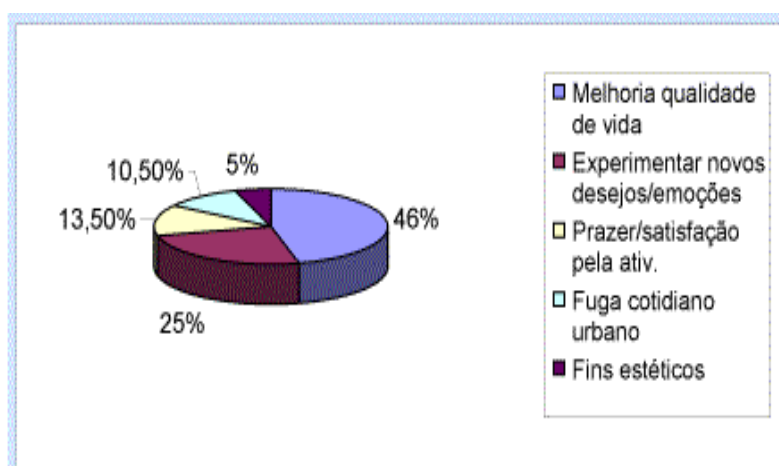


figura 1: (TAHARA; SCHWARTZ, 2003)

Entendemos que, independente das divisões do gráfico anteriormente citado, todos os adeptos avaliados praticam as A.F.A. para seu próprio deleite, na busca do bem estar. Quase metade dos entrevistados busca a melhoria da qualidade de vida, ou seja, quem quer melhorar a qualidade de vida, logicamente, quer ter mais prazer. Somente sado-

masoquistas gostariam de experimentar novos desejos/emoções ruins, o que não parece ser características do público que procura atividades na natureza. Mesmo tendo a presença do medo em várias situações de aventura, este não parece ser uma emoção negativa, mas sim um fator motivador para estas práticas. Portanto, 25% querem novos desejos/emoções prazerosas e assim em diante. Todos em busca da felicidade.

Segundo Csikszentmihalyi (1992) prazer é a sensação agradável que vem da satisfação de necessidades fisiológicas e felicidade é a sensação agradável não oriunda das necessidades fisiológicas, possível de ser alcançada intencionalmente. Sabemos que é possível, às pessoas, estarem felizes no seu dia-a-dia, mas a ida para a natureza, numa fuga do cotidiano, pode, no mínimo, servir de incremento para suas vidas, animar, entusiasmar o desenvolvimento pessoal. Mas também pode servir de mudança de valores. Schwartz (2002) ainda constatou, utilizando trabalhos de Feixa (1995) e Teruya (2000), que os praticantes de A.F.A. encontram maior presença de estímulos e sensações de prazer nas modalidades na natureza do que nas atividades esportivas convencionais.

Com os dados obtidos em suas pesquisas, Schwartz (2002), concluiu que pessoas que buscam modalidades de aventura na natureza, procuram vivências mais espontâneas e significativas, numa fuga da rotina estressante e do caos urbano, intermediando a integração entre necessidade e prazer, ou seja, querem melhorar a qualidade de vida.

Em suma, entre a popularidade de algumas modalidades esportivas, o prazer e as horas de lazer, são muitas as razões para incluirmos as A.F.A. na escola. Dentre as já citadas, e outras não abordadas, destacamos as seguintes:

- alinhar da Educação Física com as propostas de preservação ambiental;
- expor um conteúdo pouco explorado na escola, mas bem difundido pela mídia e presente na sociedade;
- tornar as aulas mais interessantes, haja vista a situação atual das aulas de Educação Física na escola;
- ampliar a possibilidade de trabalho dos cinco eixos pedagógicos preconizados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM,

BRASIL, 1998): Identidade, Diversidade, Autonomia, Interdisciplinaridade e Contextualização;

- tratar valores relacionados à Cultura Corporal de Movimento, tais como: respeito às diferenças e limites do outro, cooperação, desenvolvimento de diversas habilidades motoras, superação dos próprios limites, entre outros.

Trabalhar as A.F.A. na escola, no mínimo ampliará o leque cultural do futuro adulto, aumentando o poder de escolha sobre o que fazer nos momentos de lazer, do uso do ócio, do tempo livre, podendo, inclusive, escolher modalidades como prática esportiva.

“Bom dia, natureza
 Pulmão da terra mãe
 Portal da cor, futuro
 Cada nascer do sol
 Carinho, companheiro
 É como se a paz
 Cobrisse o mundo inteiro
Terra, água, fogo e ar
 Quero o sabor, o som
 Quero tocar, visão
 Cheiro de vida
 E um mar de gerações (...)”
 (Ricardo Silveira/Milton Nascimento)

2.3- QUAIS SÃO E COMO SÃO DIVIDIDAS AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

Parece-nos que a divisão das A.F.A. encontrou um ponto de confluência na grande maioria das publicações acadêmicas, por parte dos praticantes das diversas modalidades e na mídia. Se juntássemos todas as modalidades de Atividades Físicas de Aventura e fossemos classificá-las, como faríamos? Que critérios utilizaríamos?

Há várias possibilidades de agrupamento, tais como: tipo de impacto no meio ambiente; características motoras envolvidas; níveis de perigo; tipos e quantidades de equipamentos, tipo de energia envolvida, entre outras. Cada classificação, certamente deixará de contemplar algum aspecto específico, devido à enorme quantidade de modalidades e suas especificidades. Aparentemente, os espanhóis escolheram um modelo que facilitou a categorização dessas dezenas de modalidades. Segundo afirma Betrán (in MARINHO; BRUHNS, 2003), a escolha da classificação utilizada na Catalunha, e posteriormente na maioria das publicações no Brasil, foi a seguinte:

“Partiu-se da lógica aristotélica que assinalava os três grandes meios, **terra, água e ar**, como ‘a origem de todas as coisas’; as diversas ramificações que derivam desses três meios físicos se distinguem claramente e sua classificação lógica

permite uma classificação útil” (BETRAN in MARINHO; BRUHNS, 2003, p.175).

Concordamos com a utilidade dessa categorização, pois, ao selecionarmos diversas modalidades das A.F.A. foi possível enquadrá-las nesse modelo com grande clareza, principalmente no momento de localizá-las em aula para os adolescentes. Poderíamos, ainda, viajar no simbolismo alquímico⁸ e colocar o quarto elemento presente nas A.F.A, o fogo, representando as emoções de quem experimenta a prática de modalidades típicas e sente a adrenalina “queimar” o corpo antes, durante e após as vivências.

As inúmeras modalidades de aventura poderiam estar assim divididas:

Modalidades Terrestres: *trekking* (ou caminhada), escalada, skatismo, esqui, trenó, *mountain bike* (pedalar em trilhas), *caving* ou espeleologia (exploração de cavernas).

Modalidades Aquáticas: canoagem, *rafting* (descida de corredeiras em bote inflável), *canyoning* (exploração de um rio ou cânion), mergulho, *cascading* (descida de cachoeiras), surfe, windsurfe (prancha a vela), *kitesurf* (surfista preso com sua prancha a uma espécie de pipa).

Modalidades Aéreas: pára-quedismo, *bungee jump* (salto de uma plataforma preso por cordas elásticas), *rope swing* (salto pendular preso por corda), asa delta, balonismo, *Paragliding* ou parapente (aeroplano, semelhante ao pára-queda, possível de se controlar sua ascendência e direção).

Esses exemplos de algumas modalidades das A.F.A. e sua classificação nos dão uma dimensão das possibilidades e amplitude desse conteúdo. Deixamos de lado, nos exemplos acima, as A.F.A. motorizados, ou com algum artefato mecânico, por julgarmos não serem adequados para uma abordagem escolar. Porém, devemos frisar que, apesar das questões ambientais e da deteriorização dos locais, conseqüente das práticas dessas

⁸**Alquimia** é uma tradição antiga que combina elementos de química, física, astrologia, arte, metalurgia, medicina, misticismo, e religião. proquimica.iqm.unicamp.br/alquimia, acesso em maio de 2007. A palavra Alquimia vem do árabe, Al-Khemy, que quer dizer "a química". Sua origem perde-se no tempo, apenas sabemos que existiram alquimistas na China milenar, bem como na Índia. Mas para nós ocidentais, o berço da alquimia é o Egito. A alquimia é baseada na crença de que há quatro elementos básicos - **fogo**, ar, terra e água e três essenciais: sal, enxofre e mercúrio. (NICOLSI, 2008)

modalidades, elas pertencem ao universo das A.F.A. e podem ser classificadas nos mesmos protocolos das outras modalidades. Portanto, jipes 4X4 e outros *off roads* (veículos fora de estrada - terrestres), lanchas e *jetsky* (espécie de moto aquática), ultraleves e asas deltas motorizadas (entre outras modalidades aéreas) podem ser abordadas da mesma forma por outros tipos de estudo.

Existem outras modalidades de A.F.A. não exemplificadas aqui, mas que normalmente derivam dos modelos citados acima, porém existe uma modalidade específica que engloba várias outras. Trata-se da “Corrida de Aventura”, competição multidisciplinar que há quase duas décadas vem crescendo muito no mundo todo e no Brasil, contando com calendário anual de vários eventos e provas espalhadas por todas as regiões do país e do mundo. Podemos encontrar diversas modalidades nessas provas, mas as mais comuns são *trekking*⁹, orientação, *mountain bike*, canoagem e técnicas verticais, principalmente o *Rapel* (descida de penhascos preso numa corda) e Tirolesa (travessia de um ponto a outro pendurado em um cabo) em trajetos que variam de dezenas a centenas de quilômetros. Normalmente, são realizadas em locais de natureza bem preservada e ambiente rústico.

Existe outra modalidade que tem ajudado muito a difundir as A.F.A no Brasil, pois famílias inteiras podem praticá-la juntas e sua montagem não apresenta grandes dificuldades nem locais de difícil acesso. Trata-se do Arborismo, ou Arborismo, que é a travessia entre plataformas montadas no alto das copas das árvores, onde os praticantes percorrem um trajeto suspenso, ultrapassando diferentes tipos de obstáculos, como escadas, pontes suspensas, tirolesas e outras atividades que podem ser criadas. Além de árvores, postes também podem servir de base para a prática do esporte (PEREIRA, 2007).

Enfatizamos essas duas últimas modalidades por estarem aparecendo em parques temáticos, hotéis e vários meios de divulgação ultimamente e por julgarmos que podem ser absorvidas pelo meio escolar.

⁹ Difícil saber quando o trekking teve origem, uma vez que as caminhadas estão ligadas a história do homem seja nas conquistas, como na busca de conhecimento de novos lugares. A palavra tem origem na África do Sul pelo povo branco de origem holandesa nascidos na África, que viajava meses a pé, carregando seus pertences. O verbo *trekken* significa migrar com o significado de sofrimento e resistência física. Com a chegada dos colonizadores a palavra foi aproveitada, no EUA ainda encontramos termos como *backpacking* e *hiking* (ROCHA, 2008)

“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”
(Mário Quintana)

2.4-O QUE E COMO ENSINAR AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA

Este capítulo tem a intenção de discutir o que pode ser ensinado de A.F.A. na escola e como fazê-lo. Fornecemos sugestões a partir de experiências vivenciadas na prática e idéias, que nem sempre servirão para a realidade do dia-a-dia do professor, em qualquer instituição, mas talvez um modelo a se adaptar numa determinada escola, para um determinado grupo ou geração. Nossa experiência, fortificada pelos apontamentos de Darido; Rangel (2005) mostra que o mesmo conteúdo, na mesma escola, para a mesma série, nem sempre é recebido do mesmo modo, nem com a mesma vibração e intensidade de um grupo para outro, de classe para classe ou de ano para ano.

Cabe a nós, professores, adaptarmos, modificarmos nossa prática, seqüências ou até conteúdos, para podermos atingir nossos alunos e nossos objetivos. Entendemos que, desse ponto de vista, devemos pensar num ensino reflexivo no qual “(...) o *professor reflete o tempo todo sobre suas ações, construindo e comparando ‘novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentar e definir os problemas... ’*” (PEREZ-GOMEZ, apud DARIDO; RANGEL, 2005, p. 105).

Desde a LDB/96 a Educação brasileira ganhou um novo rumo, quando se trata de conteúdos e sua classificação. Os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, 1998, 1999 e 2002), apesar de inúmeras críticas de vários segmentos educacionais, vieram colaborar com as mudanças, nos orientando frente a essa classificação. Segundo essa abordagem, categorizou-se o conteúdo da Educação Física Escolar em: jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas e conhecimentos sobre o corpo. Em nossa visão, qualquer novo conteúdo pode se adaptar a essa classificação e também às três dimensões propostas pelos PCNs, defendidas, inclusive, por Darido; Rangel (2005), que são Conceituais, Procedimentais e Atitudinais. As autoras defendem que, na prática docente, não haja a divisão dos conteúdos em uma ou outra dimensão, podendo haver ênfase, por exemplo, na dimensão conceitual, sem excluir as outras.

Acreditamos que as A.F.A. também podem ser tratadas, considerando essa classificação das três dimensões dos conteúdos, pois segundo Cesar Coll.

(...) há uma reivindicação freqüente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que fatos e conceitos, como, por exemplo, certas estratégias ou habilidades para resolver problemas, selecionar a informação pertinente em uma determinada situação ou utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, ou, ainda, saber trabalhar em equipe, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros ou não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou outro tipo de características individuais. (COLL, apud DARIDO; RANGEL, 2005, p. 66)

Essas situações são típicas na maioria das aulas de Educação Física. Assim, os conteúdos das A.F.A. na dimensão procedimental¹⁰ se encaixam perfeitamente às necessidades das aulas da Educação Física escolar, dimensão esta mais tradicional na prática dos docentes da área, portanto, mais fácil de os professores incorporarem.

¹⁰ Segundo Darido; Rangel (2005), a Educação Física, ao longo de sua história, priorizou quase que exclusivamente a dimensão procedimental nas aulas, relegando a dimensão atitudinal e, principalmente, a dimensão conceitual a um plano fora do dia-a-dia da escola e do “fazer pedagógico” do docente (DARIDO; RANGEL, 2005, p.67).

A dimensão conceitual no trabalho das A.F.A. ultrapassa o simples conhecimento das técnicas e do uso dos equipamentos dessa ou daquela modalidade, avançando, como já visto, nas discussões da autonomia no lazer e no uso do ócio; nas discussões das práticas inerentes à preservação ambiental; nas transformações dos hábitos de vida em função das novas tecnologias; na influência da mídia no conhecimento e prática de uma determinada modalidade, entre outras discussões atuais.

Já a dimensão atitudinal no trato do conteúdo A.F.A. ganha adereços requintados, pois, na maioria de suas modalidades, é inerente a cooperação e a interação dos praticantes; a resolução de problemas por meio do diálogo e do respeito às diferenças; mas, sobretudo, na superação de limites individuais e do grupo, tornando a aplicação desse conteúdo nas aulas um fator educativo importante e um marco na atuação profissional do docente.

O professor não deve ser somente um “dador” de aulas, um reproduzidor de um sistema que dá certo há décadas e acomodar sua prática. Ainda mais nos dias de hoje, com mudanças a cada segundo de *Internet*. O convencimento sobre o diretor para inserção de uma nova prática deve ser feito sem desgastes, porém, não há como não assumir os perigos que atividades esportivas têm. Costumamos dizer que futebol e basquete podem machucar muito mais que montanhismo, defesa pessoal, ginástica acrobática, etc. e quase toda escola utiliza futebol e basquete. Mas a mesma contusão numa atividade nova, fora dos padrões, pode pesar mais do que nas tradicionais.

No início, os novos desafios têm seu peso total somente sobre as costas do desafiante, no caso nós, professores. Depois que tudo deu certo muitos se perfilarão para receber as glórias, mas somente os pioneiros puderam contemplar a beleza do descobrimento e desfrutar do ineditismo.

Um fato importante é que tudo que é novo ou diferente assusta, principalmente, e normalmente, nossos chefes, sejam coordenadores ou diretores, pois não conseguem enxergar as atividades como nós da área. E mesmo que enxerguem, têm responsabilidades pesadas perante os pais e supervisores. Por isso o professor deve ter firmeza naquilo que pretende. Deve embasar seus objetivos, cercar de segurança, assumir os riscos, comunicar a chefia e fazer. Mas nunca, NUNCA, deixar de ousar.

Pensando tudo isso, resolvemos, quando do início da proposta de incluir A.F.A. nas aulas do Ensino Médio de uma escola privada de Campinas, SP, nos idos de 1994/95, preparar a comunidade, utilizando várias estratégias, desde cartas e circulares aos pais e explanações aos alunos, até – e são ideais – apresentações em eventos (contextualização) e trabalhos interdisciplinares (FRANCO, 2006, b). No caso do conteúdo montanhismo, aplicado no Ensino Médio, foram apresentados exemplos de técnicas verticais coreografadas nas aberturas das olimpíadas da escola e nas apresentações das festas juninas, bem como, em trabalhos interdisciplinares nas feiras de ciências (culturais) e nos estudos de campo da Educação Física.

Com certeza, os alunos e a comunidade escolar obtiveram, assim, uma dimensão mais ampla desse conteúdo. Tivemos apoio da direção da escola e de vários colegas para o início dessas atividades. Mas, conhecendo a realidade de nosso sistema escolar, sabemos que nem sempre isso será possível dessa forma. O importante é que o aluno e toda a comunidade escolar consigam enxergar a extensão dessas práticas, além de sua simples vivência.

Daremos um exemplo de introdução dos A.F.A. na escola utilizando nossa experiência e o ocorrido nas escolas em que atuamos, mas sempre é bom frisarmos que, como já citado, esse exemplo pode não servir para este ou aquele estabelecimento de ensino. A realidade de cada cidade, de cada bairro ou unidade de ensino tem suas peculiaridades e devemos respeitá-las, são pais diferentes, alunos diferentes, professores, etc.

Com todos esses anos de trabalho com A.F.A. sedimentado nessa referida escola (desde 1994), principalmente com o Ensino Médio, pudemos selecionar atividades que têm grande chance de dar certo na maioria das instituições de ensino e, também, um formato de aula com procedimentos que deixam os conteúdos bem significativos para assimilação do corpo discente. A seguir faremos referência a esses procedimentos e atividades, sem a preocupação da citação de fontes bibliográficas conceituais de origem desse ou daquele procedimento, por priorizar a essência desse capítulo: como e o que ensinar das A.F.A. e um *fazer pedagógico* oriundo de uma prática empírica já implementada e avaliada.

Numa matriz histórica, devemos localizar para os nossos alunos que a superação de obstáculos naturais forçou o homem a criar técnicas e equipamentos para esses fins. De uma forma simples podemos mostrar aos estudantes que, se nos primórdios das civilizações era por uma questão de necessidade, busca de alimentos, vida nômade ou conquista de territórios, passando, no decorrer da história, pelas guerras, pelas expansões religiosas, por rotas comerciais, por exploradores ou outros motivos, essas manifestações serviram de base para as aventuras de hoje, sejam de conquistadores de verdade, competidores esportivos ou aventureiros de final de semana.

Uma das estratégias que usamos, e quase sempre dá certo, é iniciar uma discussão com os alunos sobre esportes alternativos, esportes e atividades diferentes das tradicionais que eles mesmos estão acostumados a realizar fora do âmbito escolar. A riqueza de informações que alguns alunos trazem como parte de sua cultura corporal, ou de terem visto ou ouvido falar de uma das modalidades, podem surpreender e criar um corpo de conhecimentos antes não imaginado e que se adapte na escola com sucesso.

Questionamos os alunos sobre o que sabem sobre Esportes de Aventura e realizamos um levantamento das modalidades conhecidas dos alunos. Nesse momento podemos discutir a nomenclatura e questioná-los como poderíamos classificar as A.F.A. e, após breve discussão, apresentar aquela escolhida por nós. Perguntamos, também, como e quando devem ter surgido essas modalidades, tentando estabelecer uma rápida linha do tempo e a situação histórica do momento, sem a necessidade de maiores aprofundamentos. O importante é o aluno ter uma noção da essência da formação desse conteúdo para entender o contexto de uma posterior prática. Em seguida apresentamos todo o conteúdo sobre A.F.A. que trabalharemos.

No caso do Ensino Médio dessa escola, onde trabalhávamos modalidades presentes no *Montanhismo*¹¹, o conteúdo foi definido, no decorrer dos dois primeiros anos, com o nome personalizado de *Montanhismo Selvagem*, cuja definição levantada pelos

¹¹ : “O **montanhismo** pode ser definido como a ascensão de montanhas por caminhada ou escalada. Faz parte de um conjunto de atividades bastante amplo, denominado excursionismo. Devido ao fato do montanhismo ter-se iniciado nos Alpes, recebe também o nome de **alpinismo**, denominação que se generalizou bastante, tornando-se amplamente aceita. A rigor, a palavra “alpinismo” deveria ser reservada para as atividades montanhísticas realizadas nos Alpes, assim como “andinismo” para os Andes, “himalaísmo” para o Himalaia, etc.” (CEB, 2006).

próprios alunos, junto com o professor, ficou assim: “*Trata-se de uma atividade de aventura que envolve uma série de conhecimentos técnicos específicos, preparação prática e psicológica, para realizar uma incursão ao campo (montanhas, florestas, etc.) e superar os vários tipos de obstáculos naturais com segurança, preocupação ecológica e mínimo impacto ambiental*” (FRANCO, 2006, b).¹² Adaptamos o conteúdo e os equipamentos disponíveis à estrutura da escola e demos início às atividades.

A estrutura física da escola era simples e constava de duas quadras descobertas, dois pátios cobertos e um pequeno barranco gramado de cerca de 4 metros de altura, onde pudemos simular técnicas verticais. Utilizamos também o espaço de uma sala de aula, com acesso a retroprojektor e/ou projetor datashow.

Quanto aos equipamentos, no primeiro ano, disponibilizamos os nossos pessoais, que eram poucos, mas serviram para a noção inicial dos alunos e de introdução do conteúdo. Possuíamos duas bússolas que utilizamos para as aulas teórico/práticas de orientação. Para as aulas de técnicas verticais colocamos à disposição, na época, cinco mosquetões, duas cadeirinhas e dois freios oito¹³, além de vários segmentos de cordas de cerca de 4 metros, conhecidos no meio dos montanhistas como solteiras ou talabartes, que utilizávamos para o ensino de nós diversos, ancoragens e cadeirinhas adaptadas.

Com o sucesso do conteúdo o acervo de equipamentos foi aumentando paulatinamente. No ano seguinte a escola comprou uma corda específica para essas práticas, 6 bússolas muito simples e baratas, 4 mosquetões e dois freios; no decorrer dos anos a APM (Associação de Pais e Mestres) e o Grêmio Estudantil foram doando outros

¹² Talvez a definição mais próxima desta seja a da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. Montanhismo – sentido lato: “*O termo montanhismo é regularmente (historicamente) utilizado para albergar/enquadrar qualquer actividade pedestre, disciplina de escalada ou outra prática desportiva praticada em baixa, média e alta montanha. Devem exceptuar-se fora do termo montanhismo todos aqueles desportos que, embora se pratiquem em montanha, dependam na generalidade de um grande número de infra-estruturas para o acesso ao local de prática, ou que pela sua forma de deslocação não se revêem no esforço de progressão directo do praticante com o meio terrestre, ou seja "deambular" pela montanha. (ex. esqui alpino). Também devem ser consideradas modalidades do montanhismo, todas aquelas que apesar de praticadas parcialmente em meio aquático em zonas de montanha (descidas de cascatas) recorram ao uso de equipamentos e/ou técnicas utilizadas em alpinismo e escalada*”. (AVELAR, 2006).

¹³ Mosquetão é um elo de metal (aço ou alumínio) que serve para unir o praticante aos sistemas de frenagem e ancoragem das técnicas verticais. Cadeirinha é um tipo de assento feito de fitas, ou cintos, que permite ao escalador se prender à corda com certo conforto. Freio oito é um tipo de equipamento que serve para frear a descida do escalador por uma corda em alturas.

equipamentos, além das compras de materiais pela escola, onde sempre procurávamos incluir um ou outro item de montanhismo, junto com bolas esportivas, cones e os materiais pedagógicos tradicionais da área.

Vale salientar que os equipamentos de montanhismo adquiridos sempre eram certificados e específicos, portanto, a grande maioria importada e cara. Optamos por isso para aumentar a segurança dos alunos nas aulas, minimizando os possíveis acidentes, apesar da possibilidade de adaptação de algumas técnicas. Devido a isso comprávamos menos equipamentos, mas com maior durabilidade e confiança. De acordo com as necessidades, algumas vezes adaptávamos os equipamentos a outros tipos de uso, porém respeitando suas características e cargas de ruptura.

Vamos ao exemplo resumido de como aconteceram e como ficou consolidado as Atividades Físicas de Aventura nesta escola:

O 2º trimestre, Maio, Junho e Agosto, reservávamos para as A.F.A. para o Ensino Médio e funcionava assim: Montanhismo Selvagem e Atividades sobre Rodas

Na escola, dentro do conteúdo Montanhismo Selvagem, os alunos tinham instruções teóricas e práticas sobre nós e ancoragens, técnicas verticais diversas (em especial o rapel e tiroleza), primeiros socorros, orientação natural e com bússola (com noções de cartografia), equipamentos e organização, planejamento de expedições, sobrevivência na selva e acidentes com animais peçonhentos. Tudo isso no decorrer das duas aulas semanais (aula dupla) de Educação Física, com procedimentos teóricos e práticos.

Eram realizados, ainda, dois estudos do meio (ou estudos de campo) que engrandeciam muito o trabalho. O primeiro ao Pico das Cabras, em Joaquim Egídio, distrito de Campinas, local de pedras bastante freqüentada pelos aventureiros da região, onde realizávamos a prática da escalada em rocha e do rapel (descida de corda). E o segundo ao Vale do Ribeira, num final de semana no Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira (PETAR), onde colocávamos em prática um resumo de tudo o que foi estudado,

mais um esporte de aventura aquático: o *bóia cross*¹⁴, barato e de fácil prática para iniciantes, encerrando, assim, o conteúdo. Estes estudos do meio não eram obrigatórios e entravam na avaliação do aluno como objetivos complementares.

Trabalhávamos também, neste trimestre, mais alguns conteúdos de Atividades Físicas de Aventura, mas, desta feita, nos concentrávamos naqueles urbanos. São vivências e jogos adaptados sobre rodas, utilizando skates, patins, patinetes e bicicletas trazidas pelos próprios alunos.

Ficava clara a semelhança com as sugestões acerca do conteúdo “conhecimentos sobre o corpo” oferecidas pelos PCNs 3º e 4º ciclos (BRASIL, 1998) e PCN+ (BRASIL, 2002) e por DARIDO; RANGEL (2005), entre outros, mostrando ser possível sua utilização prática e com excelente aceitação por parte dos alunos.

Como já colocado, havia outras formas de contextualização desses conteúdos dentro do calendário anual da escola, como nos eventos Festa Junina, Olimpíada e Feira Cultural, onde os alunos faziam apresentações, usando os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física, aplicando as técnicas das Atividades Físicas de Aventura.

A partir de 1998 começamos as A.F.A. no Ensino Fundamental, utilizando atividades sobre rodas. Já havíamos trabalhado patins com os alunos de 7ª série anteriormente, mas não caracterizando a atividade como sendo de aventura. Ao abrir a possibilidade de *skates*, rolimã, patinetes e bicicletas, além dos patins, pudemos caracterizá-los como tal. Optamos por não utilizar o conteúdo Montanhismo Selvagem no Ensino Fundamental por questões de maturidade, quantidade e durabilidade dos equipamentos e o tipo de integração entre as séries do Ensino Médio.

A proposta “sobre rodas” é simples, propondo aos alunos que tragam um ou mais equipamentos para a escola, permitindo a vivência nos devidos espaços destinados às aulas de Educação Física, organizando-os de forma a minimizar as possibilidades de acidentes e propiciando a criação de jogos e atividades que envolvam todos os alunos, mesmo aqueles que não estiverem sobre rodas.

¹⁴ O *bóia cross* é a descida de corredeiras sobre uma câmara de pneu de caminhão. A versão competitiva é chamada de *acqua ride*, já existindo calendários nacionais de competições e equipamentos específicos para esse fim. (ACQUA RIDE, 2007).

Algumas das atividades desenvolvidas estão colocadas no capítulo 4 desse trabalho. Porém, muitas questões semelhantes nos são encaminhadas nos cursos, palestras e apresentações que fazemos sobre esse tema e achamos que vale a pena esclarecermos dentro desse capítulo. A pergunta clássica: e os equipamentos? Como adquirí-los? Já foi colocada nossa experiência (ver capítulo 4), mas sabemos de outras possibilidades, tais como: rifas, patrocínios e doações de empresas (de aventura ou de turismo, entre outras), barracas de festa junina ou a (complexa) adaptação de locais e equipamentos. Já ouvimos falar de paredes de escalada com agarras de madeira adaptadas e a utilização de cordas de segurança comuns, essas de obras e construções, tudo com segurança suficiente para evitar acidentes. Oferecíamos, por exemplo, aos alunos, a possibilidade de realizarem técnicas verticais adaptando uma cadeirinha de escalada com corda. Esse tipo de adaptação é muito utilizada pelas forças armadas com muito boa segurança, mas não com o mesmo conforto.



figura 2: adaptação da caderinha de escalada (à esquerda) confeccionada com corda (à direita)

Portanto, nesse rápido resumo, demos sugestões das seguintes A.F.A.: montanhismo, escalada, *skate*, patins e outros sobre rodas, além do bóia *cross*. Dependendo da estrutura da escola e sua localização, é possível outras possibilidades, como o surfe (em piscina inicialmente), canoagem, escalada artificial, *caving*, arborismo, entre outros.¹⁵

¹⁵ O surfe pode ser iniciado na escola e finalizado num estudo de campo no litoral; a canoagem do mesmo modo ou com aplicação em rios; a escalada artificial é realizada em paredes com agarras que simulam ranhuras de rochas – já existem academias e ginásios para esse fim e a possibilidade de construção na própria escola; o *caving* é a exploração amadora, esportiva ou turística de cavernas e o

O sucesso dessa ou daquela A.F.A. dependerá, então, de vários fatores, tais como: características da comunidade escolar; conhecimento e empenho do docente; relacionamento com a direção e/ou chefia; estrutura física da escola; possibilidades de adaptações, etc.

Cabe ao professor, com seu nível de conhecimento e experiência, saber usar o bom senso e conseguir o melhor caminho para a aquisição dos equipamentos e fazer as adaptações necessárias com a maior segurança possível. Mas, seja qual for a adaptação, o docente deverá sempre valorizá-la como estrutura e material verdadeiramente pedagógico.

arborismo, ou arvorismo, que é um circuito de cordas, ou cabos de aço, montado entre árvores, originalmente usado por pesquisadores de aves, plantas e outros seres que vivem na copa das árvores.

"Seja a mudança que você quer ver no mundo."
(Dalai Lama)

2.5- O PROCESSO DAS AULAS

Achamos necessário localizar melhor como era o cotidiano das aulas, haja vista que a escola adotava a linha construtivista até pouco tempo atrás, passando, nos últimos anos, para um discurso holístico. Independente desta ou daquela linha, achamos que seria interessante apresentar uma metodologia que sempre foi efetiva, chegando próximo do ideal, pois o retorno dos alunos e de ex-alunos sempre foi extremamente positivo.

É importante, também, salientar um dos fatores que fazem a comunidade temerária em relação às A.F.A e ao Montanhismo Selvagem, com os trabalhos em altura de suas técnicas verticais: a segurança. Nesses 12 anos de utilização das A.F.A. nessa escola aconteceu apenas um acidente e foi de pequenas proporções, avalizando, portanto, todo esse corpo de conhecimento. Vamos prestar atenção nesse dado: foi mais de uma década, onde centenas de adolescentes realizavam e se responsabilizavam por práticas que envolviam riscos e situações imprevisíveis e apenas um acidente, e de pequenas extensões. Pensemos agora nas aulas de futsal, de handebol ou de basquete; quantos acidentes aconteceram ano passado em uma escola qualquer?

Macedo (1994, p.24) afirma que (...) *“em uma visão construtivista, o que importa é a pergunta ou situação problema que ele desencadeia nas crianças.”* Então, por

meio de perguntas diretivas à classe do Ensino Médio como um todo, vamos construindo as tarefas de aula, baseadas no tema do dia. Exemplo: Primeiro dia de instrução do *Rapel* para a 3ª série (último ano do Ensino Médio), onde os alunos já possuem a base geral desta técnica: pergunto ao grupo que tipo de ancoragem¹⁶ será ideal para determinada situação? Qual nó é o mais adequado? A ancoragem está pronta? Posso descer com segurança? E assim decorrerá a aula, dando aos alunos limites temporais para as tarefas serem realizadas e, lógico, dentro dos protocolos internacionais de segurança, sendo o professor o primeiro a testar as atividades práticas.

Conseguimos, também, maior eficácia na segurança dos alunos, quando começamos a utilizar da hierarquização daqueles que possuíam maior conhecimento do conteúdo, como se fossem “agentes comunitários” da escola (GALLARDO, 2003). Isso fica mais claramente exposto nos estudos do meio realizados. Geralmente a 3ª série se torna “responsável” pelas outras turmas, montando todas as estruturas das práticas a serem vivenciadas: ancoragens das técnicas verticais, segurança do grupo, resolução de dúvidas básicas, etc., valorizando o conhecimento adquirido e agregado no decorrer dos anos. Sem contar que os comandos ou repreensões por parte dos colegas mais velhos ganham proporções, constantemente, bem mais significativas do que se fossem oriundas do professor.

Quem está na 2ª série sabe que é co-producente desta estrutura hierárquica e que, no ano seguinte, terá os mesmos afazeres e responsabilidades, estando atentos à montagem das estruturas e contextualizando as aulas já realizadas. Os alunos da 1ª série, normalmente, estando em contato inicial com esta estrutura, se percebem futuramente no mesmo *status*, se encantam com a organização, dedicação e desempenho observados e realizam a tarefa, supervisionados pelos colegas e, lógico, pelo professor, que está atento a todo o “teatro de operações”.

Existe, portanto uma organização harmoniosa, aonde o aluno vai percebendo a importância de cada passo do sistema e do processo. Lógico que, como em qualquer setor, não há unanimidade e nem todos alunos se afeiçoam às Atividades Físicas de

¹⁶ Ancoragens são as amarrações onde é fixado a corda, ou cabo, para a descida ou subida do praticante de técnicas verticais. Podem ser ancoragens em locais naturais (árvores, rochas, etc.) ou artificiais (chapeletas parafusadas na rocha, friends, pitons, etc.).

Aventura, assim como nem todos gostam de futebol, basquete, etc., mas o Montanhismo Selvagem goza do mesmo *status*, no mínimo, que os esportes tradicionais, o que já julgamos impressionante.

Esses dados foram comprovados por um estudo realizado por Ferreira (2006), pesquisando sobre os alunos e as atividades realizadas em nossas aulas naquela escola. Os sujeitos foram 43 alunos do Ensino Médio, de ambos os sexos, que já haviam participado do programa de conteúdo diferenciado, Montanhismo. Não foram selecionados, nem direcionados, apenas era o público disponível para a aplicação dos questionários no período em que a pesquisa foi realizada.

Num rápido resumo dos dados obtidos por Ferreira (2006), o autor nos conta que cerca de 33% dos alunos elegeram o Montanhismo como o conteúdo com o qual possuem maior afinidade, cerca de 30% como o segundo conteúdo com o qual possuem mais afinidade e 13,95% como o terceiro conteúdo, a soma destes três percentuais totaliza aproximadamente 77% dos alunos, onde o número de opções de resposta (quantidade de conteúdos para optar) era igual a 15.

Outros dados: do total de alunos, 47% concordam plenamente com a presença do Montanhismo na Educação Física no ensino médio, 35% concordam, somando 82% dos entrevistados. O conteúdo em questão também aguça, ou aumenta a consciência em relação à preservação do meio ambiente, é o que afirmam certamente 60% dos alunos e também trabalha a consciência corporal (82% dos alunos).

Vejam alguns exemplos de questões e seus resultados:

- *Você acha que a Educação Física escolar apresentou a você um conteúdo, o Montanhismo, ao qual você não teria acesso se não fosse na escola?* 63% dos alunos responderam certamente e 30% provavelmente.

- *Depois de vivenciar o Montanhismo você julga ter mais autonomia para escolher uma opção de lazer?* 42% dos alunos afirmaram que certamente sim e 44% provavelmente sim.

- *O Montanhismo também pode oferecer situações de superação de limites?* É o que afirmam certamente 76% dos alunos, e 19% que acham que é provável.

Foram vinte e uma questões no total que podem ser analisadas no anexo 2 deste trabalho e, cujos resultados, só reforçam a publicação do conteúdo deste estudo, como podemos notar nos comentários de Ferreira:

“(…) Desta maneira podemos notar uma afinidade muito satisfatória com o conteúdo Montanhismo, que concorreu neste questionário com conteúdos extremamente populares como futebol. (...) Analisando os resultados de cada questão podemos notar que o Montanhismo é um conteúdo muito bem aceito por parte dos alunos, e que pode causar reflexões sobre diversos aspectos importantes na formação de um cidadão crítico reflexivo.” (FERREIRA, 2006, p.59).

O autor ainda faz referência ao espaço estrutural da escola, já citado anteriormente e comparável com muitas escolas públicas de periferia e comuns na maioria das cidades. Ferreira comenta:

“(…) 2% dos alunos enxergam que o espaço físico oferecido pela escola para as aulas de Montanhismo é ruim e 38% julgam ser regular, totalizando 40%, e mesmo assim o Montanhismo é um conteúdo de grande aceitação, que aborda aspectos de formação importantes, conforme os resultados obtidos, mostrando que a falta de um local próprio para a prática não deve ser pretexto para a não inserção do conteúdo na escola.” (FERREIRA, 2006, p. 59).

Portanto, acreditamos que não é o espaço físico que determinará o sucesso das A.F.A. Uma escola com parede de escalada não garante um bom trabalho sobre as atividades de aventura, mas sim, um bom professor.

Pertencemos ao Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física – LETPEF – da UNESP de Rio Claro e uma de suas produções está ligada à produção de um livro didático com diversas propostas de trabalhos de conteúdos variados da Educação Física para aplicação escolar. Um dos capítulos esteve sob nossa responsabilidade e trata das Atividades Físicas de Aventura na escola, com algumas das sugestões de atividades presentes no capítulo 4. Alguns professores, componentes do LETPEF, ficaram responsáveis por aplicar os capítulos em suas escolas, e assim foi feito

com aquele que escrevemos sobre as AFA. O relatório de aplicação confirmou a possibilidade de utilização escolar dos conteúdos relacionados à aventura, inclusive com crianças do Ensino Fundamental I, sendo que o conteúdo aplicado foi sobre corrida de orientação. No anexo 1 há dois exemplos de relatório de aplicação desse conteúdo, em duas escolas diferentes, por dois professores diferentes.

Como já afirmado, esses dados reforçam e afiançam os objetivos deste estudo e ainda colocam de lado qualquer tendência à imparcialidade em relação aos motivos e justificativas apresentadas anteriormente para a publicação desta produção. A pesquisa de Ferreira (2006) serve para atestar várias das colocações por nós feitas e a possibilidade de popularização das A.F.A. nas escolas.

O trabalho de Ferreira (2006) foi um “Oasis” num deserto de referenciais. Se nos centramos em estudar atividades de aventura, talvez a maior das aventuras na formação deste trabalho, tenha sido a busca de referenciais específicos deste tema na área escolar e na escolha do método. Tivemos que utilizar, principalmente, fontes gerais para embasar os conceitos aqui referidos e as experiências por nós vividas. Procuramos traduzir nossas aulas e o cotidiano desse conteúdo, em propostas pedagógicas expostas mais à frente. Já adiantamos que não são receitas, pois, a cada ano, havia variações e adaptações, a começar pela mudança de turmas e o amadurecimento dos alunos.

“O iniciado não tem, pois, esperanças duvidosas, nem temores absurdos, porque não tem crenças desarrazoáveis; sabe o que pode e nada lhe custa ousar. Por isso, para ele, ousar é poder.”
(Eliphas Levi)

3. MÉTODO

Metodologia, segundo Thiollent (2003), caracteriza-se por ser uma disciplina que estuda os métodos científicos, apresentando o objetivo de analisá-los, procurando avaliar as suas potencialidades e capacidades, bem como as limitações para utilização em pesquisas científicas. Após termos delimitado o tema-problema e encontrado sua relevância acadêmica de contribuição para o “fazer pedagógico” da Educação Física escolar e a importância de suas perspectivas para a área, procuramos um caminho para estruturá-lo.

O tema-problema desse estudo é arrolar uma série de atividades relacionadas às Atividades Físicas de Aventura, possíveis de serem realizadas na escola, apontando as três dimensões do conteúdo. O desafio deste trabalho foi formatar uma prática escolar docente num modelo acadêmico, mostrando ser possível explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do currículo comum da Educação Física como valor de conhecimento, tanto quanto qualquer dos conteúdos tradicionais da área.

Severino (1986) defende que a determinação do tema, do problema e da tese deve garantir pelo menos o significado, o caráter monográfico do trabalho. O autor simplifica uma pesquisa científica em três caminhos: experimental, de campo ou bibliográfica. Ao realizar esta última e colocarmos o “espírito” do trabalho diante dos fatos, de outras idéias, pudemos amadurecer nossa posição e perceber que a composição do

trabalho confirmaria a relevância do objetivo principal deste estudo, sem a necessidade de ir à campo. Segundo Severino (1986), o levantamento bibliográfico é

(...) uma fase heurística¹⁷, ciência, técnica e arte da pesquisa de documentos. Desencadeia-se uma série de procedimentos para a localização e busca metódica dos documentos que possam interessar ao tema discutido. Tais documentos se definem pela natureza dos temas estudados e pelas áreas em que os trabalhos se situam. (...) A bibliografia como técnica tem por objetivo a descrição e a classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático, data, etc. (SEVERINO, 1986, p. 150 e 151)

Percebemos que, neste método, há necessidade de um inter-relacionamento entre pesquisador e as fontes participantes do estudo, pois o pesquisador atuará ativamente na perspectiva da elucidação das necessidades identificadas. A maior necessidade identificada foi justamente a falta de bibliografia específica: Atividades Físicas de Aventura na Escola. Porém, ao realizar a leitura analítica dos referenciais, foi possível constituir um processo de raciocínio, tendo um (...) *aproveitamento direto apenas daqueles elementos que serviram para enuclear as idéias do novo raciocínio que se desenvolveu* (SEVERINO, 1986, p. 153 e 154).

Antes de iniciar o trabalho, havíamos intuído uma estrutura formal em torno de uma introdução, o desenvolvimento e a conclusão em cima de nossa experiência. Com a utilização dos referenciais, do julgamento dos elementos coletados em comparação com nossas idéias e experiências, pudemos formular propostas pedagógicas de forma acadêmica e, ao mesmo tempo, didáticas para usufruto de qualquer leitor, pesquisador ou docente da área da Educação Física.

Ao utilizarmos referenciais da área escolar, acreditamos ter nos aproximado das possíveis relações que acontecem na escola em todos seus segmentos (professor-aluno, alunos-responsáveis, professor-direção, direção-responsável, etc.), pois, recebem influência do contexto em que se inserem e isso justifica o contato direto e estreito que o pesquisador

¹⁷ Segundo o Novo Dicionário Aurélio, heurística é o conjunto de regras e métodos que conduzem a descoberta, a invenção e a resolução de problemas (AURÉLIO, 1995).

estabeleceu com a situação onde o fenômeno ocorreu (MAFFEI, 2004, p.45). Com os referenciais da área que trata de aventuras, achamos diversos segmentos muito próximos às relações educativas, de formação do cidadão, que nos serviram bem aos propósitos aqui selecionados.

Sabendo que uma pesquisa acadêmica deve descrever uma ação sistemática e controlada, apresentamos propostas já desenvolvidas na escola pelo próprio pesquisador, pressupondo nossa intencionalidade de intervenção, saindo do comum - aulas tradicionais - para a inserção de Atividades Físicas de Aventura, incomuns no ambiente escolar, mudando uma situação, em conjunto com os sujeitos-alunos. A análise dos dados segue um processo indutivo, pois não se preocupa em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas. Dados estatísticos comprovadores já foram apresentados por Ferreira (2006) e citados no corpo deste texto.

“Aqueles que sabem tudo, mas desconhecem a si próprios, são absolutamente carentes.”
(Jesus Cristo)

4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS E AS TRÊS DIMENSÕES DO CONTEÚDO

Temos a intenção de, com este capítulo, apresentar sugestões de atividades de aventura possíveis de se trabalhar na escola, situando-as nas três dimensões dos conteúdos: Procedimental, Conceitual e Atitudinal (ZABALA, 1998, BRASIL, 1998 e DARIDO e RANGEL, 2005). Para Zabala, o termo conteúdo deve ser entendido como “(...) *tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como também incluem as demais capacidades*” (ZABALA, 1998, p. 30). Portanto, o termo vai além daqueles conhecimentos transmitidos tradicionalmente pelas disciplinas, engessados em conceitos e em princípios e, no caso da Educação Física, ao exclusivismo da prática corporal, nas vivências, no procedimento. Escancara-se, dessa forma, o currículo, para outros caminhos, outras aprendizagens, para além das usuais, normalmente restritas a uma dimensão apenas.

Baseados em Zabala (1998), PCNs (BRASIL, 1998) e Darido e Rangel (2005), poderíamos resumir as três dimensões dos conteúdos da seguinte forma:

- **Conceitual:** “O que se deve saber”. No desenrolar do conteúdo, é a dimensão que contém os fatos, teorias, conceitos e princípios. Podem aparecer em pesquisas antes, ou depois da aula e, particularmente, durante o desenrolar das diversas

partes das atividades, em generalizações, deduções, coletas de informações e sistematizações (BRASIL, 1998). Seria, por exemplo, o conhecimento histórico sobre os esportes, as mudanças e evoluções de suas técnicas, fundamentos e regras. Discussões sobre a influência da mídia nos esportes de alto nível, possibilidades trabalhistas em nossa área, o conhecimento sobre o direito ao lazer, autonomia, cidadania nas práticas corporais, entre outros.

- **Procedimental:** “O que se deve saber fazer”. Seria a contextualização prática das teorias, dos fatos, conceitos e princípios. As ações responsáveis para atingir a meta da aula e o pleno desenvolvimento do conteúdo. Utilizando os exemplos anteriores, seria, portanto, experimentar o esporte com as regras antigas e, paulatinamente, evoluir até as atuais, inclusive, no uso de fundamentos da época, até a vivência desse esporte no contexto atual. Num exemplo específico das A.F.A., seria: aprender nós e ancoragens específicas e colocar em prática esse conhecimento na montagem de um *Rapel* ou tirolesa.

- **Atitudinal:** “Como se deve ser”. Nessa dimensão está presente o trabalho que o professor fará com os alunos, sobre normas, valores e atitudes. “*Entende-se por valores os princípios éticos e as idéias que se permitem que se possa emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido.*” (BRASIL, 1998, p.74). Utilizando ainda os exemplos anteriores, relacionamos o respeito às regras, e ao adversário, ao jogar um esporte na escola. A própria atitude do aluno de realizar, ou não, a tarefa de aula, mesmo a contragosto, é um aspecto que influenciará sua aprendizagem. Um aluno pode estar de corpo presente na aula, mas sua mente e seus interesses bem distantes dali, assim sendo, o empenho com que realiza as tarefas sugeridas, sua interação com os colegas, coletividade, cooperação, entre outros aspectos, podem ser determinantes para uma aula boa ou ruim. Isso sem contar com as questões que envolvem inclusão e as diferenças, as polêmicas sobre gênero, etnias, folclore e muitas outras.

Após situarmos as três dimensões “(...) *é importante frisar que, na prática docente, não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfases em determinadas dimensões.*” (DARIDO e RANGEL, 2005, p. 66). Elas estão sempre associadas no processo de ensino e

aprendizagem. Isso é visível no conteúdo que propomos neste estudo. No caso das A.F.A., podemos, por exemplo, requisitar aos alunos, trabalhos e pesquisas sobre a história e os estilos de *skates* (veremos mais a frente) para discussões em sala de aula, mas, em seguida, podemos contextualizar essas informações na quadra, com práticas diversas, utilizando os equipamentos emprestados por alguns alunos (difícilmente haverá um *skate* para cada aluno), promovendo, então, a divisão fraterna – atitude – que passa a ser trabalhada em aula, para a possibilidade de desenvolvimento do conteúdo.

Reforçamos que o fim último da utilização desse tipo de conteúdo é, assim como outros conteúdos, educar. Para tanto, temos que ter uma finalidade, uma intenção educativa e, concordando com Zabala, achamos que “*Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas*” (ZABALA, 1998, p. 28). Tendo isso como ponto de partida, nos esforçamos, em nosso cotidiano docente, na promoção da formação integral de nossos alunos, portanto, na presença equilibrada dos diversos tipos de conteúdos e suas dimensões.

Serão expostos a seguir exemplos de modalidades efetivamente trabalhadas com as A.F.A., no ambiente escolar, como parte dos conteúdos do currículo comum da Educação Física, alguns já no formato de aula. Desse modo é possível vislumbrar as possibilidades práticas desenvolvidas e a experiência obtida.

4.1 EXEMPLOS DE ATIVIDADES

A introdução do conteúdo A.F.A. pode ser feita com uma discussão e um levantamento daquilo que os alunos conhecem sobre o tema, a classificação das modalidades e uma apresentação dos objetivos e da sequência de aulas que os alunos vivenciarão.

As atividades que abordaremos são seguintes:

4.1.1- Corridas de Orientação, *Trekking* ou Enduro à pé;

4.1.2- Montanhismo;

4.1.3- Atividades sobre Rodas;

4.1.4- Atividades Físicas de Aventura Aquáticas: o exemplo do bóia cross

4.1.1- CORRIDAS DE ORIENTAÇÃO, *TREKKING* OU ENDURO À PÉ.

Essas modalidades são uma boa forma de introduzir as vivências nas A.F.A., pois dão uma idéia de como os aventureiros se localizam em suas empreitadas, além de evidenciar o trabalho nas três dimensões do conteúdo.

Corrida de orientação: Há várias formas de trabalharmos uma corrida de orientação, dependendo do nível de conhecimento dos alunos, do tamanho e localização da escola, da disponibilidade da realização de um “estudo do meio” e de uma prova mais próximo à natureza. Pode-se utilizar somente bússolas – existem bússolas de vários preços e tipos, das bem baratas e simples até as cheias de recursos e caras – ou somente mapas, cartas topográficas e croquis (mapas feitos a mão), ou ainda, estas últimas junto com bússolas.

O *trekking* pode ser realizado tanto no contexto do lazer, objetivando integrar alunos e a comunidade escolar, como de forma competitiva ou cooperativa. Pode ser praticado por qualquer pessoa, dependendo da intensidade e do local da caminhada, sendo que, no meio escolar, pode ser realizado por meio de jogos dentro ou fora da escola.

O Enduro à pé pode ser uma conjugação de uma corrida de orientação com *trekking*, ou algo mais ameno, como os enduros de regularidade, em que a intensidade da atividade pode ser baixa e de acordo com os interesses do grupo ou do professor.

a) UTILIZANDO MAPAS

O professor pode aumentar ou diminuir a complexidade das atividades, dependendo da maturidade da turma. Numa possível sequência de aulas, as três dimensões dos conteúdos ficariam assim:

Desenvolvimento da Atividade

Roda Inicial

O professor pode expor, para os alunos, sobre a origem pré-histórica da caminhada, dos povos nômades e a busca de alimentos e segurança. Pode apresentar

informações sobre a busca de novos lugares e como os antigos se orientavam pela natureza, além de discorrer sobre as grandes conquistas e expansões territoriais. Tudo isso será melhor ainda se feito interdisciplinarmente com outros componentes curriculares, com o uso de imagens e fotos de caminhadas, inclusive dos próprios livros de história e geografia dos alunos, entre outros.

Para deixarmos mais interessante podemos realizar a caminhada, ou os vários tipos de deslocamento a pé, na forma de um jogo, como nos exemplos a seguir.

Vivência 1: Corrida e Orientação I (cooperativo)¹⁸

- Desenhe um mapa (croqui) que corresponda ao local onde o jogo será realizado. Seja pátio, quadra ou parque, pode-se colocar palavras sobre figuras do mapa, transformando o local num cenário natural, como o lixo ser uma rocha, a coluna uma árvore, etc.
 - Corte ou rasgue o mapa em 10 ou 12 pedaços (ou mais, dependendo da quantidade de jogadores) de modo que cada pedaço tenha uma figura fácil de identificar.
 - Separe 4, ou mais, pedaços para uma equipe, mas antes esconda um destes pedaços na área correspondente ao local que eles representam no mapa inteiro. Exemplificando: *se os 4 pedaços formam a região do fundo do pátio, um deles deverá estar escondido naquele local. Caberá aos alunos reconhecerem o local, por intermédio dos 3 pedaços restantes, e procurarem o 4º pedaço no fundo do pátio.*
- Faça o mesmo para os outros grupos.
- Quando todos os grupos se juntarem e completarem o mapa inteiro, o professor marca o **X** do local a ser descoberto e coloca como regra, em que o prêmio só poderá ser aberto se a classe toda estiver junta na descoberta.
 - O prêmio pode ser uma bela mensagem educativa, ou um CD com uma música a ser trabalhada na aula. Se for possível, pode-se colocar guloseimas como

¹⁸ Baseado em DEACOVE, J. Manual de jogos cooperativos. Projeto Cooperação, Santos, S.P. 2002.

tesouro, em quantidade suficiente para todos dividirem, mas um “parabéns” já funciona bem.

Vivência 2: Corrida de Orientação II (cooperativo)

- O professor desenha um mapa que mostra a trilha do objetivo final – pode ser uma bola para um jogo no segundo momento - que corresponde ao **X** no desenho.
- O facilitador rasga, ou corta o mapa, em vários pedaços e esconde-os em vários pontos da escola. Todos farão um trabalho de equipe no intuito de achar o objetivo final (tesouro), buscando os pedaços do mapa.
- Eles acharão todos os pedaços que puderem e se reagruparão para colocar o mapa em ordem e, assim, poder interpretá-lo.
- Dependendo da idade dos alunos, o professor poderá dar pistas dos pedaços do mapa, mas esconderá o objeto longe desses lugares. Afinal ninguém quer que o “tesouro” seja descoberto por acaso enquanto os jogadores estiverem seguindo as pistas.
- Com o mapa reconstruído os alunos deverão, num trabalho em equipe, encontrar o objetivo final.
- Podem ser confeccionados mais de um mapa, com mais de um “tesouro”, caso o número de alunos seja grande.

1) Discussão

- Quais as dificuldades que vocês encontraram no jogo?
- Como vocês acham que seriam os mapas antigos?
- É possível se orientar sem mapas? Como?
- O que vocês acham que aprenderam durante o jogo?

Pesquisa

- Os alunos deverão pesquisar diferentes tipos de mapas, cartas topográficas ou croquis ¹⁹, avaliando, de acordo com o nível em que se encontram, suas peculiaridades, tais como: quantidade de informações, tipos de gravuras e legendas, escalas e tipos de utilização.
- Pesquisar junto à família quais experiências já teve com uso de mapas e que filmes são utilizados mapas e outras formas de orientação. Veja um exemplo:

b) Utilizando Bússolas

Essa aula pode ser iniciada em sala, ou em um local que disponibilize lousa, ou outros recursos que facilitem o desenvolvimento da exposição dos conceitos e conhecimentos sobre a utilização de bússolas.

Assim como nas corridas utilizando mapas, os alunos deverão realizar as tarefas em equipes, vasculhando locais onde o professor colocou pontos a serem descobertos, utilizando os conhecimentos sobre a navegação com bússola. Nem sempre os alunos melhores condicionados fisicamente, se dão bem nesse tipo de atividade, mas sim aqueles mais talentosos em utilizar os conhecimentos sobre navegação. Os grupos com maior grau de cooperação e organização, também saem realizados dessa atividade.

Desenvolvimento da Atividade

Roda Inicial

O professor pergunta sobre quais conhecimentos os alunos possuem sobre bússolas. Num trabalho interdisciplinar poderiam ser confeccionadas bússolas, com material sucateado ou alternativo, além das informações sobre Norte Magnético, Norte Verdadeiro, a Rosa dos Ventos e outras informações pertinentes. Pode-se utilizar analogias e perguntas referentes à navegação em barcos, uso dos pontos cardeais, do transferidor e exercícios usando ângulos. Em seguida o professor ensina como utilizar a bússola, instrumentalizando seus alunos. De posse de uma bússola e uma carta topográfica da região

¹⁹ Pode-se usar desde fontes simples e cotidianas, como mapas de listas telefônicas, atlas e croquis caseiros, até cartas topográficas adquiridas no IBGE, mapas rodoviários, fotos de satélites, etc.

(veremos mais a frente), é possível navegar e achar qualquer lugar, aumentando a autonomia de deslocamento do futuro cidadão pelo ambiente que escolherem.

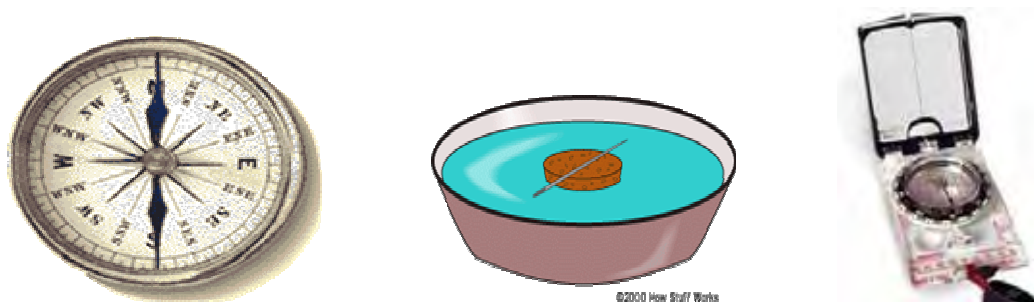


figura 3: Bússola simples Bússola confeccionada pelos alunos Bússola de corrida

Vamos ao jogo:

Vivência 3: Corrida de orientação com bússola

- O professor ensina os alunos como se orientar, usando bússolas e como medir distâncias (usando passos, um barbante, etc.) e separa-os por equipes.
- Previamente o professor prepara uma pista de orientação que variará de acordo com o espaço disponível, o nível dos alunos e as dificuldades do terreno.
- De posse de um ângulo inicial dado (formado pela direção que a agulha aponta e o rumo que você deseja que o aluno prossiga), o chamado *azimute*²⁰, e da distância do ponto a ser descoberto, as equipes deverão achar outros pontos, se orientando pela bússola.

Exemplo:

1º) Considerando que possuímos uma bússola graduada, como um transferidor, deveremos igualar a direção apontada pela agulha com marca 0° ou 360° (N). Isso se chama orientar a bússola.

²⁰ Azimute: Medida angular de um rumo ou de uma direção com relação ao N magnético, contado em 360 graus no sentido horário, ou seja: N=0 ou 360°; E=90°; S=180°; W=270°. O nome é de origem árabe, de *as-sumut*, traduzido: caminho ou direção (BÚSSOLA, 2007).

2º) Desejamos que o aluno vá à direção 60º, então, devemos manter a agulha apontando para 0º e olharmos na direção da graduação 60º e, neste rumo, encontrarmos um ponto de referência à frente.

3º) O professor fornece o 1º ponto, exemplo: distância 70 metros, azimute 60º. Então, basta o grupo caminhar sempre neste rumo até percorrer os 70 metros e encontrar o 1º ponto. Ao descobrirem esse ponto, no local estarão os dados do próximo ponto = 2º ponto: 110 metros, azimute 270º. E assim em diante.

- A equipe encontrará em cada ponto o ângulo e a distância do próximo ponto a ser descoberto.
- Colocam-se quantos pontos forem necessários para se percorrer a distância ou dificuldade desejada.
- Pode ser visando regularidade (cumprir determinada expectativa de tempo) ou velocidade (achar todos os pontos no menor tempo).
- Detalhe importante: a equipe deve terminar a corrida com todos os seus componentes juntos na chegada.

Para turmas do Ensino Médio podem ser feitas pistas pelo bairro em torno da escola, se esta não for em local movimentado ou que ofereça riscos diversos. Pode-se usar a estrutura física da escola até como obstáculos para triangulações, mas é importante que as dificuldades impostas sejam do nível da capacidade de resolução dos participantes para evitar frustrações.

Acreditamos ser fundamental que a atividade seja em equipes, preferencialmente mistas, pois o processo de avaliação da planilha, das tomadas de decisões, das descobertas e dos desafios são os momentos mais ricos e criativos, importando mais toda a discussão anterior e posterior feita pelo grupo e conduzida pelo professor, do que a colocação final das equipes. Dependendo do público o professor pode determinar quem vai ficar com a bússola ou o mapa.

Lembrando da possibilidade do trabalho no Ensino Médio ser hierárquico, fazendo com que, de um ano para outro, os conteúdos sejam aprofundados e a 3ª série, ou pelo menos uma equipe dela, fique responsável pela montagem da corrida de orientação.

O professor de Educação Física não é obrigado a saber mexer com bússolas e cartas topográficas, por isso, a partir do interesse por essa atividade, deverá estudar. Caso queira algo mais rebuscado ou uma simples orientação, peça ajuda para o professor de geografia (integração/interdisciplinaridade) ou algum conhecido que saiba lidar com os instrumentos: escoteiros, topógrafos, militares, etc.

c) Corrida de orientação utilizando mapas ou cartas topográficas com bússolas

Os conhecimentos vão se somando e poderemos utilizar as bússolas com outras possibilidades, aumentando a complexidade. Os mapas são a essência da orientação e surgiram antes das bússolas, estimulando, até hoje, o imaginário das aventuras infantis, dos jovens e adultos. Há dezenas de filmes, livros e outras fontes, que se utilizam do tema “caça ao tesouro”, ou de algo valioso escondido, como tema de algo aventureiro e extraordinário. Portanto, utilizar dessas fontes é uma opção estimulante para o professor e para os alunos envolvidos.

Existem competições de orientação espalhadas pelo Brasil e até em nível mundial, incluindo as corridas de aventuras, *orienteering*, enduro a pé, etc., cada uma com peculiaridades diferentes.

O professor deve preparar com antecedência a estrutura da aula, escrevendo as mensagens que serão descobertas, escolhendo locais que elas serão escondidas e antevendo possíveis tentações de rompimento das regras – bem comuns – por parte dos adolescentes, (esconder a pista de outra equipe é a mais comum).

Roda Inicial

O professor pergunta sobre os conhecimentos de mapas e cartas topográficas para os alunos. Pode-se exemplificar com mapas rodoviários, dos atlas, de guias turísticos e outros disponíveis. Utilizando os mapas que estiverem a disposição, os alunos podem reconhecer e interpretar os acidentes geográficos, ou obstáculos, referendados na legenda, além de tentar vislumbrar as diferenças das escalas, numa carta topográfica, ou mapa do atlas, e as de um croqui.

Vivência 4 - Com mapas ou croquis

- De posse de um croqui – mapa feito à mão - da região disponível, o professor coloca previamente senhas em pontos de destaque no terreno referente e sinaliza no mapa os locais onde eles estão.
- Os alunos, divididos em equipes mistas, devem achar esses pontos livremente e anotar as senhas neles colocadas. Pode-se, também, determinar a sequência dos pontos a serem descobertos: Ponto 1, Ponto 2, etc.
- Cada grupo será liberado 5 minutos após o outro.
- Pode-se cronometrar e verificar no final quem realizou em menor tempo, ou simplesmente, deixar como desafio a ser cumprido.
- Pode-se utilizar esse exercício em conjunto com a bússola. No croqui indica-se num dos pontos a ser encontrado, um azimuth e a distância de um ponto secundário a ser descoberto.

Vivência 5 - Com cartas topográficas

No Ensino Médio pode-se aprofundar ainda mais esta vivência se utilizadas cartas topográficas, com curvas de nível e escalas diferenciadas. Num projeto interdisciplinar com geografia, biologia, entre outros componentes, organiza-se um estudo do meio numa região onde a escola já possua uma carta topográfica (o IBGE as disponibiliza sob encomenda, em escalas de 1:50.000, tendo acesso na maioria das cidades em todas as regiões do país).

Os alunos deverão encontrar pontos determinados pelo professor na carta no menor tempo. As equipes deverão ser mistas, sendo que, todos os componentes deverão chegar juntos e as equipes devem ser liberadas com intervalos de 5 minutos entre elas.

Não se esquecer de utilizar temas educativos escritos nas senhas para enriquecer o estudo, tais como sexualidade, política, espiritualidade, etc.

1) Discussão

- 1- Quais os problemas enfrentados para a descoberta dos pontos e no entrosamento dos componentes da equipe?

- 2- Que sensações físicas vocês sentiram? (ficaram realizados pelas conquistas alcançadas, cansaço, raiva, etc.)

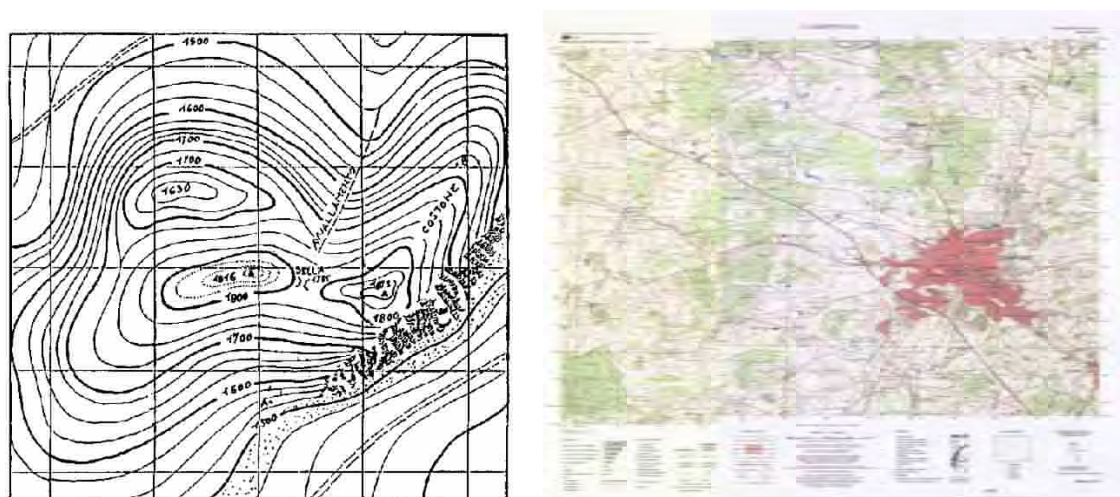


figura 4: exemplos de cartas topográficas – com curvas de nível.

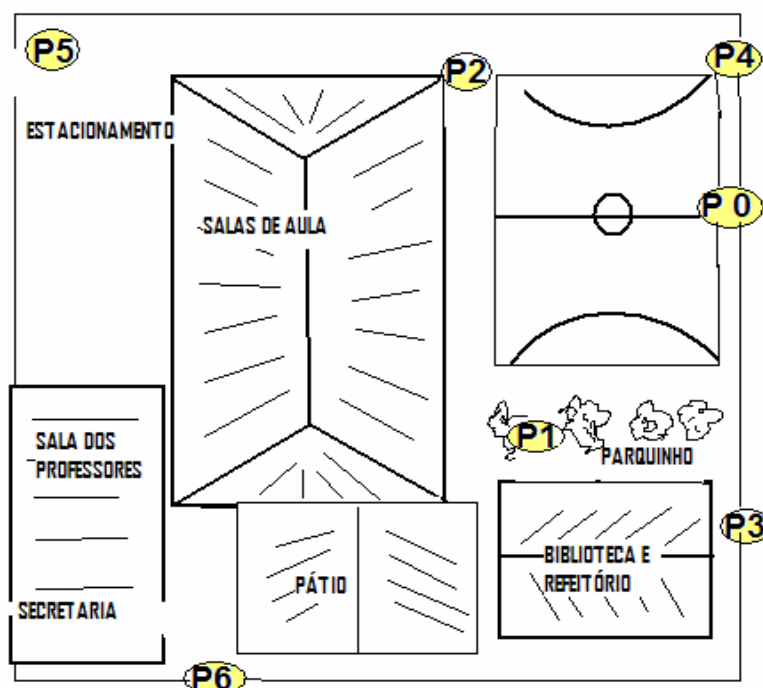


figura 5: exemplo de croqui

- 3- Discuta sobre as regras, ética e cooperação do jogo: o fato de o grupo dever estar unido na chegada, não se poder remover os pontos, poder auxiliar equipes perdidas, entre outros aspectos, torna a experiência riquíssima.

2) Pesquisa

Pesquisar sobre Corridas de Aventuras no Brasil (*Ecomotion*, EMA, etc.) e no exterior (*Ecochallenger*, *Raid Galouises*, entre outras). Que tipos de modalidades estão presentes; quais são comuns em todas as versões.

Sugestões de consulta:

<http://www.corridasdeaventura.com.br>;

<http://www.webventure.com.br>

Sugestão de Estudo Dirigido:

- 1) Quais as diferenças de sensações entre as Corridas de Aventura e os esportes tradicionais (futebol, vôlei, basquete,...)?
- 2) O que você acha da cooperação nessas competições? E na sua vida?
- 3) Qualquer pessoa pode disputar essas competições? Por quê?
- 4) Você acha possível que esses eventos possam vir a se tornar populares no Brasil?

AS DIMENSÕES DOS CONTEÚDOS NO CONTEÚDO ORIENTAÇÃO

- **Dimensão Conceitual:** Os alunos terão acesso a informações históricas sobre a utilização de mapas, bússolas e deslocamentos de aventureiros e conquistadores. Além disso, poderão concretizar informações subjetivas oriundas de outros componentes curriculares, de filmes ou livros, lendo os mapas, efetivando-as com as práticas corporais. São trabalhadas interpretações das escalas, das legendas e outros referenciais já vistos pelos

alunos do Ensino Médio, em anos anteriores, estudados a partir das outras disciplinas. Mesmo assim, são deixadas possibilidades para novas deduções, análises diferentes, mudanças de regras e outras discussões pertinentes.

Orientar-se é buscar referências que conduzam à um local desejado, dessa forma, os alunos estarão sendo preparados para futuramente terem autonomia de deslocamento pelo ambiente que escolherem.

Dimensão Atitudinal: sendo a realização das tarefas em grupos, de preferência mistos, fica nítida a necessidade de cooperação e coletividade para atingir as metas do jogo. Um bom momento para se trabalhar esses atributos, junto com a inclusão e sociabilidade, pode ser na divisão das equipes, mas, fundamentalmente, após a vivência. A realização das tarefas com bússola é possível estando só, mas em grupos de 4 a 6 pessoas, ganha uma dimensão especial, pois todos terão função e efetivo papel na atividade. A resolução dos problemas para se descobrir os pontos da corrida são momentos riquíssimos, onde todos podem trabalhar e colaborar.

Ética, disciplina e cuidados com a estrutura da escola também devem ser evidenciados. É uma atividade interessante para se discutir a inclusão. Podemos exemplificar com a atuação de cadeirantes sendo o “homem bússola” em seus grupos e os outros integrantes sendo pontos de referências, vasculhadores, etc. Os pontos a serem descobertos podem conter mensagens que trabalhem valores ou polêmicas, como políticas públicas, sexualidade, preservação ambiental, deficiências, etc.

- Dimensão Procedimental: Procuramos apresentar esta dimensão, de forma clara, nas explicações das vivências. Não repetiremos explicações e procedimentos para evitar redundâncias. Normalmente, os alunos realizam a atividade se deslocando aceleradamente, aumentando o metabolismo corporal, de forma aeróbica, trabalhando a resistência, sem perceber os benefícios físicos que estão recebendo. Adolescentes e crianças, descarregam ansiedades, concentrados em atingir a meta estipulada. Bastam duas ou três Corridas de Orientação e a maioria dos alunos contextualizam os conceitos sobre navegação com instrumentos (mapas, bússolas, etc.).

4.1.2- MONTANHISMO (escalada esportiva e técnicas verticais)

Faremos aqui uma abordagem daquilo que já realizamos e um relato do que já foi aplicado por outros professores em outras escolas. Já colocamos, em linhas gerais, as evoluções conseguidas em doze anos de trabalho com Montanhismo na escola. A seguir, detalharemos algumas das instruções consagradas neste conteúdo e efetivadas regularmente nas aulas de Educação Física daquela escola.

Achamos que, antes, devemos situar os leitores leigos sobre alguns aspectos de segurança e as principais dúvidas na implantação do conteúdo montanhismo na escola.

Importantes questões de segurança

1º) Montanhismo, escalada e outras atividades semelhantes possuem protocolos de segurança bem definidos que, se seguidos nos seus detalhes, tornam os riscos de acidentes praticamente nulos. Cabe ao professor se inteirar sobre esses protocolos e manter-se atualizado. Como já mencionado, quaisquer acidentes ou incidentes, por mais parecidos que sejam com os ocorridos em outros esportes, ganham uma dimensão maior, em se tratando de uma novidade fora da cultura usual dos membros da comunidade escolar. Uma torção de tornozelo jogando futsal será considerada menos grave que a mesma torção de tornozelo praticando Atividades Físicas de Aventura.

2º) Os equipamentos devem ser reconhecidos por órgãos regulamentares, como as européias UIAA (União Internacional das Associações de Alpinismo) e CE (Conforme as Exigências), ou as nacionais ABNT, INMETRO, etc. A utilização deverá ser específica para aquilo que foram concebidos. Com boa experiência, o professor poderá fazer as adaptações necessárias, mas a segurança deverá vir **sempre** em primeiro lugar e, de preferência, duplicada.

3º) Procure passar responsabilidades para os alunos, deixando claro os níveis de segurança, possibilidades de acidentes e procedimentos específicos para cada técnica a ser vivenciada. Se houver pouca maturidade ou o nível de assimilação do conteúdo for acima da capacidade da maioria dos educandos, aborte essas vivências.

Perguntas freqüentes sobre a implantação destes conteúdos

1- Não tive esses conteúdos na minha graduação. Como posso trabalhá-los em minha escola?

Você deve encarar conhecimentos fora da graduação como educação continuada e procurar não estagnar naqueles adquiridos em sua formação inicial. Portanto, essa atualização deverá acontecer em cursos com grupos de expedições, nas lojas de aventuras, equipes tradicionais de escaladas ou similares, em cursos oferecidos por órgãos oficiais de educação, etc. Posteriormente, o professor poderá transformar pedagogicamente o conteúdo aprendido para a realidade de sua comunidade escolar.

2- Minha escola é plana e conta com apenas um espaço descoberto onde dou as aulas. Como posso trabalhar técnicas verticais e o montanhismo?

Muitas escolas contam apenas com espaços adaptados para as aulas de Educação Física, onde os professores devem ajustar os conteúdos e trabalhar de acordo com restritas possibilidades e uma realidade cheia de dificuldades. Não poderemos resolver todos os problemas estruturais, mesmo porque, não é uma dificuldade restrita a área da Educação Física. Relataremos mais a frente algumas possibilidades e adaptações para que, desse modo, os alunos possam usufruir esses conteúdos diferentes dos usuais.

3- Os equipamentos específicos são caros. Como adquiri-los para uma escola pública ou de baixa renda?

Reconhecemos as dificuldades sobre a aquisição de materiais pedagógicos, sejam quais forem, ainda mais aqueles fora das tradições de nossa área, mas percebemos que isso não é o principal empecilho para a realização, ou não, desse tipo de conteúdo. A maior restrição, além do conhecimento técnico de algumas ações, é encarar o desafio de implantar algo novo e enfrentar as barreiras da ignorância por parte da comunidade. Todos nós sabemos de histórias de professores de escolas públicas que realizaram ações inéditas, fora do comum e deram certo. Já mostramos que é possível adquirir materiais pedagógicos através de doações da Associação de Pais e Mestres (APM), de rifas, barracas de festas juninas, grêmios estudantis, entre outros.

Somente o professor, no cotidiano de sua prática, saberá fazer as adaptações necessárias para a plena realização desses tipos de atividades.

Recomendação: mande um aviso aos responsáveis sobre o início desse conteúdo. Pode ser nos moldes da circular exemplificada mais a frente, nas atividades sobre rodas.

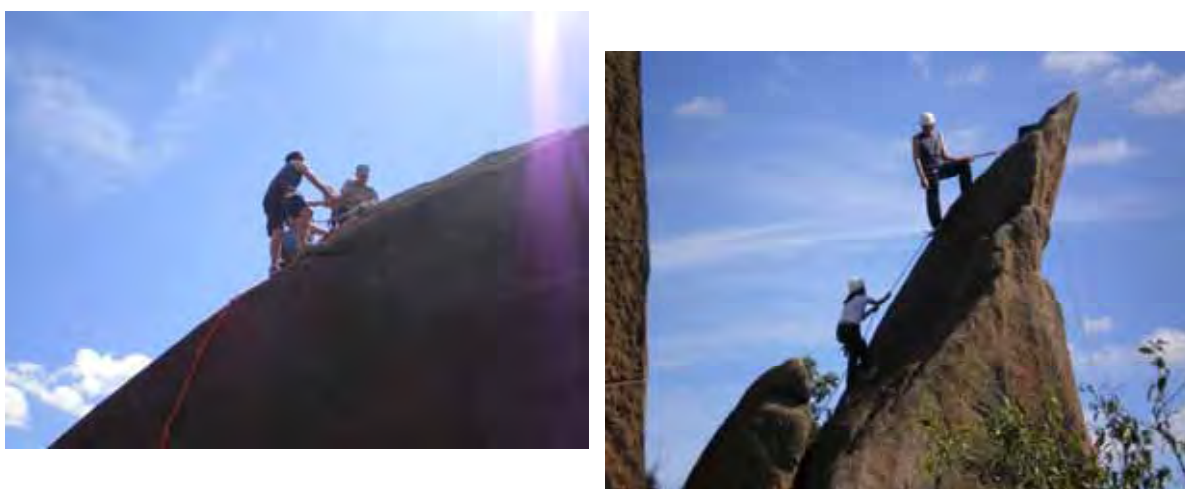


Figura 6: fotos de alunos do Ensino Médio escalando no estudo do meio

4.1.2.1- SUGESTÕES DE ATIVIDADES SIMPLES E INTRODUTÓRIAS

Roda Inicial

Antes das vivências práticas, os alunos podem realizar pesquisas sobre o montanhismo e escalada. Podemos começar esse conteúdo, presente no imaginário das pessoas, a partir dessas informações coletadas pelos alunos, ou assistindo filmes *hollywoodianos*, como as grandes produções “Risco Total” e “Limite Vertical”²¹, pedindo para fazer um levantamento das técnicas utilizadas, da preparação necessária para a prática, sobre os equipamentos, etc.

²¹ “RiscoTotal” (*Cliffhanger*, 1993), direção: Renny Harlin e “Limite Vertical” (*Vertical Limit*, 2000), direção: *Martim Campbell* (CINE, 2008).

Vivência 1 - Escalada horizontal:

- O professor desenha, com giz no chão, “agarras”, simbolizando pontos de apoio de uma parede de escalada ou montanha. Preferencialmente, os alunos poderiam ter pesquisado fotos ou gravuras de escaladores em ação, trazendo-as para a aula e tentando imitar as posições.

- O aluno, em decúbito ventral, deverá utilizar 4 ou 6 apoios para, apoiando-se somente nas “agarras”, se deslocar até o cume da montanha horizontal.

- As dificuldades podem ser aumentadas, afastando mais uma “agarra”, sinalizando o apoio da ponta do pé, de dois dedos apenas, mudando a direção da via, e outras.

Vivência 2 - Falsa baiana (introdução ao arborismo):

Trata-se de uma técnica de transposição de cursos d'água, entre copas de árvores ou abismos, onde o praticante se apóia com os pés sobre uma corda bem tracionada, suspensa do solo e, outra, segurando com as mãos, também suspensa e tracionada, na altura da cabeça. É um obstáculo freqüente no arborismo. Vejamos a adaptação na escola:

- utilizando dois postes, duas árvores, ou algo semelhante (já utilizamos postes de vôlei, mas, cuidado, podem entortar) e duas cordas de 10 mm de espessura no mínimo (podem ser daquelas utilizadas em construções – poliamida acetinada, com alma – desde que não sejam velhas e, por segurança, não fiquem muito altas).

- amarrar uma das cordas de um poste (árvore) ao outro, a uns 60 cm do chão, dando-lhe grande tração. Existem nós e equipamentos que facilitam essa tração²². É necessário treinamento específico para o uso dessas técnicas.

- quanto mais a corda estiver esticada, mais facilidade e segurança para os praticantes. Quem possuir conhecimentos sobre nós de tração terá o trabalho facilitado.

²² O nó conhecido como “carioca”, muito utilizado por caminhoneiros, pode ser eficiente nessa operação, apesar de desgastar a corda. O ideal é utilizar cordas específicas de montanhismo, que agüentam o triplo das comuns – de construções – e são melhores para adequar nós e equipamentos, porém são quase dez vezes mais caras. Numa média entre três lojas especializadas, constatou-se, em 2008, o valor aproximado de R\$11,00 o metro da corda estática de 10,5 mm importada.

- fazer o mesmo com a outra corda, porém na parte superior do poste de vôlei, a dois metros do solo, ou na altura da cabeça dos alunos, no mínimo.

- o aluno deverá se deslocar apoiando-se na corda de baixo com os pés e segurando com as mãos na corda de cima.

- pode-se montar um circuito, utilizando bancos suecos, cordas verticais presas nas árvores, ou na tabela de basquete, para o “passeio do Tarzan”, arcos simbolizando pedras a serem transpostas e muitas outras tarefas possíveis, de acordo com a criatividade e maturidade dos envolvidos, simulando um arborismo ou uma pista de progressão no campo.

Com o aperfeiçoamento do grupo, talvez, futuramente, haja a possibilidade de se montar uma pista de arvorismo permanente.



figura 7a



figura 7b: fotos de falsa baiana com crianças do fundamental I

Vivência 3 - Comando Crow

- Com uma corda bem tracionada de uma árvore a outra é possível atravessar de um ponto a outro em decúbito ventral, apoiando-se o peitoral e o ventre sobre a corda, deslocando-se puxando o corpo com as mãos. Essa travessia simboliza a superação de um rio ou abismo e é conhecido como “Comando Crow”.

- A técnica pode variar para o “Passeio do Macaco”, quando se desloca, segurando a corda pelas mãos e pés, de costas para o chão.

Pesquisa

Pesquisar sobre arborismo (ou arborismo) e escalada. O que são? Qual a origem? Que tipos de obstáculos estão presentes nestas atividades? Qual a relação com as atividades vivenciadas na escola?

Sugestões de consulta:

PEREIRA, D.W. **Escalada**. Odysseus Editora, São Paulo, 2007.

<http://www.guiafloripa.com.br;>

<http://www.webventure.com.br;>

<http://www.360graus.com.br>

4.1.2.2- ATIVIDADES COMPLEXAS – TÉCNICAS VERTICAIS

Adaptamos à estrutura escolar, algumas técnicas e procedimentos mais rebuscados, visando deixar esses conteúdos mais significativos para a faixa etária do Ensino Médio. Utilizando equipamentos específicos e o espaço disponível que possuíamos, conseguimos aprofundar as técnicas trabalhadas junto aos alunos, aumentando a complexidade na resolução de problemas durante as ações realizadas em aula. A partir daí, procuramos evidenciar as regras básicas, principalmente as de segurança, sobre as práticas relacionadas, nós e equipamentos fundamentais e discutir sobre os riscos e a utilização das técnicas como um meio e não um fim em si mesmo. Utilizar o *Rapel* como um meio de superar um obstáculo num trajeto e não sua prática como um fim exclusivo. De qualquer maneira o professor deve preparar o conteúdo antecipadamente.

Vejamos os exemplos procedimentais:

Vivência 1: Tirolesa: trata-se de um cabo aéreo, portanto uma A.F.A no ar²³, em que o praticante se desloca pendurado por uma fita ou corda, conhecida como “talabarte”, “solteira” ou “longe”. Uma extremidade desta “solteira” fica presa numa cadeirinha de fitas vestida pelo indivíduo e a outra extremidade se prende no cabo aéreo, por meio de uma polia adequada para esse fim. Se na escola, ou nas redondezas, houver um barranco a partir de 3 metros, já é possível a confecção de uma tirolesa básica.

- prende-se a corda numa árvore, poste, etc., na parte superior do barranco, muro, ou local adequado para a descida, com ancoragens especificadas em protocolos de segurança.

- na parte de baixo, com utilização de nós e equipamentos específicos, ou bem adaptados, traciona-se a corda, o suficiente para um percurso aéreo que represente a

²³ A tirolesa pode ser considerada Atividade Física de Aventura aérea, pois sua principal ação é feita com a pessoa pendurada no cabo, sofrendo, principalmente, a ação da força gravitacional.

transposição de um suposto obstáculo (rio, abismo, etc.). Existem nós, equipamentos e procedimentos que facilitam essas ações.

- Há vários tipos de frenagem do “explorador” que está descendo na tirolesa. A que mais utilizamos é a amarração de uma outra corda no mosquetão²⁴ que une o talabarte à polia do cabo aéreo, limitando à distância desejada, suficiente e segura para a transposição. Essa corda facilita, também, o retorno da polia ao ponto de início, no alto do barranco.



figura 8: foto de tirolesa na escola (montagem e execução)

Vivência 2: *Rapel*: trata-se de descidas de barrancos, penhascos ou abismos, utilizando corda, cadeirinha de fitas, mosquetões e freios específicos para esse fim. Envolve vários fatores de segurança, a começar pela corda que deverá ser exclusiva para essa técnica, afinal, um ser humano ficará pendurado nela. Essa corda também é chamada por escaladores de “cabo da vida”, devido aos riscos que envolvem as diversas ações sobre ela e o indivíduo.

²⁴ Mosquetão é uma peça em formato de elo com uma parte móvel (gatilho) geralmente confeccionada em duro alumínio ou aço. Tem como objetivo prender o praticante – sua cadeirinha – no freio. Também é usado nas ancoragens e talabartes.

Outro fator importante é a ancoragem dessa corda. Ela deverá ser presa em, pelo menos, dois pontos de grande resistência, utilizando nós especiais e, se possível, em “fitas tubulares”²⁵, além de proteger os pontos em que possa haver desgastes excessivos na corda.

- prende-se a corda numa árvore, poste, etc., na parte superior do barranco, muro, ou local adequado para a descida, com ancoragens especificadas em protocolos de segurança.

- o restante da corda fica solta, de modo que alcance a parte inferior do barranco.

- com a utilização de cadeirinha de montanhismo (de fitas), mosquetão e freio específico²⁶, a pessoa instala-se na corda e, com a técnica adequada, efetua-se a descida. Uma altura de dois metros, ou mais, já é suficiente para a aprendizagem da técnica.

- Um companheiro deverá segurar a extremidade de baixo do “cabo da vida”, pois, caso aconteça algum incidente durante a descida, basta puxar a corda que travará o sistema de frenagem da pessoa que estiver descendo. Portanto a segurança, além de ser boa e de fácil ação, é realizada através da cooperação entre colegas.

ATENÇÃO: essas técnicas exigem experiência do instrutor, não só nas formas de descida, na confecção das ancoragens e colocação da corda, como na capacidade de resolução de problemas, acidentes e incidentes.

²⁵ Fitas tubulares são tiras de material sintético unidas de modo a formar um anel. Podem ser usadas presas na cadeirinha, com a finalidade de segurança (solteira) ou na ancoragem, em lugares onde as cordas poderiam ser danificadas.

²⁶ Existem freios de diferentes tipos (8, ATC, simple, stop, rack), confeccionados, geralmente, em duro alumínio ou aço. Tem como objetivo, controlar a descida do praticante. Seu funcionamento está baseado no atrito da corda com o equipamento, que é preso ao mosquetão da cadeirinha.



figura 9: fotos de rapel em estudo do meio dos alunos do Ensino Médio – montagem e execução pelos próprios.

Trabalhar o jogo simbólico

Não devemos nos esquecer de engrandecer as atividades com estórias e histórias para aumentar o imaginário dos alunos e tentar melhorar a contextualização do conteúdo. Fotos e filmes como os já citados “Risco Total” e “Limite Vertical” podem ilustrar as atividades.

a) Pesquisa

O que é espeleologia? Quais as técnicas verticais e equipamentos utilizados pelos espeleólogos?

Sugestões de consulta:

<http://www.fpe-espeleo.org>;

<http://www.sbe.com.br>;

<http://www.spe.pt>;

<http://www.bambui.org.br>

b) Sugestão de Estudo Dirigido

- 1) Quais as sensações você sentiu antes, durante e depois de realizar as técnicas do *rapel* e da tirolesa? Se não realizou explique o porquê.
- 2) Como relacionar a cooperação nessas vivências com o dia a dia de sua vida?
- 3) Qualquer pessoa pode realizar essas técnicas verticais? Em que situação? Reflita sobre as regras, a ética e a funcionalidade dessas atividades.
- 4) Você acha possível que um dia utilizará esses conhecimentos em alguma situação ou atividade? Quais e por quê?

LEITURA ADICIONAL: exemplos de trabalhos sobre escalada e montanhismo em outros estabelecimentos educacionais

1) Na Escola Estadual de Ensino Médio “Antonio Francisco Redondo”, localizada na periferia do município de São Paulo, no ano de 1998, o professor definiu com os alunos as atividades que estes gostariam de ter como conteúdo, com base em um planejamento participativo. Dentre as idéias apresentadas, algumas foram implantadas: parede de escalada, trilha para caminhada e bicicleta. Essas atividades são geralmente encontradas em grandes escolas da rede particular, (PEREIRA e CARCERONI, 2005), mas, na rede pública, se julga impossível tal projeto, devido ao seu custo, conhecimento e mão de obra. Professor e alunos se uniram para: comprar materiais, contratar especialista e trabalharem em conjunto com as próprias mãos, construindo uma referência em educação física escolar. Dentre os esportes de aventura propostos, partiu dos alunos o trabalho de: limpar o terreno abandonado, criar e sinalizar a trilha; plantar árvores que hoje formam o bosque; furar a parede e colocar as agarras; pintar a parede de escalada; aprender e transmitir as técnicas de escalada. (PEREIRA e RICHTER, 2006)

2) Desde 2004 desenvolve-se um Curso de Aventura no Colégio Magno, instituição de ensino privado localizada na cidade de São Paulo, destinado aos alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, sendo que, para as 5ª e 6ª séries do Ensino

Fundamental, se dá como atividade extracurricular e para os demais está inserida no currículo como opção de aula de Educação Física. O objetivo do trabalho é proporcionar vivências em diversas modalidades esportivas na natureza. O curso possui um núcleo comum e três núcleos específicos, núcleo terrestre, núcleo aquático e corrida de aventura. Estes são divididos em modalidades. O núcleo comum é composto por orientação, socorros de urgência, nutrição para aventura, noções de meio ambiente, organização, resgate e salvamento. As modalidades do núcleo terrestre são montanhismo e *mountain bike*. No montanhismo os conteúdos abordados se referem à técnicas verticais, *camping*, caminhada e escalada esportiva. Os conteúdos da *mountain bike* são: *downhill*, *cross country* e *free ride*. As modalidades do núcleo aquático são: canoagem, surfe, mergulho livre, mergulho autônomo e *rafting*. A corrida de aventura envolve conteúdos do núcleo comum, do núcleo terrestre e do núcleo aquático e possuiu um caráter de competição multi-esportiva em contato com a natureza. A principal dificuldade no desenvolvimento desse programa foi a organização das aulas, em função dos recursos materiais necessários, nem sempre disponíveis na escola. Neste caso, essas dificuldades foram minimizadas, pelas excelentes condições oferecidas pela escola, uma vez que dispunha de um Professor de Educação Física com grande experiência em diversas atividades de aventura, além de ter disponibilizado parte dos recursos materiais necessários (PEREIRA e CARCERONI, 2005).

Esses relatos anteriores servem para mostrar que é possível o trabalho com técnicas do montanhismo e escalada na escola, mas não se pode esquecer que devem receber um trato pedagógico por parte do professor, transformando-os em conteúdos das aulas de Educação Física (FRANCO, 2006).

AS DIMENSÕES DOS CONTEÚDOS NO CONTEÚDO MONTANHISMO

Dimensão Conceitual: Sabemos que atividades relacionadas ao montanhismo, como: escaladas, acampamentos, noções de sobrevivência e outras, são constantemente exploradas em filmes de aventura, documentários, produções literárias e

pela mídia, ao divulgarem expedições de conquistas, explorações e expressões artísticas. Portanto, fazem parte de uma cultura histórico-artística presente em nossa sociedade e no imaginário das pessoas. Esses dados tornam mais fáceis a apresentação e o trabalho conceitual deste conteúdo, seja numa forma de apresentação simples, ou nas montagens mais complexas.

Ao direcionarmos as atividades para uma maior complexidade, estamos também aumentando os riscos, pois estaremos adentrando ao campo das especificidades técnicas e estruturais. Isso exige maior conhecimento e maior atenção, tanto do docente, quanto dos discentes. Conhecimentos específicos sobre o tipo de corda, suas ancoragens, equipamentos e técnicas de tração e segurança, deverão sempre estar atualizados. Utilizando conhecimentos sobre nós específicos, os equipamentos necessários e os protocolos de segurança, os alunos deverão montar técnicas verticais, como *rapel* e tirolesa, respeitando uma hierarquia de conceitos. Esses conceitos trabalhados podem ser ilustrados conforme o modelo simplificado a seguir:

O exemplo da Tirolesa - no 1º ano do Ensino Médio, o professor monta a tirolesa, com o auxílio dos alunos, após apresentar conceitos e equipamentos. No 2º ano do Ensino Médio, após a revisão dos conceitos, os alunos montam a estrutura, com o auxílio do professor e, no 3º ano, os alunos montam tudo, com número certo de equipamentos específicos, num tempo estipulado pelo professor.

E assim acontece com outras técnicas que envolvem conhecimentos e utilização de equipamentos específicos, no decorrer dos três anos do Ensino Médio.

Dimensão Atitudinal: Em se tratando de um conteúdo de pouca divulgação no Brasil, quando comparado aos esportes tradicionais trabalhados na escola (futsal, handebol, basquete e vôlei), torna-se uma ótima oportunidade para retomarmos discussões relevantes como: cooperação, cuidados com o próprio corpo e com o do colega, superação de limites pessoais, medo, confiança e autoconfiança, entre outros. A simples realização das tarefas de aula já demonstraria vários desses atributos e a emissão de juízos sobre as condutas de todos os envolvidos. Porém, com a efetivação das discussões acerca das sensações

vivenciadas, da resolução dos problemas e de quais as perspectivas de utilização das técnicas, esse conteúdo fica muito interessante para a adequação escolar.

De preferência, é o professor que testará a montagem das técnicas verticais, como a tirolesa, por exemplo, se tornando referência, demonstrando confiança nesta técnica de transposição e no trabalho dos alunos. Como envolve uma série de conceitos e procedimentos, os alunos devem mostrar empenho, organização, cuidado com os materiais e cooperação na realização das tarefas. As superações de limites pessoais aparecem com nitidez nessa atividade. O medo de altura, liderança, autoconfiança, timidez, vergonha, entre outros, são escancarados pelos alunos e deverão ser trabalhados pelo professor. É uma oportunidade “de ouro” para o trabalho de formação do futuro cidadão.

Dimensão Procedimental: apresentamos várias seqüências de aulas, desde as mais simples e possíveis em qualquer estrutura escolar, até aquelas que exigem equipamentos e conhecimentos profissionais. Todas elas já experimentadas com sucesso no ambiente escolar.

As ações responsáveis para se atingir as metas da aula, devem ser precisas, caso contrário, não se cumprirão as vivências, efetivamente. Montar toda a estrutura requer, além de disciplina e organização, uma dose de coordenação e de habilidades gerais e específicas. A vivência das técnicas estimula a percepção sensorial e a utilização de vários grupos musculares importantes, aliados a uma boa comunicação entre todos os envolvidos.

4.1.3- ATIVIDADES SOBRE RODAS – *Skate*, Patinetes, Patins Bicicletas e outros.

Até bem pouco tempo eram inviáveis atividades sobre rodas nas escolas. Antes só se concebia atividades relacionadas aos esportes tradicionais nos espaços e estruturas construídas para esse fim. Mesmo a popular bicicleta era proibida de frequentar os mesmos espaços da bola. Além disso, os equipamentos eram elitizados, em sua maioria importados e de preços exorbitantes.

Houve uma popularização dessas atividades e com isso patins e *skates* passaram a ser vendidos, não só em lojas especializadas, mas também em lojas de brinquedos, supermercados e semelhantes. Com isso, é possível ver, hoje em dia, crianças de todas as

classes brincarem com eles, desde patins usados, doados ou emprestados e incluídos às brincadeiras de rua da periferia, como também, adolescentes que juntam seus trocados e melhoram paulatinamente seus equipamentos com pouco investimento.

Resumindo, hoje, com as mudanças de concepções da Educação Física e adaptações do ambiente escolar, é possível realizar algum tipo de trabalho sobre rodas na escola ou, até, uma seqüência interessante de desenvolvimento deste conteúdo.

Importantes questões de segurança

Torna-se evidente colocar uma regra fundamental: usar equipamentos de segurança. Que sejam de uso coletivo, patrocinados, adaptados ou qualquer outra forma possível. É importante o professor diminuir todas as chances, e não são poucas, de acidentes para o evidente sucesso deste tipo de atividade. Acontecem contusões no futebol, mas, como já citado, se um mesmo tipo de contusão acontecer sobre rodas, haverá cobranças diferentes por parte dos pais e direção da escola. Um exemplo de adaptação que ocorreu numa das escolas trabalhadas foi a de improvisar cotoveleiras, joelheiras, caneleiras e outros, utilizando papelão. Colocava-se o papelão, formatando-o de acordo com a região do corpo, e prendia-o utilizando barbantes, fitas ou vestia-se uma meia no local para prender o “equipamento de segurança”. Algumas crianças ainda desenhavam no papelão o símbolo de uma marca famosa de material esportivo, desejando deixá-lo “oficial”.

Para participar, primeiro se proteger. Pode-se trabalhar com titulares e reservas, revezando os itens de segurança. O procedimento ideal é encaminhar um aviso em circular aos pais ou responsáveis sobre os conteúdos a serem desenvolvidos, com retorno, com assinatura, autorizando a participação dos filhos. Essa circular pode acompanhar os padrões da instituição, ou uma espécie de carta aos responsáveis pelos alunos, mas será sempre um procedimento importante que respaldará o trabalho do docente.

Exemplo de circular:

Caros pais e responsáveis,

Na próxima semana iniciaremos, nas aulas de Educação Física, o conteúdo Esportes de Aventura com modalidades radicais sobre rodas, tais como patins, skates, patinetes, rolimã, etc. Serão atividades cercadas de segurança e importantes para o desenvolvimento dos conhecimentos dos alunos.

Pedimos que os alunos tragam os equipamentos que preferirem, junto com pelo menos um dos itens de segurança recomendados: joelheiras, cotoveleiras, luvas e capacetes. Esses equipamentos de segurança deverão ser trabalhados por todos os alunos, visando a coletividade, o cuidado e integração entre os colegas.

Os alunos que não possuírem equipamentos também participarão das aulas.

Contando com a compreensão dos senhores, desde já agradecemos e nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos.

professor

direção/coordenação

.....

DEVOLVER ASSINADO NA PRÓXIMA AULA

Eu, _____, responsável pelo aluno(a) _____ da ___ série __, autorizo a participar dos conteúdos sobre rodas durante as aulas de Educação Física.

Local e data

assinatura do responsável

Vamos a algumas sugestões:

Roda Inicial

O professor deverá conversar com os alunos antes da aula inaugural das atividades sobre rodas. Uma ou duas semanas antes já é o suficiente, pois desta forma, é

possível preparar todo o ambiente para o desenrolar deste conteúdo e antecipar possíveis problemas.

- O professor pergunta aos alunos onde eles conheceram e como foi o primeiro contato com o(s) equipamento(s).
- Em seguida faz um levantamento sobre terminologias e nomenclaturas conhecidas sobre esses equipamentos, podendo escrever no quadro negro, ou no chão do pátio/quadra, um pequeno glossário, incluindo nomes de manobras, a ser utilizado no desenrolar dos conteúdos.
- Nem todos possuirão *skates*, patins, patinetes ou até bicicletas, por isso, pode-se perguntar à classe como incluir esses alunos.
- Aqueles que possuem mais de um equipamento e que quiserem disponibilizar, deverão criar regras de conservação e de uso para o empréstimo.



figura 10: Fotos de alunos nas aulas sobre rodas.

- Podem surgir idéias de revezamento do equipamento, como tempos pré-estipulados, funções especiais para quem está de pé no chão ou confecção de carrinhos de rolimã ou semelhantes. Procurar evidenciar o espírito de coletividade e a cooperação para o bom caminhar dessa seqüência de aulas.

Vivências

Deve-se levar em conta as regras da escola e o espaço físico. Os equipamentos devem ser encarados como material pedagógico para desenvolvimento do conteúdo, deixando claro a todos a seriedade do trabalho, e que os alunos não os usem fora dos horários da aula de Educação Física e em lugares indevidos.

Vivência 1 – tempo: uma ou duas aulas

EXPERIENCIAÇÃO e EXPLORAÇÃO – solicitar para os alunos que possuam, ou puderem emprestar, trazer patins, *skate* ou patinete na aula.

- Deixar os alunos andarem, passearem e se mostrarem, livres pelo espaço pré-determinado, para que explorem o ambiente escolar. Quem já souber andar bem deverá (poderá) ensinar àqueles que não sabem.
- - Aqueles que não possuem nenhum dos artigos deverão criar itinerários pelo espaço disponível, obstáculos ou tarefas para os mais hábeis ou ajudar nas dificuldades dos menos hábeis. Lógico que, se somente uma ínfima minoria estiver sobre rodas, não será significativo esse tipo de trabalho.
- A experiencição é importante, mesmo parecendo, inicialmente, uma aula livre. É um momento em que os alunos estarão explorando um lugar cotidiano de outra perspectiva, com uma percepção diferente, descobrindo-se e re-descobrimdo o espaço escolar. O professor pode intervir em vários momentos, tais como: sugerir aos alunos que não saibam andar de *skates* que o façam sentados ou deitados; sugerir desafios aos que já sabem andar (obstáculos, saltos, manobras, etc.), sugerir uma coreografia a um ou mais grupos, etc.

Discussão

- O professor abre a conversa perguntando se há diferenças entre andar fora e dentro da escola e como foi essa experiência.

- Em seguida, a discussão é sobre acidentes e regras de segurança: as ocorrências e problemas vivenciados naquela aula - e fora dela - e a possível criação de novas combinações acerca de segurança.
- O terceiro e importante momento passa a ser como incluir àqueles que não possuem equipamentos sobre rodas.

Tarefa de casa: o professor pede jogos por escrito idealizados por eles, ou trabalhar as idéias surgidas em aula em grupos, tendo como base a inclusão de todos.

Vivência 2 - duas aulas

Roda inicial:

JOGOS SOBRE RODAS (*ROLLER GAMES*) - existe uma infinidade de possibilidades de jogos sobre rodas, basta soltar a criatividade, podendo utilizar, tanto jogos tradicionais, como criar outros novos. Começando, por exemplo, a partir das próprias idéias dos alunos, da apresentação delas à classe e discussão da viabilidade da prática. Talvez o ideal, dependendo dos alunos, seja começar por uma atividade proposta pelo próprio professor que, com seu bom senso, nivelará o jogo de acordo com as habilidades gerais da turma.

O professor questiona os alunos sobre outras formas de utilização dos equipamentos e sobre a possibilidade do uso deles em jogos na escola. Após esta reflexão, os alunos já terão aberto a mente para novas possibilidades, tornando viável a prática de atividades antes não imaginada por eles.

JOGO 1: estafeta

- a turma se divide em grupos de 6 ou 7 colegas, sendo que cada equipe deverá possuir um skate ou bicicleta ou, até, um patinete. De preferência todas as equipes com o mesmo tipo de equipamento.

- As equipes se dispõem enfileiradas no fundo da quadra (pátio).
- Ao sinal do professor, o 1º aluno de cada equipe, estando sentado no implemento sobre rodas, deve ser empurrado pelo 2º até uma marca ou cone do outro lado da quadra e retornar até o ponto inicial.
- O 1º aluno vai para o fim da fila, enquanto o 2º senta no equipamento e o 3º o empurra no mesmo trajeto e assim por diante. A equipe encerra sua prática quando todos realizarem a tarefa. A primeira rodada não precisa ser competitiva, para uma melhor adaptação ao material. A partir da segunda rodada aplica-se a competitividade;
- Detalhe: o aluno que estiver sobre o equipamento não deve auxiliar o colega que está empurrando. Essa regra diminui possíveis acidentes.

Variações:

- 1) Dependendo do nível dos alunos, eles mesmos poderão se deslocar pilotando o equipamento, podendo, inclusive, estar variando as regras, tais como: se deslocar deitado; utilizar apenas um dos membros (pé ou mão, lado direito e esquerdo - lateralidade) para se impulsionar; colocar diferentes obstáculos no percurso, dar tarefas para a fila, durante o deslocamento do colega; etc.
- 2) Pode-se utilizar variações consagradas de jogos de estafetas, como por exemplo: contornar a própria fila; contornar cada integrante da fila (zigue-zague); passar entre as pernas dos colegas; etc.
- 3) Combinações com outros materiais pedagógicos, como bolas, cordas, colchões, também podem enriquecer a atividade. Uma das tarefas do corredor pode ser o arremesso da bola à cesta, se deslocar quicando a bola; sair do equipamento, dar um rolamento e voltar sobre rodas (treinar quedas); etc.

JOGO 2: *Basquete sobre rodas* – Esse jogo também permite a inclusão de participantes sem rodas.

- Divide-se a turma em duas equipes, tentando equilibrar a quantidade de alunos portando equipamentos sobre rodas e os de “pé no chão”.
- A regra principal é a de que quem estiver sobre rodas, ao receber a bola, não poderá acelerar seu deslocamento.
- Aqueles que não estiverem sobre rodas, ao receber a bola, deverão parar imediatamente, dando continuidade à jogada, passando ou arremessando, porém não devem arremessar dentro do garrafão.
- No restante do jogo as regras são semelhantes às oficiais, dando ênfase aos 3 segundos (ou mais) no garrafão. Se achar necessário, o professor poderá coibir a prática do “corta luz”.

Variações:

- 1) Podemos adaptar as rodas também em jogos como o “*streetball*” ou “vinte um”, mesclando jogadores com e sem equipamentos. Podemos, inclusive, realizar treinamentos usuais do basquete, estando sobre rodas, tais como, contornar cones quicando a bola; passes em deslocamento com arremesso, trança e assim em diante.
- 2) Pode-se adaptar os equipamentos para outros esportes tradicionais, tais como, handebol sobre rodas e vôlei sobre patins, com adaptações nas regras que envolvem a rede.
- 3) Há, ainda, a adaptação em jogos populares como o pique bandeira (ou rouba bandeira, ou rouba lata); a queimada; a imensa variedade de pegas, esconde-esconde, etc.

Discussão

Após o jogo procure analisar com seus alunos quais as principais dificuldades encontradas para se jogar desta maneira.

- Reflita com eles sobre como seria o modo mais eficiente de se jogar desta forma, alertando para o respeito e reconhecimento das diferenças individuais, principalmente nas habilidades de um e de outro sobre rodas.
- Analise, também, quais os aspectos formativos deste jogo, que podem torná-lo um meio educativo, alertando novamente, se necessário, para a possibilidade da utilização do mesmo na formação de valores, tais como, o respeito, a tolerância, a solidariedade, a cooperação, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, etc.

3) Pesquisa

Solicite aos alunos a realização de uma pesquisa em grupos para diagnosticar como ocorre a prática de atividades sobre rodas em seus bairros. Para isso, peça para que observem pelo menos três locais onde ocorram essas práticas (clubes, praças, nas ruas ou quadras), e descrevam as principais características de como é praticado.

Por exemplo: somente no contexto do lazer; se é há eventos competitivos, se há uso de regras oficiais ou não, quais são elas, número, sexo, idade e vestimentas dos praticantes, há escolas de skatismo, etc.

Conforme o andamento da pesquisa prepare, juntamente com os alunos, um roteiro de questões para que eles entrevistem alguns praticantes.

- Ao final do trabalho conclua com os alunos: Qual a dimensão do esporte mais observada em cada bairro? É lúdico, educacional ou de rendimento? Por quê

JOGO 3: *Hóquei* - Há a possibilidade de trabalharmos modalidades típicas sobre rodas, adaptando-as à realidade da escola e dos alunos. Apesar de não ser considerado

um esporte de aventura, o *Hóquei* é um exemplo disso e não devemos perder essa oportunidade.

- Pode-se realizar um trabalho completo, desde a pesquisa das regras, técnicas e táticas do *Hóquei* sobre patins (também chamado de tradicional), *Hóquei in-line* e no gelo, suas diferenças e semelhanças.
- Na prática, no ambiente escolar, devemos estar abertos para a inclusão do *skate* e o patinete no jogo, adaptando as regras.
- Detalhe interessante: o taco pode ser feito usando cabo de vassoura com uma garrafa de plástico de refrigerante na ponta, melhorando-se, desse modo, um simples bastão, além de aumentar a segurança dos praticantes.
- A bola de tênis é uma ótima opção, mas bolas de meia ou outras podem ser utilizadas.
- O campo de jogo pode ser adaptado em vários tipos de ambientes, utilizando a quadra e as traves ou dividindo-a em vários campos; o pátio, etc.

Discussão

Encaminhe, com seus alunos, uma discussão sobre a vivência que acabaram de realizar. Algumas questões sugestivas para encaminhar esta discussão são:

- a) O que vocês acharam deste jogo?
- b) É justo que sejam selecionadas apenas algumas pessoas para jogar enquanto as outras fiquem apenas assistindo?
- c) Vocês acham que no início do *Hóquei* no Brasil todas as pessoas podiam jogar se fossem habilidosas? Ou havia outro critério? O que será que mudou?
- d) O que vocês sabem sobre os equipamentos desse esporte?

Variações:

- 1) Pode-se iniciar o conteúdo *Hóquei* sem estar sobre rodas, como já é realizado com o olímpico *Hóquei* na grama. A vantagem, além da inclusão de todos, é a utilização de qualquer espaço como campo de jogo e os já citados cabos de vassouras com garrafas de plástico na ponta e bolinhas de meia.
- 2) Utilizando os bastões podemos criar outros jogos de estafetas, desenvolvendo as habilidades inerentes ao *Hóquei*, colocando obstáculos ou desafios para trabalhar a relação taco-bola-deslocamento e o controle da bolinha.

Leitura para discussão:

Pode-se introduzir um texto sobre a história do *skate*. Em nossas aulas, utilizamos fontes como o site da Confederação Brasileira de Skate (www.cbsk.com.br) onde também se encontram vários dados sobre o esporte, como: quantidade de competidores, estimativa de crescimento, os vários estilos. Utilizamos textos, baseados nesses dados, para discussão em sala, ou como fonte de pesquisa por parte dos alunos.

Trabalhos interdisciplinares

- 1) Podemos pesquisar, junto com outras áreas, quais os estilos de músicas ouvidas pelos skatistas e o modismo que gira em torno deste grupo, tais como vestimentas, linguajar, gestos, etc.
- 2) Os skatistas, assim como roqueiros, carregam certa fama de estarem vinculados ao uso e consumo de drogas. Pode-se, em conjunto com outras disciplinas, utilizar este conteúdo para um trabalho interdisciplinar sobre questões sociais, utilizando pesquisas sobre as faixas etárias de entrada nas drogas, a tipologia, prevenção, personalidades famosas, etc.

Vivências em Grupos

Apresentações Sobre Rodas – pode-se montar uma coreografia, com música, do tipo das realizadas em Ginástica Geral ou em grandes eventos. Podemos montar uma apresentação pura e simples daquilo que os alunos sabem fazer com seqüências básicas e

com obstáculos cotidianos (cadeiras, bancos, etc.). Devemos partir da criação dos jovens e procurar inserir a apresentação num dos eventos da escola, tentando envolver a comunidade neste tipo de projeto, até para garantir novos projetos futuros.

Atividade Extra

Uma possibilidade, com muitos pontos positivos, talvez seja a organização de passeios ciclísticos, não só entre alunos, mas, principalmente, convidando toda a comunidade escolar. Trata-se de um trabalho de sociabilidade muito rico e com desdobramentos interessantes para a escola. Porém, como já dito, trata-se de um trabalho, pois, grande parte da organização recai sobre nós professores, tais como: correr atrás dos itens de segurança no trânsito e nas ruas, de palestras, unidade dos ciclistas, primeiros socorros, etc., etc. e etc.

Pode-se montar sob a forma de Estudo do Meio, de preferência interdisciplinar, a ida a uma ciclovía, ou à estradas de terra com pouco movimento ou a um parque, etc., com a inclusão de avaliações cardiorrespiratórias, pedalada por equipes, entre outros.

AS DIMENSÕES DOS CONTEÚDOS NO CONTEÚDO SOBRE RODAS

Dimensão conceitual: Já há décadas, brincar sobre rodas é parte da cultura infantil das crianças. Bicicletas, *skates* e outros, passaram a fazer parte do rol de presentes por adolescentes e crianças, sejam em épocas natalinas, nos aniversários, etc. Portanto, fazem parte da Cultura Corporal de Movimento dos brasileiros, sendo que, uns brincam mais, outros menos, mas a imensa maioria das crianças e adolescentes conhece esses brinquedos – que também servem de transporte. Assim, torna-se viável levarmos essas atividades para dentro do currículo escolar e explorá-lo e, o melhor conteúdo para inseri-lo, são as A.F.A.

O *skate* tem se destacado atualmente no espaço midiático. Com alguns campeões mundiais, o Brasil se desponta em competições internacionais de algumas das modalidades, conseguindo um bom espaço nos diversos meios de comunicações em nosso país. Atletas como Sandro Dias, o “Mineirinho”, e *Bob Burnquist*, ambos campeões

mundiais do chamado *skate* vertical, passaram a ser conhecidos nacionalmente, se tornando ídolos de uma geração. Como já citado anteriormente, segundo a Confederação Brasileira de *Skate*, hoje em dia, já são mais de 3 milhões de praticantes, deixando clara a popularização dessa modalidade sobre prancha.

Enfim, o ambiente para o trabalho do conteúdo sobre rodas está criado. Poderemos explorar conceitos históricos sobre origem e desenvolvimento das diversas modalidades; os tipos e nomes das manobras e o porquê deles, normalmente, serem em inglês; os locais públicos para a prática, os particulares e os de competições; os tipos de obstáculos mais comuns, o que podemos adaptar ou criar, entre outros conceitos.

Dimensão atitudinal: Muitas crianças e adolescentes ficarão entusiasmados com a inserção de modalidades sobre rodas na escola, pois fazem parte de seu dia-a-dia, seja como transporte ou recreação. Mas, poderá ser difícil para alguns, ou por não possuírem equipamentos, ou por não serem praticantes. De qualquer maneira, o professor deverá dar um trato pedagógico às aulas e criar o ambiente propício para que as atividades sejam encaradas como conteúdo do currículo de Educação Física e não apenas como vivência. As normas, valores e atitudes, quotidianamente utilizados em outros conteúdos, deverão estar presentes na postura do aluno frente a sua atuação nas atividades.

Podemos, também, evidenciar alguns aspectos para que o aluno desmotivado se empenhe mais nesse período, valorizando mais ainda as idéias – criatividade – daqueles que não possuem equipamentos, dando tarefas como: montagem de obstáculos e circuitos, auxílio e segurança aos colegas, confecção de equipamentos de segurança, etc. Além disso, deve ficar claro para toda comunidade escolar que não é um período recreativo, mas sim um conteúdo especial em que os alunos poderão trazer o material de casa, para efetivar a aplicação de conhecimentos em aula.

Dimensão procedimental: Com três ou quatro equipamentos sobre rodas, já é possível algumas aulas com turmas de trinta ou quarenta alunos. Lógico que, como em qualquer esporte, o ideal seria vários materiais, para que o aluno tivesse bastante contato e vivência com os fundamentos. Mas sabemos das dificuldades da maioria das escolas

brasileiras. Dificilmente, há nas escolas públicas, várias bolas para treino de fundamentos de vôlei, futebol, etc. O professor, portanto, deve – como sempre – adaptar os equipamentos às estruturas de sua escola. Procuramos mostrar atividades mais próximas dessa realidade escolar que vivem grande parte dos professores de Educação Física.

4.1.4- ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA AQUÁTICAS: o exemplo do bóia cross

Existem muitas possibilidades em relação às práticas de aventura na água. Não se pode descartar o potencial da região de sua cidade.

Escolas situadas no litoral são privilegiadas, tendo possibilidades de convênios com clubes de vela, surfe e canoagem; acesso a projetos da prefeitura e incentivos da secretaria de esportes e outros órgãos, ou mesmo, dentro da própria escola, pode-se organizar um estudo de campo na praia.

Escolas situadas no interior, as vezes, têm acesso à piscinas em praças esportivas, ou à clubes no mesmo bairro, onde o professor, por vezes, desenvolve algum projeto de natação. Não se deve perder essa oportunidade, reduzindo-se apenas ao desporto natação. É possível adequar trabalhos de A.F.A., com bóias ou pranchas e o desenvolvimento dos fundamentos dessas modalidades na piscina e, em seguida, propor a aplicação num estudo de campo num rio (bóia) ou no litoral (prancha). As vezes o aproveitamento dos sistemas hídricos do município e região - que possuam estrutura para esses tipos de atividades - já são suficientes para esses estudos de meio que, aliás, ficam mais ricos quando tratados interdisciplinarmente.

O bóia cross

Não é difícil encontrar locais para a prática de bóia cross ou *acqua-ride*²⁷. Podem-se conseguir câmaras de ar usadas, de pneus de caminhão, por preços acessíveis,

²⁷ **Qual seria a diferença entre Acqua Ride e Bóia Cross?**

Bóia cross: é uma divertida brincadeira com câmaras de ar, lúdico, sem preocupação com técnicas, sem muita dirigibilidade, com movimentos naturais, deixando se levar pela correnteza do rio.
Acqua ride: é esporte, uma modalidade oficial da canoagem, dada pela sua dirigibilidade, com técnicas

transformando-as em material pedagógico para o dia-a-dia da escola e, especificamente, para esses estudos de campo em rios e corredeiras. Os objetivos poderão variar, desde a simples vivência na natureza, de forma lúdica, passando pela confecção e adaptação das bóias, até o estudo das técnicas e práticas competitivas.

Em nosso caso, aproveitávamos o estudo de campo ao PETAR, no Vale do Ribeira, em São Paulo, para a realização do bóia *cross* naquela região, considerada, pela população da região, o local de origem desta atividade no Brasil (DA COSTA, 2006, p.11.29)

Pelas regras do parque, somos obrigados a contratar monitores – condutores – ambientais (guias) e, no dia do bóia *cross*, revezávamos os alunos da seguinte forma:

- um grupo de dez alunos do 1º ano do Ensino Médio era, preferencialmente, o primeiro a realizar a descida da corredeira, utilizando essa modalidade. Eles saíam de uma ponte onde, a partir dali, se configurava um trajeto para iniciantes;
- o grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio, aproveitava a ponte e montava uma tirolesa sobre o rio, de forma que fosse possível transpô-lo. Os alunos desse grupo eram os primeiros a descerem a tirolesa;
- aos alunos do 2º ano era dada a tarefa de montagem de um rapel na ponte, pois já se encontravam aptos para isso. Esse grupo era o primeiro a realizar o rapel.

Conforme os alunos terminavam suas tarefas, ocorria a troca das modalidades, sendo que todos passavam pelo bóia *cross*, inclusive alunos que não sabiam nadar, cadeirantes ou com outros tipos de deficiência, pois o nível de dificuldade da corredeira e a experiência do condutor, do professor e de alguns alunos permitia essa estratégia.

As bóias eram alugadas na própria região, na quantidade de um terço (1/3) do grupo, devido ao revezamento dos alunos, o que barateava os custos do aluguel. Os alunos desciam de capacete, tênis, joelheiras e outros equipamentos de segurança. A descida durava de 40 a 60 minutos e sempre foi bem celebrada pelos alunos.

aperfeiçoadas, manobras e adeptos, praticantes que se dedicam e treinam participando de campeonatos. Também começou com câmaras de ar, hoje evoluiu e existe um bote inflável de PVC, especial para o esporte, bem mais hidrodinâmico (ACQUA RIDE, 2007).

pesquisa

- 1) Qual a origem do bóia cross e do acqua ride?
- 2) Quais são as regras do esporte?
- 3) Quais são e quanto custam os equipamentos?
- 4) Como você pode se aprimorar nessas modalidades?

Sugestões de consulta:

<http://www.acquaride.com.br;>

<http://www.fpca.esp.br>

DA COSTA, L.P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio De Janeiro: Confef, 2006.



Figura 11: fotos de bóia cross

Há ainda possibilidades reais de trabalhos de outras modalidades aquáticas, levando os alunos à natureza. Trabalhos como o *Kaiak Sampa*, realizado pela Federação Paulista de Canoagem, e o projeto “Navega São Paulo”, uma ação social da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer do governo paulista, são mostras dessas possibilidades. Só no Estado de São Paulo, para nos situarmos, há escolinhas de canoagem em Piracicaba e Cerquilha, das que conhecemos no interior e, no litoral, há projetos em Santos, São Vicente e em Peruíbe. Para saber mais, consulte o site da Federação Paulista de Canoagem - www.fpca.esp.br.

AS DIMENSÕES DOS CONTEÚDOS NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA AQUÁTICAS

Dimensão conceitual: nessa dimensão, o aluno deverão verificar fatos e princípios que envolvem sua adaptação ao meio líquido, com a utilização de um equipamento. As regras de segurança são específicas e fundamentais para evitarem-se acidentes e, mesmo assim, o monitoramento deve ser redobrado. Podem ser feitas pesquisas antes, ou depois da aula, baseadas nos objetivos das atividades, mas grande parte se fixará em generalizações, deduções e coletas de informações que engrandecerão esse trabalho adaptado.

Dimensão atitudinal: Essas modalidades são caracterizadas por princípios éticos de respeito às diferenças e discussões em cima de juízos sobre valores trabalhados cotidianamente no ambiente das aulas. Dependendo da modalidade, usam-se roupas de banho, expondo o corpo de um, ou outro aluno que não se sente à vontade com isso. O respeito aos colegas e às regras é algo fundamental e deve prevalecer, antes do início das atividades. Demos preferência para a prática da modalidade bóia *cross*, o que significa roupas e proteções e várias normas de conduta e segurança.

Dimensão procedimental: Os procedimentos em piscina são mais controláveis, mas na natureza devem ser bem explicados antes das práticas. O ideal é colocar pessoas experientes ao lado dos alunos menos experientes e revezar as vivências práticas de dez em dez alunos, ou, se possível, colocar monitores juntos, aumentando a segurança. São habilidades diferentes das usuais nas práticas escolares e envolvem novos grupos musculares, novas percepções e adaptações sinestésicas, propiciando novos setores de desenvolvimento aos nossos alunos.

“Não existe nada de completamente errado no mundo, mesmo um relógio parado, consegue estar certo duas vezes por dia.”
(Paulo Coelho)

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”
(Paulo Freire)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De nada adianta uma pesquisa acadêmica que não tenha aplicação prática e utilização por profissionais da área, no caso o profissional da escola. Dentro dessa perspectiva, estaremos atingindo o professor de Educação Física escolar, com o intuito de possibilitar uma maior reflexão e ação de sua prática, buscando a aplicação de uma pedagogia apropriada para a aplicação das Atividades Físicas de Aventura no ambiente formal de ensino.

Aparentemente, fica clara a ação sistemática e controlada durante as seqüências de atividades expostas nos capítulos 2.3, 2.4 e 4 deste estudo. Zabala (1998) afirma que esses tipos de seqüências de atividades, ou seqüências didáticas, são variáveis metodológicas que servem de análise da prática e permite um estudo sob uma perspectiva processual:

“Se realizarmos uma análise destas seqüências buscando os elementos que as compõem, nos daremos conta de que são um *conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.*” (ZABALA, 1998, p.18).

Esperamos, principalmente, que os resultados dessas aplicações possam despertar em outros professores a possibilidade de abrir seus horizontes e experimentar um novo conteúdo em suas aulas, uma prática pedagógica que efetivamente produza conhecimentos e aumente a significação da área de Educação Física no ambiente escolar.

Poderíamos considerar as Atividades Físicas de Aventura como práticas corporais que aliam o prazer e atributos da Cultura Corporal de Movimento a uma outra visão, um outro estilo de vida fora do cotidiano, que integra o homem, e sua tecnologia, ao meio natural e urbano, utilizando o universo do jogo e suas concepções no contexto do lazer, na competição e no lúdico, com atividades de risco controlado e à conscientização da necessidade de preservação ambiental, utilizando, principalmente, as energias da natureza como desafios a serem vencidos.

Toda essa discussão, como já dito, ainda é nova e, com certeza, outras e melhores definições aparecerão, alargando os conceitos e esclarecendo cada vez mais essa área tão atrativa e de imenso potencial para os profissionais de Educação Física.

Até pouco tempo atrás as Atividades Físicas de Aventura não estavam presentes nos currículos do Ensino Superior. Portanto, a grande maioria dos profissionais que atuam hoje na Educação Física escolar não teve esse conteúdo na graduação. Pois o movimento acadêmico atual mostra outra tendência. Nas mudanças de currículos recentes, muitas das instituições têm inserido disciplinas específicas que tratam desse assunto. Só para citar a região de Campinas, temos a METROCAMP (Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas); a FAJ (Faculdade de Jaguariúna); o CUA (Centro Universitário Amparense), como algumas das instituições que inseriram as A.F.A. em disciplinas específicas na formação de novos professores. Muitas outras instituições ainda não possuem uma disciplina específica, mas tratam desse conteúdo dentro de áreas como recreação e no contexto do lazer, há vários anos, como na UNESP de Rio Claro, em cursos de extensão, ou em Pelotas, no Rio Grande do Sul.

O panorama, portanto, tende à mudança e as A.F.A. poderão ser absorvidas pela escola com um maior embasamento e livres de preconceitos anteriores. Podemos enxergar práticas sistematizadas de A.F.A. nas escolas, não só por professores que as

tenham como atividades no contexto do lazer de fim de semana, mas trabalhadas por docentes conscientes da amplitude e beleza desse conteúdo.

Quisemos mostrar com este estudo, portanto, não a intenção de inserir um *hobby*, uma prática pessoal de lazer do professor, no conteúdo das aulas regulares de Educação Física, mas sim a exposição de propostas e possibilidades, baseadas em nossa experiência, para a discussão no meio acadêmico. Em nossa concepção, **é possível inserir A.F.A. na escola; são significativas pedagogicamente e são bem aceitas pela comunidade escolar.** Cabe agora, ao apontar esses caminhos, alastrarmos essas propostas, essas possibilidades, para tentar transformá-las em fatos e, efetivamente, inserir as Atividades Físicas de Aventura como conteúdo possível no meio escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABETA. **Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura.** Apresenta informações especializadas sobre o Turismo de Aventura. Disponível em <<http://www.abeta.com.br>>. Acesso em 17 de março de 2007.

ACQUA RIDE. **Expedições Acqua Ride.** Apresenta informações sobre história, técnicas e competições sobre bóia cross e acqua ride. Disponível em <<http://www.acquaride.com.br>>. Acesso em 10 de julho de 2007.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papirus, 1995.

AURÉLIO, B.H.F. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Folha de São Paulo e Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1995.

AVELAR, L. **O que é Montanhismo.** Apresenta apontamentos sobre a história do montanhismo. Disponível em <<http://www.fcmportugal.com/frameP.asp>>. Acesso em maio de 2006.

BETRÁN, J. O. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha:** as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.) *Turismo, Lazer e Natureza*. Manole, São Paulo, p.157-202, 2003.

BRASIL - C.E.B. – **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parecer CEB nº 15/ 98 de 01/06/1998.

_____- Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo de aventura: orientações básicas**. Coordenação - Geral de Segmentação. – Brasília Ministério do Turismo, 2006.

_____- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF. MEC, SEF, 1997.

_____- Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: MEC/SEB, 1998.

_____- Secretaria de Educação Básica. **PCN+ Educação Física**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2002.

BRUHNS, H.T. (org.) – **Conversando Sobre o Corpo**. Campinas, S.P. Papirus, 1994.

_____, **No ritmo da aventura:** explorando sensações e emoções. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (org.) *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p. 29-52.

BÚSSOLA, A. Apresenta informações sobre navegação através de bússolas, mapas e cartas topográficas. Adaptação do site <http://www.cne-escutismo.pt/> para o site do grupo “Papo Escoteiro”. Disponível em <http://www.papoescoteiro.na-web.net/oqueueumazimute.htm>. Acesso em 13 de julho de 2007.

CBSK, Confederação Brasileira de *Skate*. Apresenta informações e dados sobre o esporte. Disponível em <http://www.cbsk.com.br/asp/dados>. Acesso em agosto de 2007.

CANTORANI, J.R.H.; PILATTI, L.A. **O Nicho Esportes de Aventura:** um processo de civilização ou descivilização? EF y Deportes. Revista Digital – www.efdeportes.com/ Revista Digital – Buenos Aires – Año10 – nº87 – 2005.

CEB, Centro Excursionista Brasileiro. **História do Montanhismo.** Apresenta dados históricos e técnicos sobre o montanhismo. Disponível em <http://www.ceb.org.br/>. Acesso em 13 de maio de 2006.

CINE, Player. Apresenta críticas, perfis, notícias, artigos e comentários sobre filmes e outras produções cinematográficas. Disponível em <http://www.cineplayers.com>. Acesso em 12 de junho de 2008

CONSTANTINO, J.M. Desporto, Cidade e Natureza: Espaço Público e Cultura Ecológico. in DA COSTA, L.P. **Meio Ambiente e Desporto. Uma Perspectiva Internacional.** Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, Portugal. 1997.

CORREIA, W.R. **Educação Física no Ensino Médio:** subsídios para um projeto crítico e inovador. Tese de doutorado. São Paulo, 2005.

COSTA, V.L.M. **Esportes de aventura e risco na montanha.** São Paulo : Manole, 2000.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A Psicologia da Felicidade.** São Paulo; Saraiva 1992.

DA COSTA, L.P. **Meio Ambiente e Desporto:** uma perspectiva internacional. Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, Portugal. 1997.

_____, (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil.** Rio De Janeiro: Confef, 2006.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na Escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.

DEACOVE, J. **Manual de jogos cooperativos**. Projeto Cooperação, Santos, S.P. 2002.

FERREIRA, D.L. **Montanhismo**: conteúdo possível na Educação Física Escolar para alunos do Ensino Médio. Monografia de licenciatura em Educação Física. Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas – METROCAMP. São Paulo, 2006.

FREIRE; J.B. **Jogo: entre o riso e o choro**. Campinas, Autores Associados, Scipione, 2002.

FRANCO, L.C.P., et al. **Educação Física no Ensino Médio**: um levantamento bibliográfico. Anais do 4º Congresso Científico Latino Americano De Educação Física -Facis – UNIMEP. Piracicaba, SP, 2006 (a).

_____. **Esporte de Aventura na Escola**: uma proposta pedagógica. Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa – USP. São Paulo, SP, 2006 (b).

GALLARDO, J.S.P.(org.); **Educação Física Escolar**: Ensino Médio. In: Educação Física Escolar: do berçário ao Ensino Médio. Ed. Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

GERMIGNANI, P.S. **Esportes de aventura**: o trekking. Monografia, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo, 2004.

RADICAL, O. **História do Montanhismo**. Apresenta informações sobre diversas atividades de Aventura. Disponível em <http://www.oradical.uol.com.br>. Acesso em 14 de março de 2007.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MACEDO, L. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

MAFFEI, W.S. **Redimensionando a Educação Física escolar: uma proposta temática.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física, UNESP, Rio Claro, S.P. 2004.

MARINHO, A. **Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos.** In: Conexões: Educação, Esporte e Lazer. v. 1, n. 2, Unicamp, Campinas, 1999.

MARINHO, A. BRUHNS, H. T. (orgs.). **Turismo, Lazer e Natureza.** São Paulo: Manole, 2003.

MBA em Gestão em Esportes com Prancha. Apresenta informações sobre curso de especialização lato sensu, com dados do mercado de esportes com prancha. Disponível em <http://www.conesul.org/mba/new/dados>. Acesso em 20 de abril de 2007.

NICOLOSI, A. P. **Alquimia.** Apresenta informações sobre pesquisa e a teoria da Alquimia. Disponível em <http://br.geocities.com/serghenrique/alquimia.htm>. Acesso em 9 de julho de 2008.

OLIVEIRA, A.A.B. **Educação Física – Período Noturno:** um estudo participante. Tese de doutorado. Campinas, 1999.

PAES, R.R. **Educação Física escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas, Ulbra, 2001.

PEREIRA, D.W. **Escalada.** São Paulo, Odisseus Editora, 2007.

_____; CARCERONI, D. S. **A Evolução da Escalada Esportiva Indoor na Educação Física Escolar em Quatro Escolas da Rede Particular de Ensino da Grande São Paulo.** Anais do 9º Congresso Paulista de Educação Física, 2005.

_____; RICHTER, F. **A Introdução do Esporte de Aventura na Escola Pública.** UNINOVE. São Paulo, 2005.

ROCHA, J.L. **A História do Trekking**. Trata de assuntos relacionados ao *trekking*. Disponível em <http://www.jornallivre.com.br/156935/historia-do-trekking.html>. Acesso em 25 de agosto de 2008.

SÁNCHEZ, D.B. **La Educacion Física**, INDE Biblioteca Temática Del Deporte, Barcelona, 2001.

SCAGLIA, A. Jogo: um sistema complexo, in VENÂNCIO, S.; FREIRE, J.B.(orgs). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, Autores Associados. S.P. 2005.

SCHWARTZ, G.M; **Emoção, aventura e risco**: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In BURGOS, M.S.; PINTO, L.M.S.M. (orgs). *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

TAHARA, A. K. – **Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade, UNESP. Rio Claro, 2004.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. **Atividades de aventura na natureza**: investindo na qualidade de vida. Artigo publicado na efdeportes.com/ Revista Digital - Ano 8 - Nº 58 – Buenos Aires - Março, 2003.

TEREZANI, D.R. **Popularização da Canoagem como Esporte e Lazer - O Caso de Piracicaba**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNIMEP, 2004.

TERUYA, R. M. **O lazer nas atividades em integração com a natureza**, (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física, 44f.) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.

UVINHA, R.R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. Editora Manole. São Paulo. S.P. 2001.

_____, R. R. **Turismo da aventura:** uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba. Tese (Doutorado). São Paulo, 2003.

VENÂNCIO, S.; FREIRE, J.B.(orgs). **O jogo dentro e fora da escola.** Autores Associados. Campinas, S.P. 2005.

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BERALDO, A. P. **A Educação Física no Ensino Médio: o estudo de dois casos e temas para auxiliar o debate.** Monografia de final de curso. Campinas, 2004.

BROTTO, F.O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, S.P. Editora Projeto Cooperação, 2001.

C.B.C.E. (org.) – **Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs. Profissionais analisam renovações, modismos e interesses.** Ijuí. Sedigraf, 1997.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** 9ed. Campinas: Papirus, 2005.

FREIRE, J. B. – **Educação de Corpo Inteiro. Teoria e Prática da Educação Física.** São Paulo. Scipione, 1989.

_____. **De Corpo e Alma, o discurso da motricidade.** São Paulo : Summus, 1991.

LA TAILLE, Y. – **Piaget, Vygostsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo. Summus, 1992.

NORMALIZAÇÃO, **Projeto de, em Turismo de Aventura.** Trata de assuntos referentes à normatização das atividades de aventura, do ponto de vista do Ministério do Turismo. Disponível em <<http://www.turismodeaventura.org.br/projeto.htm>>. Acesso em maio de 2008

MARTINI, T.P. **Análise da Realidade das Aulas de Educação Física no Ensino Médio.** Monografia de final de curso. Campinas, 2003.

PIRES, C.R. **A Educação Física no Ensino Médio. Existe?** Monografia de final de curso. Campinas, 1998.

RANGEL BETTI, I.C. **Educação Física e o Ensino Médio: analisando um processo de aprendizagem profissional.** Tese de doutorado. São Paulo, 1998.

ANEXO 1

Relatórios de aplicação de atividades de aventura por integrantes do laboratório de estudos e trabalhos pedagógicos em educação física (LETPEF) da UNESP de Rio Claro.

RELATÓRIO 1

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

Professor Osmar Moreira de Souza Júnior

Relatório da Aplicação de Atividades

Realidade

O tema corrida de orientação foi aplicado em duas turmas de Ensino Médio de um colégio particular de Rio Claro-SP. Neste colégio os alunos do Ensino Médio fazem a opção pela modalidade, à qual suas aulas de Educação Física irão enfatizar durante o ano, uma das turmas de aplicação do tema foi a turma de Educação Física geral, na qual os alunos vivenciaram uma diversidade de conteúdos durante o ano e, a outra, foi a turma de Ginástica. As turmas são mistas em relação ao gênero dos alunos, sendo que, a de

Educação Física geral possui cerca de 35 alunos de ambos os sexos, e a de Ginástica cerca de 35 alunos sendo apenas 1 do sexo masculino e em ambas as turmas os alunos são de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. O colégio possui um bosque, onde foi desenvolvida a atividade. As aulas de Educação Física são realizadas fora da grade das demais disciplinas e com a carga horária de duas aulas semanais.

Alterações

Como o tema foi desenvolvido em aula dupla, utilizei na 1ª aula para uma apresentação em *PowerPoint*, na qual conceituei a atividade, falando sobre formas de orientação natural e por bússola (em ambas as turmas). Como as turmas eram bem grandes, optei por dividi-las em vários grupos de 4 a 5 alunos cada (na turma de E.F. geral foram 6 grupos e na de Ginástica 6), montei duas pistas que se transformaram em 4 pelo conceito de contra-azimute e fiz com que algumas pistas fossem cumpridas por mais de uma equipe.

Avaliação

Com a turma de E.F. geral, que é uma turma mais participativa, a atividade fluiu maravilhosamente bem, os alunos se envolveram e foram fiéis às regras pré-estabelecidas. Já na turma de Ginástica, que é uma turma bastante apática, houve grupos que participaram efetivamente e grupos que apenas cumpriram tabela, reclamando, desde a poeira do bosque, até o fato de ter que andar muito, durante a apresentação em sala de aula esta turma também se mostrou bem menos interessada de uma maneira geral. Contudo, entendo que a avaliação é muito positiva, pois foi trabalhado um conteúdo de caráter interdisciplinar, que acabou demonstrando como as diferentes áreas acabam se correlacionando.

Avanços

Este tipo de atividade possibilita a participação de todos os alunos, sem discriminação por habilidade ou qualquer outro critério. É necessário, apenas, alertá-los para a necessidade de se estabelecer e/ou criar um rodízio de funções para que todos participem de forma efetiva.

Dificuldades

Em princípio, a atividade era para ter sido desenvolvida nas aulas de geografia, juntamente com o professor da disciplina, porém, em função da dificuldade de se encontrar um horário no qual ele pudesse trabalhar com as turmas que estão trabalhando com o conteúdo relacionado ao tema, a proposta teve que ser mudada e a atividade realizada na aula de Educação Física. É preciso montar as pistas com tempo e paciência, pois no primeiro dia em que fiz a atividade com a turma de Educação Física geral, pensei que conseguisse montar tudo durante o horário de almoço (das 11h30 às 14h00) para a aula das 14h00 e quando os alunos chegaram eu ainda estava terminando de montar a última pista, conclusão, terminei de montar sob pressão por causa do tempo e acabei errando em alguns ângulos de contra-azimute, o que prejudicou uma das equipes.

RELATÓRIO 2

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA

Professor Nelson Sevilha

Relatório da Aplicação de Atividades

- **Descrição da Realidade**

Alunos da 3ª e 4ª séries do ensino fundamental um, ou seja, crianças de nove, dez e onze anos. EMEF Enéas Carvalho de Aguiar, situada na Vila Sabrina, e EMEF Cel. Hélio Franco Chaves, Jardim Corisco, zona norte do município de São Paulo.

Tema 1 – ATIVIDADES DE CAMINHADA

Corrida de Orientação, Trekking ou Enduro à Pé

a) Utilizando mapas

Vivência 1: Corrida de Orientação I (cooperativo)

Vivência 2: Corrida de Orientação II (cooperativo)

b) Corrida de orientação

- **Alterações em Relação à Aula**

A atividade aplicada foi corrida de orientação com algumas adaptações. Como não haviam bússolas, os alunos se orientaram por meio do Sol, encontrando os pontos cardeais e se orientando por eles. Tarefas a serem executadas nos pontos de destino também foi uma alteração. Citarei as adaptações e a forma como a atividade foi desenvolvida no próximo tópico.

- **Adaptações Avanços e Limitações**

Juntamente com a atividade de corrida de orientação, foi trabalhado o tema liderança e trabalho em equipe e também tarefas que envolviam equilíbrio e escalada.

A atividade começou com as professoras de sala de aula passando o desenho animado “Lucas Um Intruso no Formigueiro”, depois, foram discutidas questões ligadas à liderança e trabalho em equipe, questões essas que permaneceram em todas as discussões. Os alunos foram divididos em quatro equipes, as quais alternavam os líderes. Discutimos também os pontos cardeais e como detectá-los nos orientando pelo Sol. A seguir falamos sobre o “Marco Zero” da Cidade de São Paulo e determinamos um marco zero para a nossa atividade. A partir desse ponto inicial, os grupos recebiam uma orientação de direção e distância. Ao encontrarem o seu objetivo, teriam que cumprir uma tarefa e retornar ao marco zero, recebendo, então, a próxima orientação, sendo elas nas direções norte, sul, leste e oeste. As tarefas envolviam escaladas em parede, em telas, com cordas, falsa baiana e equilíbrio sobre o banco sueco.

Os avanços foram o trabalho conjunto com as professoras de sala de aula, a atividade diferenciada, o conhecimento desenvolvido e a mudança de atitude no que tange ao trabalho em grupo.

O tempo curto das aulas, aliado ao número elevado de alunos por sala foram os principais fatores limitantes. Ter que dividir o espaço físico com uma ou duas turmas que fazem aula no mesmo horário, foi um fator muito limitante. A conduta inadequada por parte de alguns alunos também foi um fator negativo na implementação das aulas.

Tema 2 – ATIVIDADES SOBRE RODAS

Essa atividade não foi vivenciada.

TEMA 3 – MONTANHISMO, ESCALADA ESPORTIVA E TÉCNICAS VERTICAIS

- Alterações em Relação à Aula

Essa atividade não foi vivenciada num “módulo próprio”, mas, juntamente com outra atividade.

- **Adaptações, Avanços e Limitações**

A principal adaptação foi a junção de duas atividades de aventura em uma só. A discussão e desenvolvimento de temas atitudinais antes da vivência, também foi uma adaptação.

Muita motivação e oportunidade para desenvolver atitudes positivas foram os principais avanços.

Nas duas escolas onde desenvolvi esses temas, os fatores limitantes foram o excesso de alunos por sala, o pouco tempo das aulas de educação física e o fato de ter que dividir o espaço das quadras com outros grupos de alunos. Em uma das escolas houve outro fator, curioso até, tenho a impressão que a escola é muito castradora e quando os alunos se vêem “livres”, nas aulas de educação física, fica muito difícil controlá-los.

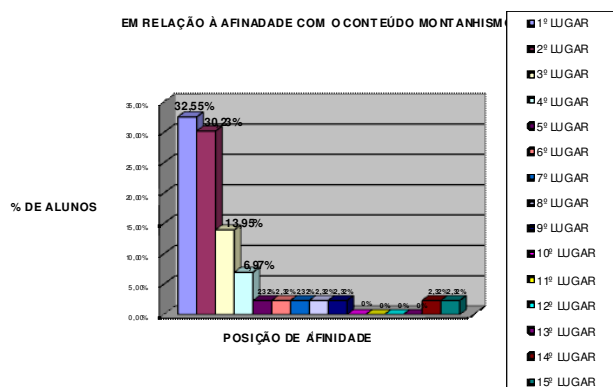
ANEXO 2**QUESTÕES E RESULTADOS DO TRABALHO DE FERREIRA (2006)**

Os gráficos a seguir são cópias literais da publicação de Diego Leandro Ferreira (2006), dados estes obtidos com nossos alunos do Ensino Médio da referida escola em que dávamos aula. Lembrando que eram 43 sujeitos (alunos do Ensino Médio), de ambos os sexos e que já haviam participado do programa de conteúdo diferenciado, Montanhismo. Vamos aos dados:

Capítulo 3 – RESULTADOS

Neste capítulo farei a apresentação dos resultados obtidos:

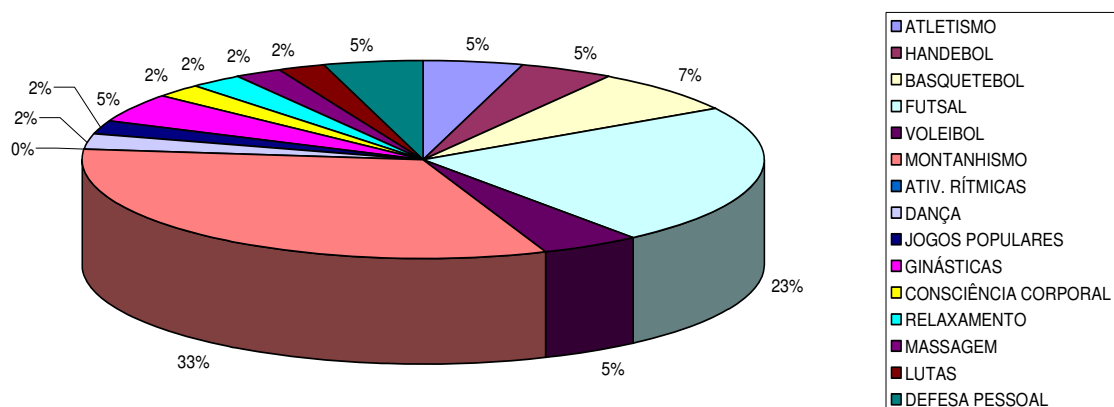
Anexo B, questionário de afinidade com os conteúdos (gráfico 1):



POSIÇÕES DE AFINIDADE

Gráfico2:

MODALIDADES COM AS QUAIS OS ALUNOS POSSUEM MAIOR AFINIDADE



Questionário sobre o conteúdo Montanhismo, cada gráfico representa uma questão das vinte e uma que compõem o questionário (anexo C), todos os gráficos estão baseados no percentual de alunos que escolheram cada opção (1, 2, 3 ou 4):

Questões 1 – 8, onde:

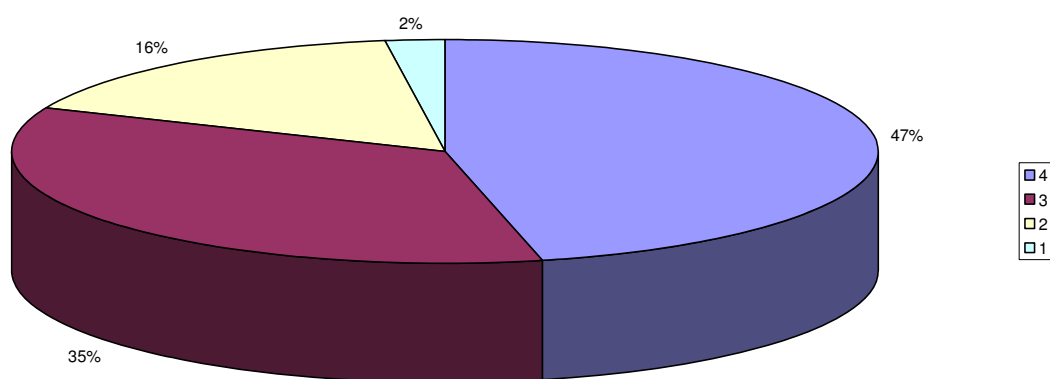
1= discorda

2= concorda em parte

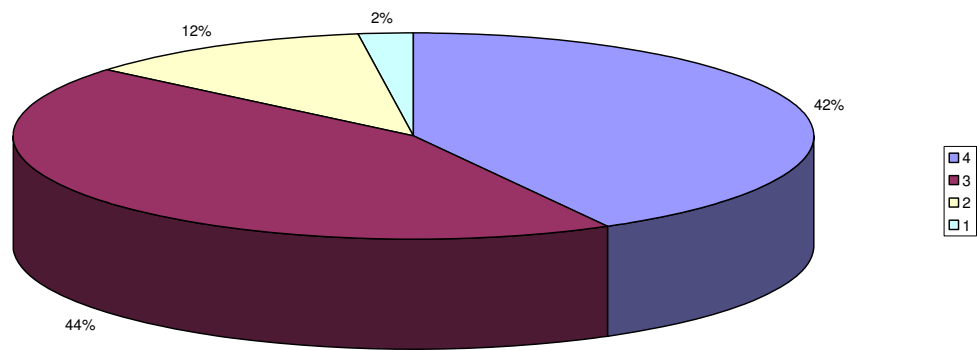
3= concorda

4= concorda plenamente

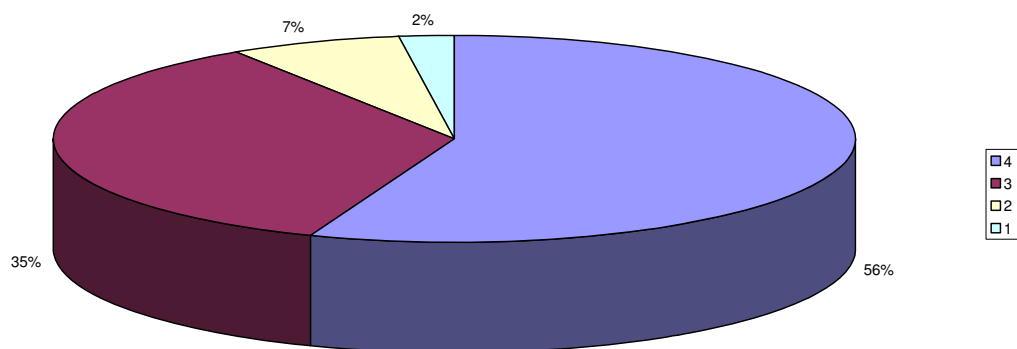
Em relação à presença do conteúdo Montanhismo nas aulas de Educação Física, você:



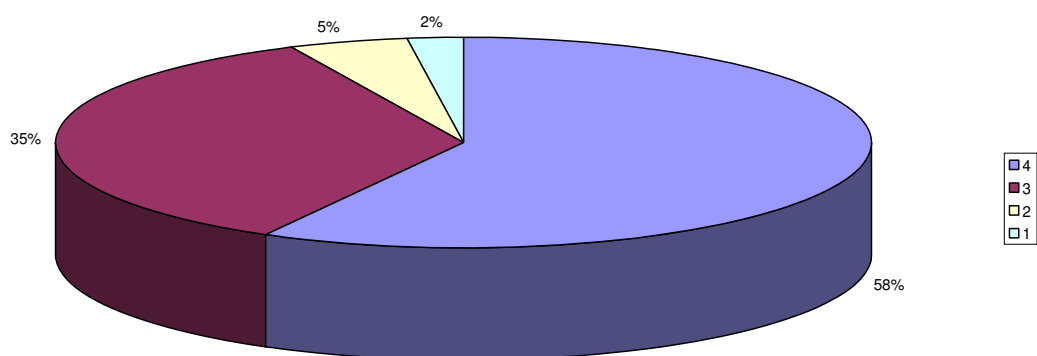
O Montanhismo possui uma grande importância nas aulas de Educação Física. Você:



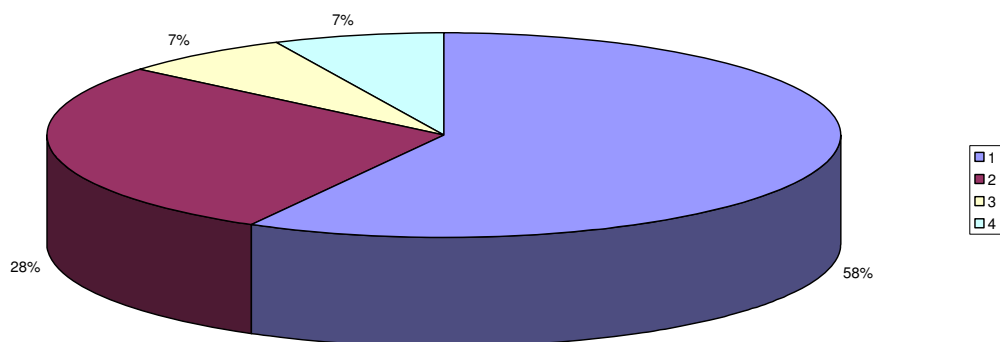
Os estudos do meio realizados dentro do conteúdo Montanhismo são importantes para uma melhor compreensão do conteúdo. Você:



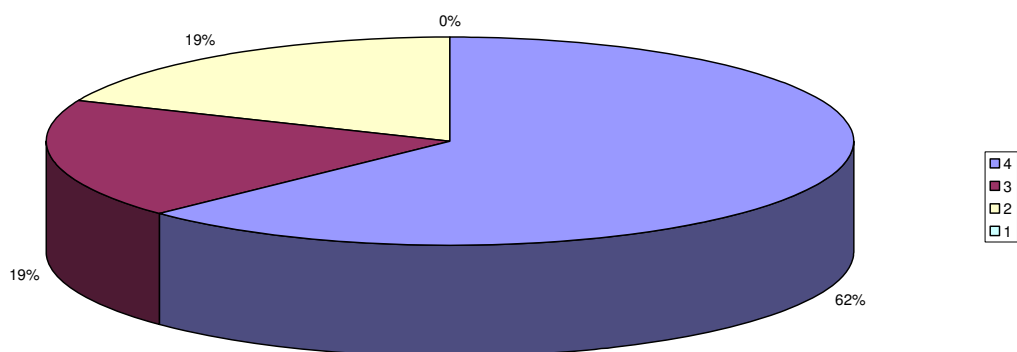
O professor amplia o conhecimento sobre montanhismo além dos aspectos técnicos. Você:



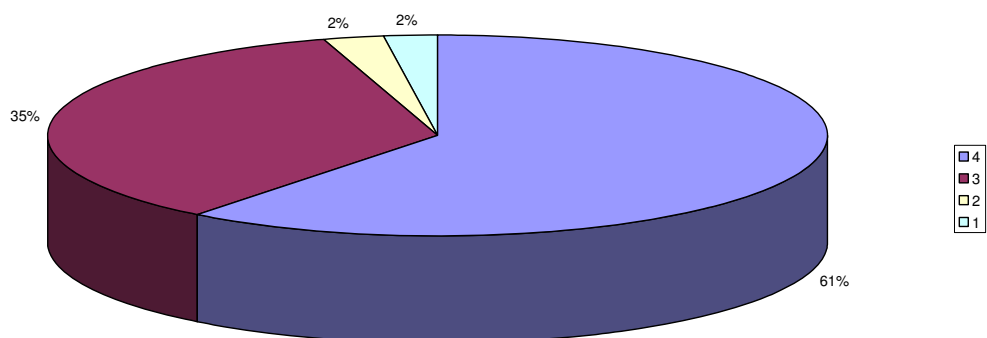
O professor se utiliza o conteúdo Montanhismo para abordar em aula princípios de cidadania. Você:



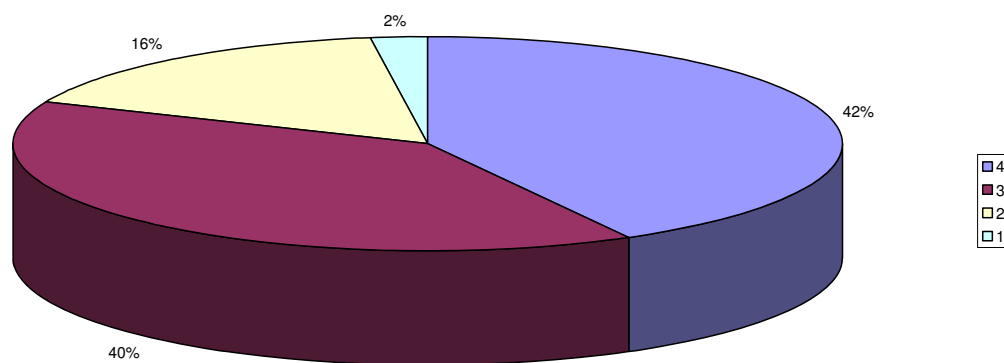
A mesma importância dada ao Montanhismo também é dada para os outros conteúdos trabalhados na Educação Física. Você:



No Montanhismo, assim como na sociedade não é possível resolver tudo sozinho. Você:



O corpo age de diferentes maneiras, de acordo com o ambiente em que se encontra, isso pode ser notado no Montanhismo. Você:



Questões 9 – 12, onde:

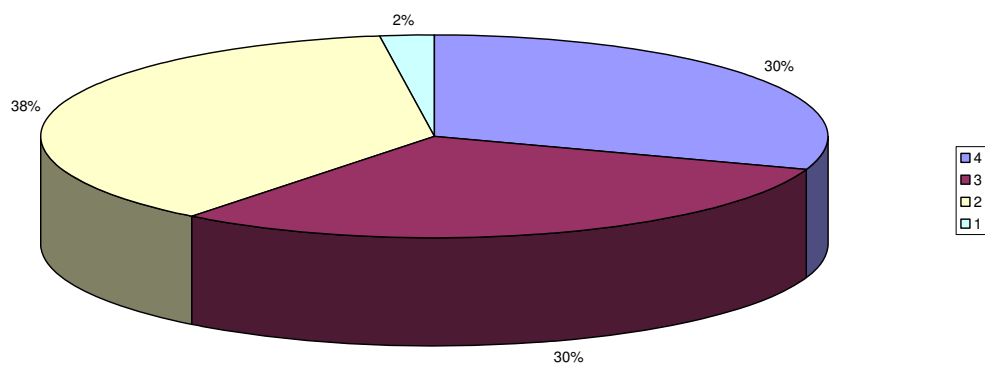
1= ruim

2= regular

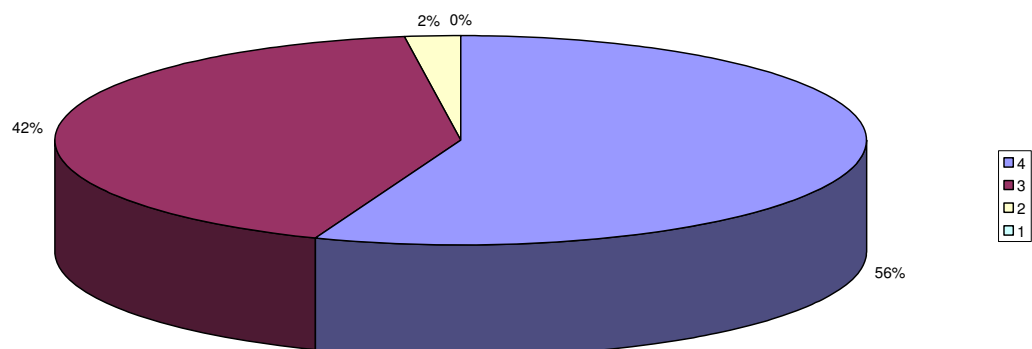
3= bom

4=ótimo

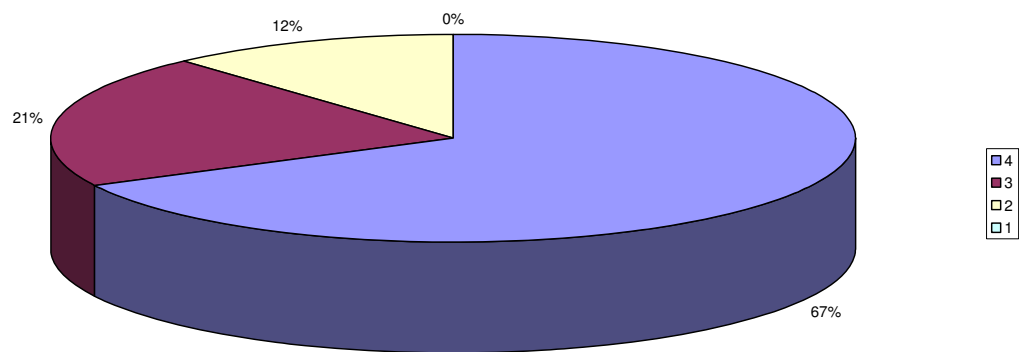
O espaço de que a escola dispõe para as aulas de Montanhismo é:



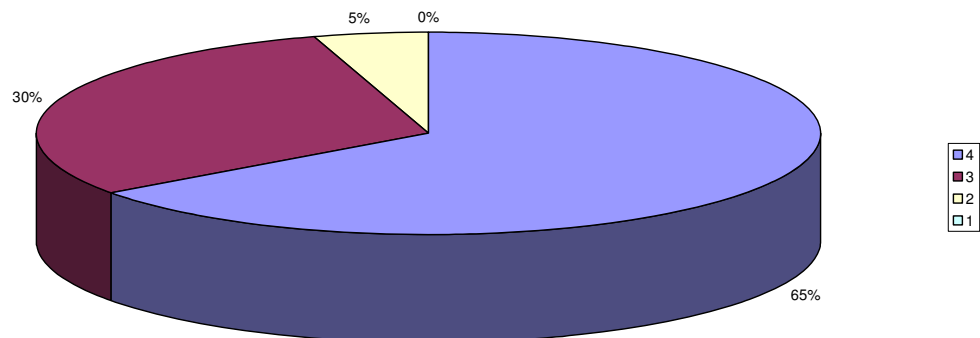
Quanto à qualidade dos equipamentos utilizados nas aulas de Montanhismo você acha:



Quanto ao domínio do conteúdo Montanhismo pelo professor, você julga ser:



A maneira com que o conteúdo Montanhismo é abordado é:



Questão 13, onde:

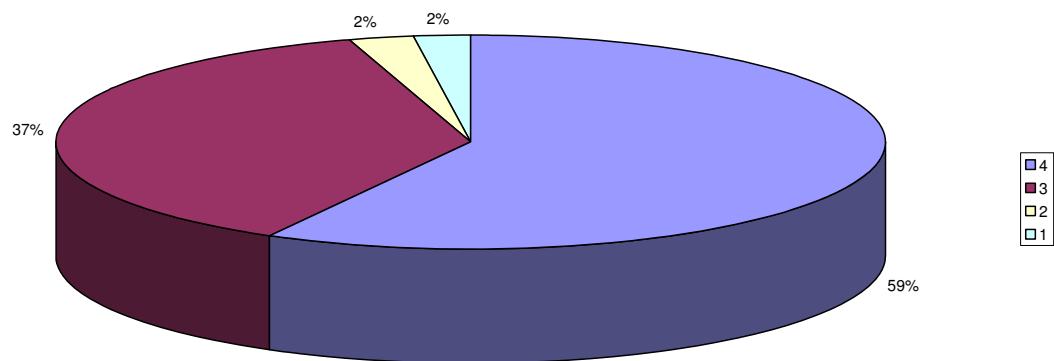
1= impertinente

2= pouco pertinente

3= pertinente

4= muito pertinente

Em relação aos assuntos abordados dentro do conteúdo Montanhismo, você os considera:



Questões 14 – 21, onde:

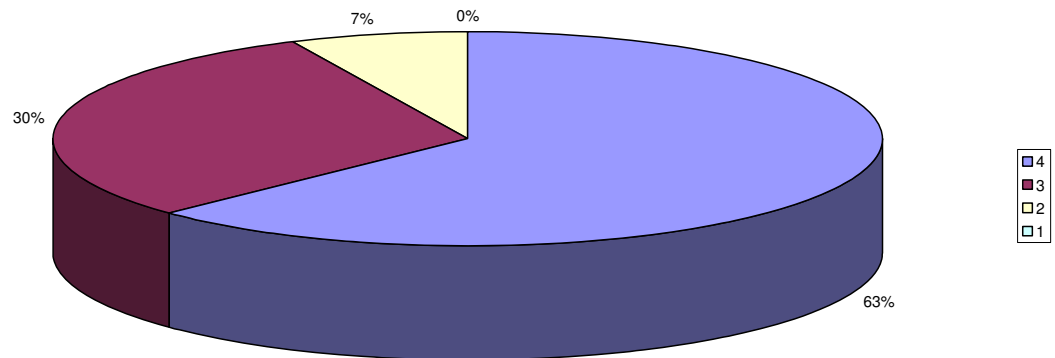
1= jamais

2= dificilmente

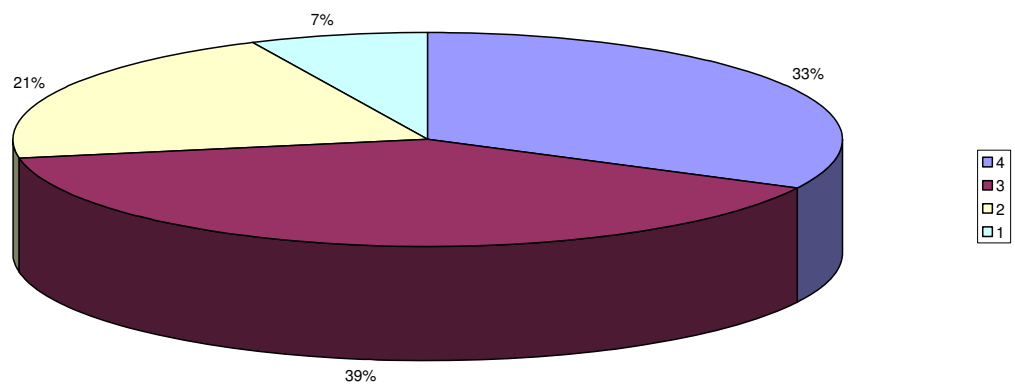
3= provavelmente

4= certamente

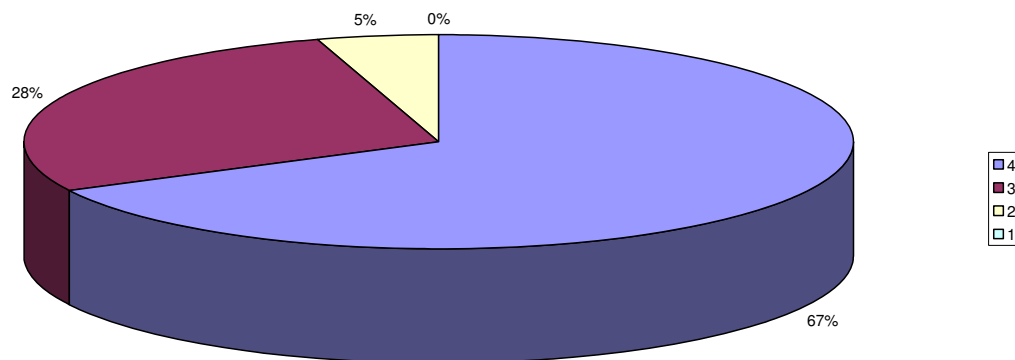
Você acha que a Educação Física escolar apresentou á você um conteúdo, o Montanhismo, ao qual você não teria acesso se não fosse na escola?



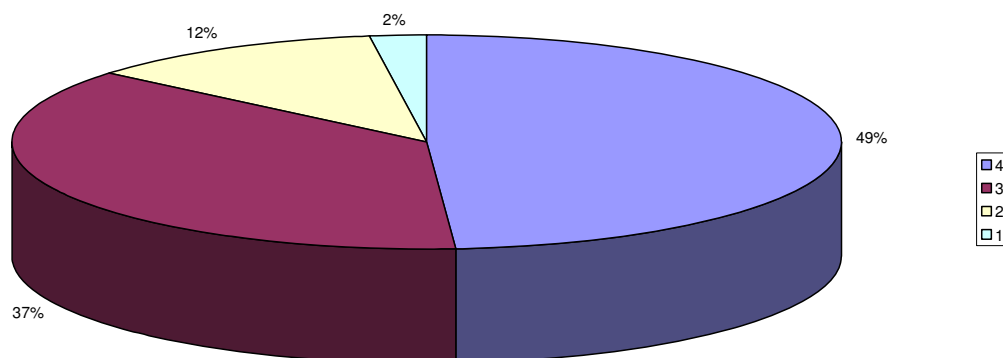
O professor faz ligações do conteúdo Montanhismo com outras disciplinas?



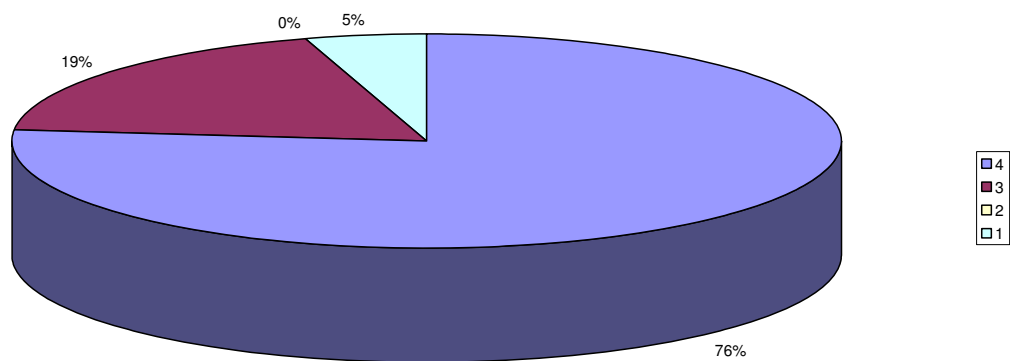
Dos temas abordados dentro do Montanhismo (técnicas verticais, noções básicas de primeiros socorros, orientação, dentre outros) algum acrescentou conhecimentos relevantes a mais para você?



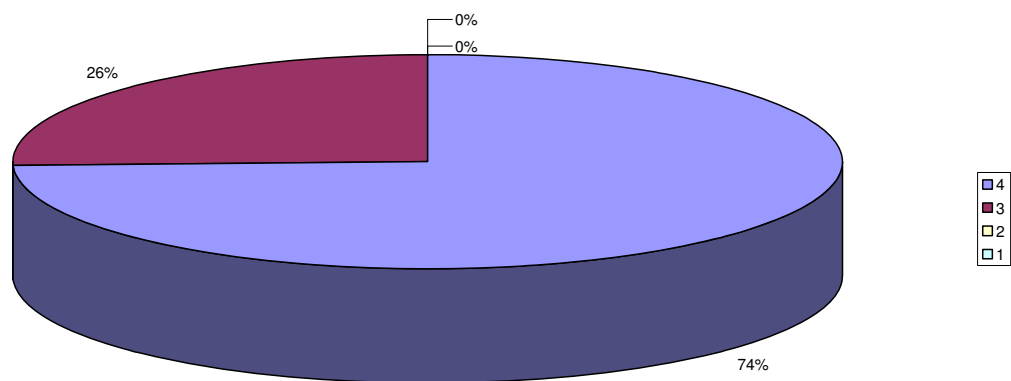
Muitos dos conhecimentos passados no conteúdo Montanhismo podem ser utilizados no lazer e nas situações do dia a dia?



Pode haver superação de limites no Montanhismo?



Os temas abordados no Montanhismo podem facilitar o contato homem-natureza, onde ambos sejam beneficiados?



Depois de vivenciar o Montanhismo você julga ter mais autonomia para escolher uma opção de lazer?

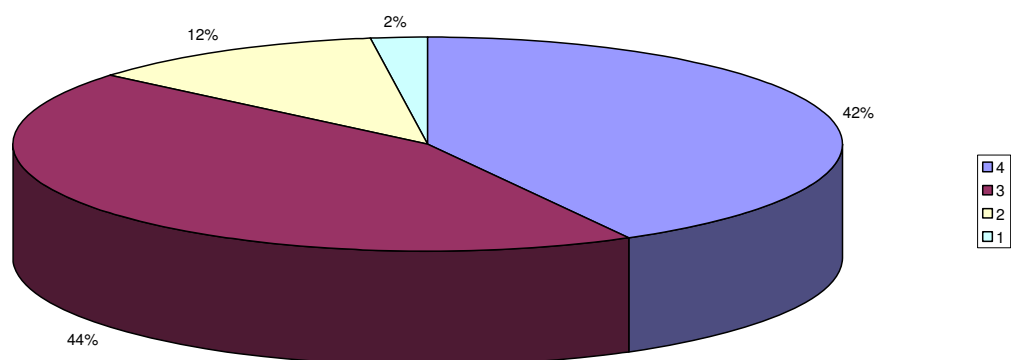


Gráfico de resumo das questões referentes ao questionário sobre o Montanhismo (anexo C)

